



Nos Mundos dos Pequenos Príncipes: *entre leituras e releituras*

Organizadores

André Augusto Diniz Lira

Fabiana Ramos

Jackeline Pereira Mendes



Nos Mundos dos Pequenos Príncipes: entre leituras e releituras



**André Augusto Diniz Lira
Fabiana Ramos
Jackeline Pereira Mendes
(Organizadores)**

**Nos Mundos dos Pequenos Príncipes:
entre leituras e releituras**



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

André Augusto Diniz Lira; Fabiana Ramos; Jackeline Pereira Mendes [Orgs.]

Nos Mundos dos Pequenos Príncipes: entre leituras e releituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 143p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1739-0 [Impresso]

978-65-265-1740-6 [Digital]

DOI: 10.51795/9786526513406

1. Literatura Infanto-juvenil. 2. Educação. 3. Formação Humana. 4. Releituras. 5. O Pequeno Príncipe. I. Título.

CDD – 370/808899282

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ilustração da capa: Emanuelle Custodio Sousa de Carvalho

Ilustrações: Emanuelle Custodio Sousa de Carvalho

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Zaira Mahmud

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Este livro foi financiado com a verba do ano de 2024 do Programa de Educação Tutorial (PET Pedagogia da UFCG curso 2564981) com recursos provenientes do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Sumário

- Apresentação: Adentrando nos Mundos dos Pequenos Príncipes** 7
André Augusto Diniz Lira, Fabiana Ramos, Jackeline Pereira Mendes
- 1. Redescobrimdo o clássico literário *O Pequeno Príncipe*: entre adaptações, releituras, versões e traduções** 17
Jackeline Pereira Mendes, Fabiana Ramos
- 2. O Pequeno no Grande: reflexões do Pequeno Príncipe sobre a infância.** Ana Beatriz Siqueira Gomes 37
- 3. Experiência e transitoriedade: um diálogo possível a partir da obra de Saint-Exupéry “O Pequeno Príncipe”** 49
José Clêyson Barbosa de Santana, Luzinete Barbosa da Silva
- 4. O Pequeno Príncipe na Literatura de Cordel: poesia popular de um clássico universal** 61
Givanilson dos Santos Sousa, Jackeline Pereira Mendes, Fabiana Ramos.
- 5. O Pequeno Príncipe Preto e a sua preciosa Baobá: pertencimento e valorização da negritude para uma educação antirracista** 79
Andreia Fernandes Oliveira, Heloíse Beatriz Lucio Sousa, Emanuely Cristina de Souza Nascimento.

6. O Pequeno Príncipe e a busca por sentido na contemporaneidade: a contribuição de Anselm Grün	109
Janaina Morais Gomes, Maria Izabel Araujo da Silva Santos; Milena da Silva Guilherme, André Augusto Diniz Lira	
7. Viajando e refletindo com o Pequeno Príncipe na Chapada Diamantina	127
Antonelly Pereira Vieira, Pamela Melo Silva Cruz, André Augusto Diniz Lira	
Organizadores	139
Autoras, autores e ilustradora	141

Apresentação

Adentrando nos Mundos dos Pequenos Príncipes

André Augusto Diniz Lira
Fabiana Ramos
Jackeline Pereira Mendes

Segundo Barbosa (1996), as obras que atravessam épocas com a marca intensa da novidade, mas, ao mesmo tempo, marcadas por sua origem, chamamos de clássicas, não apenas para indicar a sua posição em relação àquelas que se seguiram e são delas decorrência ou com elas dialogam, mas também para estabelecer o grau com referência à leitura e à releitura que delas venham a ser feitas. É esse o status do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry ([1943], 2009), um clássico da literatura mundial, que permite várias análises, se considerarmos a sua estrutura, os diferentes pontos de vista das personagens, os valores defendidos, as interações entre o narrador-personagem e o príncipe-menino protagonista, entre tantos outros aspectos do livro que imprimiu suas marcas em leitores de diferentes gerações. Essas análises podem seguir por distintas áreas de conhecimento e por diferentes pressupostos teóricos, a exemplo de abordagens nos quadros da Linguística e da Teoria Literária, da Filosofia, da Psicologia e da Psicanálise.

Trata-se de uma obra ímpar que une a perícia de uma mesma mão e de um mesmo gênio. O desenhista-aviador é um exímio narrador, criando mundos pequenos e grandes, os seres que ali habitam, as relações travadas entre esses, permitindo reflexões sobre si mesmo, sobre a sociedade em que vivemos e sobre o futuro que queremos. Uma obra que nos faz repensar as nossas práticas cotidianas, inclusive educativas, refletindo sobre o lugar e a voz da criança na relação com o adulto na contemporaneidade.

Na perspectiva da criação de adaptações, de releituras e de comentários sobre *O Pequeno Príncipe*, podemos dizer que há uma verdadeira efervescência de obras que se relacionam com esse clássico, propondo diversos cenários e outras personagens que se deparam com o primeiro pequeno príncipe (em linha de continuidade) ou com outro príncipe (em linha de descontinuidade). Há quem questione os valores expostos no clássico, mobilizando a criação de outras perspectivas dos mundos vividos, de outras narrativas, que procurem dar conta das lacunas do livro, sob outros vieses interpretativos e de construção de novos sentidos. Nessa direção, é possível encontrarmos as releituras do clássico, algumas das quais verdadeiras contraleituras. Ademais, temos os comentários da obra, as leituras reflexivas autobiográficas, bem como adaptações, visando contextualizá-la aos mais diferentes públicos.

Diante dessa variedade de obras que se conectam com o clássico de Exupéry, este livro se propõe a revisitá-lo, assim como suas releituras, adaptações e comentários. Nasce de uma parceria entre o Programa de Educação Tutorial da Pedagogia da UFCG e membros da Linha Práticas Educativas e Diversidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG, sendo este o primeiro volume, que sistematiza as obras do grupo. Essa parceria foi fundamental para fortalecer os laços entre o curso de Pedagogia do Centro de Humanidades e o Mestrado em Educação da UFCG, na medida em que foi possível aprofundar as pesquisas em relações de complementariedade e trocas, de estímulo ao fazer científico e à formação humana.

No mundo multimidiático em que vivemos, são inúmeras as possibilidades de crianças e jovens acessarem os mais diversos textos, sejam eles literários ou não. No entanto, pensando especificamente na perspectiva da obra literária, sobretudo nos grandes clássicos da literatura, seus possíveis leitores podem ter acesso a essas obras ou conhecê-las por meio de filmes, séries, postagens de trechos na internet (principalmente nas redes sociais) e, evidentemente, em adaptações ou releituras da obra. Em outras

palavras, os clássicos estão presentes em nosso cotidiano, mesmo antes de termos a oportunidade de lê-los, justamente por terem marcado gerações e consolidado no imaginário popular, por exemplo, que nem tudo o que parece um chapéu, de fato, é; que “o essencial é invisível aos olhos” e que dentro de uma caixa pode haver um carneiro ou não! Em sua atemporalidade, têm possibilitado adaptações, releituras, versões e traduções das mais diversas, mostrando que, quando realizadas com qualidade e sem perder o compromisso com os sentidos da obra original, funcionam como excelentes ferramentas de apresentação dessas obras aos seus possíveis leitores.

Desse modo, esse conjunto de textos pode funcionar como instrumento para a apropriação da literatura pelo leitor, à medida que estabelece relações com a linguagem propriamente literária, motivando a leitura dos clássicos, especialmente, quando consideramos produções derivadas de cânones da literatura brasileira e mundial, favorecendo o letramento literário (Cosson, 2006).

Como veremos, ao longo deste livro, o primeiro contato de crianças e jovens com o clássico de Saint-Exupéry pode ocorrer, inicialmente, por meio de obras oriundas de releituras e adaptações. Essas produções, ao mesmo tempo em que apresentam um novo discurso ou projeto gráfico, também atuam como mediadoras do encontro entre o leitor e a obra original, contribuindo significativamente para a formação dos pequenos e jovens leitores. No caso das adaptações, compõe-se uma nova narrativa, que deve conter o passado (o cânone) e ser outra para contemplar a recepção dos leitores (Monteiro, 2006), sendo o adaptador aquele que atualiza a linguagem da obra de forma adequada à faixa etária do leitor. Já com as releituras, tem-se a criação de um novo texto, que tem um outro por base, dando novos significados a ele.

A seguir, podemos compreender melhor o contexto de produção do presente livro e a organização dos seus capítulos que, de formas diferentes, dialogam com *O Pequeno Príncipe*.

Conhecendo o contexto desta obra e seus capítulos

Quando o PET Pedagogia da UFCG iniciou os seus primeiros estudos sobre *O Pequeno Príncipe*, em 2021, seus participantes não tinham dimensão da complexidade com que iriam se deparar. Um clássico suscita uma leitura interminável. Na acepção de Ítalo Calvino (2007), no encontro com um clássico é como se nós estivéssemos diante de uma “primeira leitura”, mas que, na contramão, sempre dizemos “estou relendo” e nunca “estou lendo”.

O projeto que se desenvolveu, no PET Pedagogia, baseou-se na *Educação Humanística*, em uma perspectiva de aprendizagem biográfica, posto que contempla a experiência e as vivências (Dilthey, 2010; Dewey, 2011), em diversos contextos educativos e sociais.

A quantidade e variedade de obras que se debruçaram sobre o livro *O Pequeno Príncipe*, nas últimas décadas, sob diversos vieses interpretativos e de gêneros textuais, o seu impacto provável na formação de novas gerações de leitores, nessa articulação entre o clássico e a contemporaneidade, possibilitaram um projeto que pudesse ser formativo para os membros do PET Pedagogia da UFCG, mas que também tivesse desdobramentos na formação de outras pessoas, seja por meio de cursos de extensão, seja através de publicações das pesquisas empreendidas. Esse caminhar do clássico ao contemporâneo é desafiador, pois coloca em foco a questão dos valores humanos, do que importa investir no sentido de sua manutenção e do que se faz necessário criticar na perspectiva do questionamento. Os objetivos deste projeto têm sido: a) analisar o livro “O Pequeno Príncipe”, considerando suas principais temáticas, sua estrutura textual, seus recursos narrativos e argumentativos. b) identificar, selecionar e escolher produções bibliográficas e cinematográficas para discutir e analisar as adaptações e releituras desse clássico na contemporaneidade. c) desenvolver comunicações, artigos e livros para publicação; d) desenvolver e executar projetos de extensão que contemplem as obras analisadas.

Na primeira fase de trabalhos (2021-2022), o PET Pedagogia da UFCG se debruçou sobre o clássico, suas adaptações e releituras, de um modo mais exploratório e as análises foram panorâmicas. Inicialmente, foi realizado um levantamento das adaptações e releituras tendo por base o livro *O Pequeno Príncipe*, que resultou em uma categorização inicial dessas obras e um banco de dados sobre a literatura existente, produzida ou traduzida para o português (brasileiro). A categorização das releituras e adaptações resultou na seguinte grelha inicial de análise: a) adaptações realizadas para o universo infantil, como a de Carneiro e Pedro (2015); b) releituras por meio de outros gêneros textuais (como o cordel, realizado por Limeira, 2017; Torquato, 2016), novas leituras a partir de direcionamentos temáticos específicos, como na perspectiva étnico-racial apresentada por França (2020) e religiosa, discutida por Barbosa Neto (2019); c) traduções e adaptações, como a de Villas (2015); d) transposições/transcrições para outras linguagens, como filmes, séries de TV etc. (Mendes; Lira, 2022; Lira; Mendes; Silva, 2022).

Foram realizados, também nessa primeira fase, o planejamento e a execução de um minicurso de extensão, denominado *O Pequeno Príncipe e suas (re)leituras na educação*, como atividade integrante dos 15 anos do PET Pedagogia da UFCG, em 2021. Dessa fase inicial do projeto ainda, resultaram as seguintes publicações: o artigo *O pequeno príncipe e suas releituras: relato de uma experiência no PET Pedagogia da UFCG*, apresentado no ENEPET - XX Encontro Nordestino dos Grupos PET; uma comunicação publicada no V Congresso Internacional de Letras - CONIL, 2022, sob o título *Releituras do Pequeno Príncipe: um mapeamento da produção brasileira* (Mendes; Lira, 2022); e o capítulo de livro *O pequeno príncipe e suas releituras: letramento literário e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão* (Lira; Mendes; Silva, 2022).

Na segunda fase desse projeto, de 2023 em diante, ampliou-se o acervo dos livros do banco de dados sobre *O Pequeno Príncipe*, mas se privilegiou pesquisas mais direcionadas a determinadas

obras selecionadas. Foi necessário, portanto, ampliar os estudos sobre análise textual e literária, sobre adaptações e releituras de livros clássicos, sendo responsáveis por essa formação o tutor, André Augusto Diniz Lira e Jackeline Pereira Mendes, ex-petiana e agora Mestranda em Educação na UFCG.

As pesquisas sobre as obras contemporâneas (adaptações e releituras) foram realizadas por até três integrantes do grupo e compartilhadas para todos, produzindo-se um texto ao final do processo como uma proposta de capítulo de livro, que foi posto em discussão coletiva, em suas duas primeiras versões, sendo reescritos com as sugestões do grupo. A consolidação desse trabalho pelos autores (as) resultou nos capítulos que passamos a apresentar.

No primeiro capítulo, Jackeline Pereira Mendes e Fabiana Ramos apresentam uma fundamentação teórica para a compreensão das adaptações, releituras, versões e traduções, tendo por base o clássico e as produções decorrentes. Esse capítulo é fundamental para descortinar como um livro clássico mobiliza o campo literário em diversos contextos e propósitos.

O segundo capítulo, escrito por Ana Beatriz Siqueira Gomes, se pauta em uma leitura do clássico na trilha da reflexividade autobiográfica, na medida em que a autora tanto o apresenta quanto retorna a sua própria infância para pensar os temas elencados, sob o viés da continuidade do Pequeno no Grande. Por sua vez, José Clêyson Barbosa de Santana e Luzinete Barbosa da Silva, no capítulo posterior, refletem como a temática da transitoriedade marca a obra de Saint-Exupéry, de modo que nos fazem refletir sobre o valor da própria vivência para uma vida mais plena.

Os capítulos seguintes enfocam mais as releituras, as adaptações e os comentários em contextos diversos de produção. O quarto capítulo de Givanilson dos Santos Sousa, Jackeline Pereira Mendes e Fabiana Ramos analisa a produção em cordel emanada de *O Pequeno Príncipe*, sendo uma rica contribuição às produções ditas de cunho mais regionalista e que contribuem para a formação leitora no âmbito da sala de aula.

No quinto capítulo, Heloíse Beatriz Lucio Sousa, Emanuely Cristina de Souza Nascimento e Andréia Fernandes Oliveira tratam do livro infantil *O Pequeno Príncipe Preto*, considerando o pertencimento e a valorização da negritude para uma educação antirracista. Esse capítulo é um contributo para pensar o livro clássico por uma outra via interpretativa e crítica.

Janaina Morais Gomes, Maria Izabel Araujo da Silva Santos, Milena da Silva Guilherme e André Augusto Diniz Lira, no sexto capítulo, analisam a obra de Anselm Grün, *O Pequeno Príncipe para gente pequena e gente grande*, sendo esse um comentário desse autor baseado na busca pelo sentido da vida na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva da espiritualidade, calcada na Psicologia e na tradição cristã.

No último capítulo, Antonelly Pereira Vieira, Pamela Melo Silva Cruz e André Augusto Diniz Lira analisam o livro *O Pequeno Príncipe visita a Chapada Diamantina*, da autora Christiane Couve de Murville, uma obra ambientada nesse contexto geográfico, pondo em relevo as maravilhas despercebidas dessa região e da própria vida por um garimpeiro que encontra o pequeno príncipe.

Ademais, o livro conta com as ilustrações de Emanuelle Custodio Sousa de Carvalho, ex-petiana e atualmente mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG, na linha de História, Políticas e Gestão Educacionais. Agradecemos o seu engajamento no projeto, que nos permitiu ampliar a leitura e refletir por meio de seus desenhos.

Finalmente, considerando a relevância do fomento ao trabalho de pesquisa desenvolvido para a produção da obra aqui apresentada, agradecemos ao MEC/FNDE pela concessão das bolsas aos petianos e petianas, por meio do Programa de Educação Tutorial, como também pelo financiamento para a publicação deste livro; à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ, pela concessão de bolsa de pós-doutorado para a profa. Dra. Andreia Fernandes Oliveira e à CAPES pela concessão de bolsa de Mestrado a Jackeline Pereira Mendes, ambas no Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG.

REFERÊNCIAS

ARANA, Alba Regina *et. al.* Adaptações, releituras e reescrituras de clássicos literários brasileiros. **Colloquium Humanarum**, vol. 11, n. Especial, Jul–Dez, 2014, p. 738-745. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2014.v11.nesp.000597.

BARBOSA João Alexandre. A literatura como conhecimento: leituras e releituras. **Signótica**, v. 8, n. 1, p. 35-44, 1996.

BARBOSA NETO, Dom João Baptista. **O Pequeno Príncipe no Mosteiro**. Ilustrações Maria Cininha. São Paulo: Corvo Amigo, 2018.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 2. ed. Petropólis: Vozes, 2011.

DILTHEY, Wilhelm. **Filosofia e Educação**. São Paulo: EDUSP, 2010.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações Juliana Barbosa Pereira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

GRÜN, Anselm. **O Pequeno Príncipe para Gente Pequena e Gente Grande**. São Paulo: Paulus, 2020.

LIMA, Stélio Torquato. **Cordel do Pequeno Príncipe**. Ilustrações Maércio Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2016.

LIMEIRA, Josué. **O Pequeno Príncipe em Cordel**. Ilustrações Vladimir Barros. 2. ed. Recife: Editora Cativar, 2017.

LIRA, André Augusto Diniz et al. O pequeno príncipe e suas releituras: letramento literário e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. *In*: BEZERRA, Tânia Serra Azul Machado;

MARQUES, Edite Colares Oliveira; FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **Cultura Escolar em Tempos de Pandemia...** Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://edito.rarealize.com.br/artigo/visualizar/92096>>. Acesso em: 30 set. 2024.

MENDES, Jackeline Pereira. Releituras do Pequeno Príncipe: um mapeamento da produção brasileira. *In: Anais do V Congresso Internacional de Letras* [livro eletrônico] / Congresso Internacional de Letras (5.: 2022: Bacabal, MA – on-line). – 1. ed. – Bacabal, MA: Letraria, 2022.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura.** Rio de Janeiro, maio de 2006. 248 págs. Tese de Doutorado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

MURVILLE, Christiane Couve de. **O Pequeno Príncipe visita a Chapada Diamantina.** 1. ed. São Paulo: Editora da Autora, 2020.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** Trad. Dom Marcos Barbosa. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SOUZA, Gladstone Elias de. **Jesus e o Pequeno Príncipe: diálogos e releituras: teologia, literatura e psicanálise.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.

VILAS, Leila. **Turma da Mônica: o pequeno príncipe.** Antoine de Saint-Exupéry; tradução e adaptação Leila Villas; ilustrações José Márcio Nicolosi. Barueri: Girassol, 2015.



Redescobrimo o clássico literário *O Pequeno Príncipe*: entre adaptações, releituras, versões e traduções

Jackeline Pereira Mendes
Fabiana Ramos

Introdução

- *Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante. [...].*
- *Os homens esqueceram essa verdade – disse ainda a raposa – Mas tu não deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...*
- *Eu sou responsável pela minha rosa ... – repetiu o príncipezinho, para não esquecer*
(Saint-Exupéry, [1943] 2018).

Ao longo das últimas décadas, o mercado editorial tem crescido consideravelmente, sobretudo no que diz respeito às produções literárias para o público infantil e juvenil. Editoras brasileiras surgem como específicas para a produção de livros infantis, enquanto outras se destacam no quesito tradução ou adaptação de grandes clássicos da literatura. O mesmo acontece com os autores: alguns, clássicos, e outros, emergentes, vêm abordando em suas obras as mais diversas temáticas, utilizando diferentes técnicas de ilustração ou, como também tem ocorrido, lançando-se no mercado como escritores a partir da adaptação ou releitura de obras de reconhecimento nacional ou internacional. Um exemplo disso é o livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry ([1943]; 2018), que tem inspirado crescentes produções realizadas neste século (XXI), incluindo adaptações e releituras.

Adaptações, releituras, versões e traduções de grandes clássicos da literatura são formas de explorar novas possibilidades de organização do discurso, buscando alcançar um público mais

amplo e investir em histórias que, ao longo dos anos, têm cativado leitores de todas as idades e nacionalidades, como é o caso de *O Pequeno Príncipe*. No entanto, em meio a tantas produções de excelente qualidade, o leitor também pode se deparar com livros criados com um foco predominantemente comercial, sem a devida atenção à qualidade da obra publicada.

Diante desse cenário, o presente texto busca analisar o papel dos clássicos literários e a importância de sua leitura na contemporaneidade, com foco em *O Pequeno Príncipe*, além de explorar como adaptações, releituras, versões e traduções dessa obra são apresentadas atualmente. Nesse sentido, reafirmarmos a importância dos grandes clássicos da literatura para a formação de leitores, o que implica considerar que o primeiro contato com essas obras pode acontecer desde a mais tenra idade, por intermédio, sobretudo, de adaptações e releituras, permitindo novas interpretações e acesso a públicos variados, mantendo o clássico vivo e relevante na cultura contemporânea. Ao abordar especificamente o clássico *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry, [1943]; 2018), a análise contribui para entender de que forma as diferentes interpretações e formatos dessa obra ajudam a renová-la para as novas gerações, além de adaptar seus significados e ensinamentos aos contextos culturais atuais.

Como percurso metodológico, este estudo apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. De acordo com Moreira e Caleffe (2006), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Moreira; Caleffe, 2006, p. 74). Essa forma de investigação científica não deve ser produzida ou entendida como uma mera cópia do que já foi escrito, mas sim, como uma oportunidade de elaborar uma reflexão crítica a partir do que já se encontra posto na literatura, contribuindo e avançando do ponto de vista da discussão teórica. Dito isso, esta pesquisa parte das seguintes perguntas: por que e quais são os caminhos possíveis para ler uma obra literária clássica na contemporaneidade? Há uma diferença conceitual no que os

autores têm denominado como adaptação, releitura, versão e tradução?

Diante desses questionamentos, nos debruçamos sobre obras que apresentam discussões e reflexões pertinentes acerca da temática explorada e dos questionamentos levantados, enfatizando autores como Calvino, ([1981]; 1993); Cademartori ([2009]; 2024) Colomer *et al.* ([2018]; 2024); Machado (2002); Monteiro (2006); Rangel (2012), dentre outros. Dessa forma, este estudo surge a partir dessas inquietações e na tentativa de construir uma primeira aproximação com a referida temática. Não temos a pretensão de elaborar respostas que deem conta integralmente desses questionamentos, mas acreditamos ser possível incitar um diálogo pertinente a partir das contribuições dos autores mencionados.

Isso posto, este texto está organizado em três seções. Na primeira, discutimos o lugar dos clássicos na contemporaneidade, com foco na obra *O Pequeno Príncipe*. Na segunda, refletimos sobre as diversas abordagens do mercado editorial que permitem que leitores de todas as idades se aproximem dos clássicos da literatura por meio de adaptações, releituras, versões e traduções. Por fim, apresentamos nossas considerações finais com base no estudo desenvolvido.

A atualidade dos clássicos literários: com destaque para *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry

Desde a sua primeira publicação, o livro *O Pequeno Príncipe* ([1943], 2018), que guarda a história do narrador e seu encontro com um príncipe criança, com um teor filosófico e poético, tem conquistado leitores de todas as idades, assim como tem permitido novas interpretações para uma narrativa que já ocupa, mundialmente, o lugar de clássico da literatura. Todo o movimento de surgimento de uma diversidade de produções artísticas inspiradas por essa obra nos leva a um questionamento central: por que o livro *O Pequeno Príncipe*, mais de 80 anos após sua publicação, continua encantando leitores de todas as idades? Para buscar

possíveis reflexões que nos ajudem a construir uma resposta a essa pergunta, apoiamo-nos, inicialmente, nas contribuições de Calvino (1993), que nos auxiliam a compreender o motivo pelo qual devemos ler os clássicos, o que, por consequência, amplia nossa compreensão do que define uma obra clássica.

Nessa conjuntura, podemos entender o referido livro de Saint-Exupéry como um autêntico clássico da literatura mundial, traduzido para mais de 200 idiomas. Refletindo sobre o lugar da literatura em nossas vidas, entendemos, a partir das contribuições de Cosson (2021, p. 17), que

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

Quantos leitores tiveram suas identidades influenciadas pela leitura de um conjunto de livros, sejam eles clássicos ou não? Quantos leitores foram e ainda são impactados pelos diálogos presentes ao longo da obra clássica de Saint-Exupéry?

Ler uma obra literária nos permite fazer parte de uma comunidade que compartilha uma experiência de leitura em comum, como se guardassem um segredo. Um coletivo que, no caso do livro *O Pequeno Príncipe*, entende que a imagem da página 7 não é um chapéu; que descobre ao longo da leitura a importância do carneiro para o pequeno príncipe (Saint-Exupéry, 2018, p. 10-12); que compreende a relação entre o príncipe, o trigo e a raposa (Saint-Exupéry, 2018, p. 67), entre outros aspectos.

Ainda de acordo com Cosson (2021, p. 27), “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço”. Em outras palavras, os sentidos de uma obra sofrem modificações de acordo com a geração que a lê e compartilha suas interpretações, dúvidas e emoções despertadas pela leitura.

A partir dessas reflexões sobre o universo literário, Calvino (1993, p. 11, grifos do autor) apresenta a seguinte definição de obra literária clássica: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” Um clássico é uma obra historicamente situada, que fala a partir do tempo e espaço em que foi escrita, ao mesmo tempo que deixa sua marca nos leitores e nas culturas ao longo do tempo, sobrevivendo e resistindo às transformações sociais e às marcas da atualidade. Em uma defesa incisiva sobre o papel dos clássicos na formação dos leitores, Calvino (1993) destaca:

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário (Calvino, 1993, p. 12).

Para o autor, as instituições educacionais devem priorizar a apresentação e leitura dos grandes clássicos da literatura, em detrimento de obras que os interpretam. Os clássicos não podem ser esquecidos ou substituídos, considerando seu papel formativo e o modo como retratam a cultura em diferentes momentos e perspectivas. Nesse direcionamento, compreendemos as releituras e adaptações como novas abordagens e possibilidades de (re)escrever uma narrativa existente, mas, de forma alguma, elas podem ser vistas como substitutas da obra original.

Ainda sobre a importância dos clássicos literários, Colomer *et al.* (2024) defende que é responsabilidade da escola oferecer às crianças acesso à tradição cultural socialmente construída e partilhada, a partir dos objetivos educacionais estabelecidos e das possibilidades de mediação durante a leitura dos grandes clássicos. Alinhando-se a essa perspectiva, Cosson (2021) chama a atenção para três aspectos que devem ser considerados na seleção das obras a serem lidas pelos estudantes na escola, tendo o leitor como ponto

de orientação: o cânone, a atualidade do texto e a diversidade da produção literária.

No primeiro caso, o pesquisador destaca a importância das obras clássicas para a formação dos jovens leitores, pois elas preservam parte da nossa identidade cultural, que será recusada ou reformulada pelo leitor. Com relação à atualidade do texto, Cosson (2021, p. 34) sublinha a distinção entre as noções de contemporaneidade e atualidade, afirmando que “Obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação”. Por fim, a diversidade da produção literária refere-se às temáticas, aos autores e aos gêneros literários, permitindo que seja possível partir da zona de conforto do leitor e lhes apresentar obras com diferentes níveis de complexidade, de modo a dialogar com os conhecimentos já existentes do leitor e expandi-los.

Pensando no livro *O Pequeno Príncipe*, sua atualidade tem contribuído para a formação de leitores ao longo dos últimos 80 anos, sendo reformulado, atualizado em seu discurso e traduzido em diferentes versões. Indo ao encontro do pensamento de Cosson (2021), Colomer *et al.* (2024, p. 211) afirmam que “o que define uma obra clássica é sua capacidade de ser antiga e moderna ao mesmo tempo”, o que remete à sua atualidade. Além disso, “Os clássicos literários referem-se a aspectos da experiência humana e permitem diferentes interpretações, mas são sempre interessantes para cada nova geração que os incorpora à sua leitura” (p. 211). Assim, as grandes obras da literatura costumam apresentar personagens inesquecíveis, cenários e enredos que povoam o imaginário popular, com trechos marcantes referenciados em diferentes contextos e produções culturais destinadas às crianças (filmes, músicas, publicidade, jogos, entre outros).

Dentre os clássicos mais lidos mundialmente, os referidos autores destacam *O Pequeno Príncipe* como um dos títulos com mais de 50 milhões de cópias vendidas. Além disso, três argumentos são apresentados para responder à pergunta “Por que prestar atenção

nos clássicos?” (Colomer *et al.*, 2024). Primeiro, os clássicos criam conexão entre os leitores, à medida que diferentes gerações passam a compartilhar o conhecimento que tais obras guardam, reconhecendo e realizando analogias com seus personagens, mencionando e/ou referenciando trechos conhecidos etc.

Em segundo lugar, uma obra clássica assume a função de instrumento, pois ajuda o leitor a entender o mundo e a si mesmo. Como afirmam os autores, “Conhecer as formas mais eficazes, os personagens mais inesquecíveis, as perspectivas alheias ou as imagens mais potentes oferece instrumentos valiosos às novas gerações para tornar compreensíveis o mundo e a si próprios” (Colomer *et al.*, 2024, p. 219).

Em terceiro lugar, os clássicos promovem uma ligação entre diferentes níveis culturais, funcionando como um mapa. Através de sua leitura, as crianças se aproximam de outras culturas, representadas em períodos históricos distintos, percebendo “que nem toda ficção tem a mesma função de elaboração e leitura, e que a compreensão dos traços do período no livro (seus valores desencadeantes em relação aos atuais, por exemplo) faz parte da interpretação” (Colomer *et al.*, 2024, p. 223).

Caminhos para ler um clássico da literatura: entre *adaptações, releituras, versões e traduções*

As produções atuais que têm abordado *O Pequeno Príncipe*, sob novas perspectivas, apresentam inovações do ponto de vista estilístico, temático e na exploração das ilustrações. Essas obras exploram questões étnico-raciais (França, 2020), outras são estruturadas na linguagem de cordel (Lima, 2016; Limeira, 2017), inovam nas ilustrações, inserindo personagens conhecidos do público brasileiro, como a Turma da Mônica (Vilas, 2015) ou constituem-se a partir de um discurso teológico e catequético (Barbosa Neto, 2018; Souza, 2018), distanciando-se do viés literário e enquadrando-se como paradidáticos.

Ao iniciar as reflexões sobre os conceitos que nos apontam novos caminhos para conhecermos os clássicos da literatura, Machado (2002), discutindo o processo de adaptação dos clássicos, chama a atenção para o fato de que, quando os leitores, sejam crianças ou jovens, têm contato com grandes obras da literatura desde cedo, essas tendem a ser incorporadas em suas vidas, contribuindo para a construção de suas identidades e para a ampliação da bagagem afetiva e cultural.

Contudo, apresentando uma perspectiva que se distancia em parte da de Calvino (1993), Machado (2002) destaca quatro pontos fundamentais que devem ser considerados, ao pensar na leitura de clássicos desde a infância: 1) a leitura não pode ser uma imposição ou obrigação, mas sim um direito do cidadão; 2) o clássico nunca sai de moda, pois é uma obra eterna; 3) o gosto pela leitura não é criado por meio de uma imposição, onde o sujeito é obrigado a ler para realizar uma avaliação; 4) “O primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente” (Machado, 2002, p. 15).

Concordamos com essa visão, pois acreditamos na potencialidade de uma adaptação de qualidade, que pode contribuir para a formação de leitores literários. Não defendemos o abandono dos grandes clássicos da literatura, como é o caso da obra Saint-Exupéry (2018), mas reconhecemos as adaptações como uma forma de mediação e uma primeira aproximação entre o leitor e a obra original.

Nessa conjuntura, entendemos a adaptação como um processo pelo qual o discurso literário é atualizado. Em outras palavras, “Toda sociedade, em qualquer época, é construída por meio de uma rede sofisticada e complexa de discursos; para se manter coesa ou para se reconstruir constantemente, se corrigir, se ajustar, depende da atualização de seus discursos” (Monteiro, 2006, p. 16). O autor também defende, com base no pensamento de Michel Foucault, o lugar das adaptações no cenário das produções literárias, bem como a necessidade dessas produções. A adaptação

surge como uma estratégia importante para apresentar um determinado discurso literário à nova geração de crianças e jovens leitores, sendo considerada “um tipo especial de tradução que envolve seleção de conteúdo (pois resume o enredo) e adequação de linguagem para apresentar a obra escolhida aos jovens de um novo tempo [...]” (Monteiro, 2006, p. 16).

Realizar a adaptação de grandes clássicos da literatura é um processo exigente, que envolve síntese, paráfrase e a necessidade de evitar cortes abruptos no texto. Isso porque, “Um texto mutilado não é uma adaptação, não atualiza nenhum tipo de discurso. Para ser adaptação é preciso ser paráfrase, o texto deve ser novo, o adaptador deve recontar a história do seu jeito, com suas próprias palavras” (Monteiro, 2006, p. 17).

No que diz respeito à releitura, se por um lado Calvino (1993) a entende como o processo de ler uma determinada obra novamente em outro momento da vida e ser tocado por ela, por outro lado, ao interpretar a releitura de forma mais ampla, do ponto de vista da produção artística, Rangel (2012) a vê como o resultado de uma leitura feita com seriedade, a partir da qual outras interpretações podem surgir, resultando em um produto material, seja uma pintura, escultura, obra literária, entre outras formas de expressão artística. Assim, a ideia defendida pela autora é de que a releitura não pode ser entendida como uma mera cópia da obra original. Isso posto,

Podemos então definir a releitura, como uma atualização do olhar que se transforma, que se amplia a cada nova leitura. Releitura no âmbito do Fazer Artístico significa fazer a obra de novo, acrescentando ou retirando informações. Não é cópia. Cópia é a reprodução da obra. Rer ler uma obra subentende adquirir conhecimento sobre o artista e a contextualização histórica. É uma nova visão, uma nova leitura sobre a obra já existente, uma nova produção com outro significado. O produto final da releitura pode levar ou não ao reconhecimento da obra escolhida. Rer ler é interpretar a obra, é colocar sua visão de mundo, suas críticas, sua linguagem e suas experiências sobre a obra escolhida (Rangel, 2012, p. 48).

Se entendermos o livro como um produto cultural e a literatura como arte, os processos de adaptação e releitura se enquadram como produções ou atos artísticos, aproximando-se ou distanciando-se da obra literária conceituada socialmente como clássica. Assim, se a releitura não é uma cópia, isso implica que ela se constitui como uma nova produção, com mudanças nos personagens, cenários, acontecimentos, entre outros aspectos. Isso é viável, desde que o texto não se apresente de forma mutilada. Além disso, a releitura também pode se inspirar em uma obra clássica, sem necessariamente preocupar-se com a fidelidade ao texto original.

O que estamos conceituando como adaptações e releituras é explorado por Colomer *et al.* (2024) como adaptações e versões. Antes de introduzir esses conceitos, os autores discutem o papel que as traduções desempenham em nossas experiências como leitores. Isso porque “boa parte da produção literária que consumimos ao longo da vida foi originalmente escrita em uma língua estrangeira e nós a conhecemos por meio do trabalho do tradutor” (Colomer *et al.*, 2024, p. 88). Os pesquisadores também ressaltam a responsabilidade que recai sobre os mediadores de leitura, normalmente professores, ao escolher e ler obras, traduções ou adaptações de boa qualidade, considerando o prazer da palavra e a experiência literária, que pode aproximar ou distanciar os leitores da obra original.

Nesse sentido, três critérios podem ser considerados, ao avaliar a confiabilidade das traduções disponíveis no mercado editorial. Primeiro, é essencial que a obra inclua o nome do tradutor, garantindo a confiabilidade do trabalho. Segundo, não basta que a linguagem esteja correta; ela deve soar natural, respeitando e buscando equivalências entre o idioma original e o de destino. Por fim, uma boa tradução é um texto “completo e rico, tem a beleza da linguagem literária e não oferece apenas um resumo pobre e simplificado da história” (Colomer *et al.*, 2024, p. 89).

Diante dessas considerações, entendemos que, muitas vezes, há um entrelaçamento entre tradução e adaptação, como ocorre com o clássico de Saint-Exupéry, que ao longo das últimas décadas tem passado por ambos os processos. Nesse direcionamento, de acordo com Cademartori (2024, p. 68), “Obras traduzidas e adaptadas exercem importante função tanto na formação quanto no entretenimento do leitor jovem”. A autora destaca que a produção cultural contemporânea, ancorada na *estética da repetição*, termo cunhado pelo escritor Omar Calabrese (1987), tem contribuído para desconstruir a concepção de que as versões (termo apresentado pela autora como sinônimo de adaptação) de uma determinada obra são inaceitáveis ou de menor importância, se comparada à produção original. Evidentemente, seja nas adaptações ou nas traduções, alguns elementos são suprimidos da obra original, preservando apenas o que é essencial na narrativa. Esses elementos constituem as marcas de identidade da obra original, o que a distingue das demais e explica o que a fez, por exemplo, tornar-se clássica, resistindo ao tempo, às transformações da sociedade e encantando gerações, como é o caso da produção de Saint-Exupéry (2018).

Sendo assim, pensando na etimologia dessas palavras, para tentar compreender a complexidade do trabalho dos adaptadores e tradutores, “Traduzir tem origem no verbo latino *traducere*, que significa conduzir alguém para outro lugar. A ideia, portanto, é de transportar para algo diferente. Adaptar, por sua vez, tem raiz na ideia de aproximação” (Cademartori, 2024, p. 68-69, grifo da autora). Adaptações e traduções têm ganhado cada vez mais espaço no mercado editorial, cabendo aos leitores e/ou professores-mediadores, selecionarem produções que, quando bem-feitas, tendem a contribuir para a formação dos pequenos e jovens leitores.



Voltando às contribuições de Colomer *et al.* (2024), aprofundando essa discussão, os autores destacam que, ao tratar das versões e adaptações:


Há uma longa tradição crítica que valoriza versões e adaptações a partir do discurso da fidedignidade. Nessa perspectiva, a adaptação perde sempre em relação ao original e é descrito com os termos infidelidade, traição, banalização ou vulgarização. Entretanto, as adaptações também podem ser pensadas como estendendo o original a novos públicos ou tornando as obras possíveis em novos formatos que estabelecem um diálogo entre os dois textos; e as versões dialogam com o original para expressar novas intenções das obras, de modo que possam ser consideradas leituras, interpretações e reescritas respeitáveis dos novos autores, especialmente se transferirem os recursos de um gênero ou formato para o outro (Colomer et al., 2024, p. 92-93).

Nesse processo, novas intenções, mensagens e significados são atribuídos à obra original, com base na modificação do texto verbal, das ilustrações, da temática abordada, entre outros aspectos. Por isso, ao refletir sobre o diálogo que pode ser estabelecido entre obras, os autores destacam que todo e qualquer texto é escrito a partir de outro. Seja para divergir, incorporar, parodiar ou imitar, sempre haverá uma relação com outras produções, o que os autores conceituam como *intertextualidade*.

Dentro dessa relação de intertextualidade, “O autor pode também decidir não apenas aludir a uma história anterior, mas escrever sua obra inteiramente ligada a ela, construindo-a como uma versão do original ou partindo de algum elemento dela” (Colomer et al., 2024, p. 240). Seguindo essas considerações e contribuições dos autores, podemos organizar as produções realizadas a partir da obra original *O Pequeno Príncipe*, aqui em foco, da seguinte maneira:

Quadro 1: Abordagens da obra *O Pequeno Príncipe* na literatura

CAMINHOS	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS ILUSTRATIVOS
<p>Reescrituras simples ou Adaptações</p>	<p>A trama original não sofre alterações no que diz respeito ao significado da narrativa. O que pode ocorrer é uma modificação dos elementos que compõem a estrutura da narrativa, como cenários, personagens, tempo etc.</p>	 <p>The top image shows the cover of 'O Pequeno Príncipe em Cordel' by Josué Limeris, featuring a small figure on a planet against a textured, parchment-like background. The bottom image shows the cover of 'O Pequeno Príncipe' by Laila Vilas and José Michel Nicolini, depicting the Prince and the Fox in a colorful, stylized illustration.</p>
<p>Expansões</p>	<p>Não há um processo de reescrita a partir do original, mas sim um foco em partes que não foram narradas ou uma atenção especial a determinados personagens que aparecem na obra original, dando-lhes uma história própria (mobilização de elipses ou construção de <i>spin-offs</i>).</p>	 <p>The image shows the cover of 'O Pequeno Príncipe Cadê Você, Raposa?' by Caracina. It features a yellow star on a blue background with the text 'UM LIVRO PARA DESCOBRIR, TOCAR E SENTIR'.</p>

<p>Modificações ou Releituras</p>	<p>A trama original sofre alterações significativas em seu sentido. O leitor é apresentado a uma nova história, com novas perspectivas em relação à linguagem, aos personagens, aos cenários etc.</p>	
--	---	---

Fonte: Quadro elaborado a partir das contribuições de Colomer *et al.* (2024, p. 241)

Portanto, podemos considerar como adaptações aquelas obras que mantêm maior fidelidade à narrativa original; já as releituras ou versões são trabalhos que apresentam maior liberdade de expressão e criatividade, distanciando-se da narrativa original ou clássica.

Com base nas contribuições desses autores, apresentamos duas possíveis compreensões: as obras que se inspiram no livro *O Pequeno Príncipe*, mas transformam completamente o enredo, acrescentando novos personagens e cenários, podem ser denominadas releituras. Por outro lado, as obras que seguem pelo viés da síntese e paráfrase, preservando a essência da narrativa clássica e ajustando apenas alguns elementos do texto, são consideradas adaptações.

Com isso, nossa intenção não é promover uma hierarquização das produções, mas destacar que, seja o primeiro contato com um clássico através de uma releitura ou adaptação, a obra original nunca deve ser esquecida ou substituída. Além disso, é essencial preservar a qualidade das obras literárias e a literalidade do texto, uma vez que tem ganhado espaço no mercado editorial a publicação de obras cujos objetivos direcionam-se apenas para o ensino de algum comportamento ou conteúdo.

Importante salientar que obras como *Jesus e o Pequeno Príncipe* (Souza, 2017) e *O Pequeno Príncipe no Mosteiro* (Barbosa Neto, 2018),

devido ao teor catequético, podem ser entendidas como livros paradidáticos, esses que se utilizam da ficção, trazendo uma mensagem única, de modo que divertem e/ou distraem enquanto ensinam (Azevedo, 1999). Essa distinção é importante, pois nos permite compreender as diferentes transformações pelas quais os clássicos vêm passando e no que elas resultam. Portanto, não podemos perder de vista as características fundamentais que conferem aos livros de literatura seu *status* de literário, por se tratar de um texto polissêmico, atemporal, com uma linguagem subjetiva e que ganha sentido no pacto ficcional estabelecido entre leitor e obra (Azevedo, 1999). A literatura é conhecimento sim, mas enquanto “uma tentativa de compreender a vida e o mundo”, pois é “livre, evidentemente, para falar de qualquer assunto, mas, por favor, nunca de forma utilitária, querendo ensinar, informar ou persuadir” (Azevedo, 1999, p. 86-88).

Nesse sentido, quando pensamos na seleção de obras para serem lidas com e pelas crianças e jovens – sejam elas clássicas, adaptações, releituras/versões ou produções contemporâneas – não existe uma fórmula ou lista fixa de livros que precisam ser lidos obrigatoriamente. Tanto o leitor avalia suas novas leituras comparando-as com outras já realizadas, como o professor faz a avaliação do que levar para os alunos com base no seu próprio histórico de leitura (Colomer *et al.*, 2024).

Essas constatações nos permitem considerar a importância do momento de avaliação e seleção dos livros literários a serem lidos/explorados. Tendo em vista tal propósito, Paiva (2016), ao refletir sobre os critérios de qualidade literária para a construção do acervo das obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola, apresenta três importantes aspectos para serem levados em consideração no processo de avaliação e escolha de livros de literatura infantil, sendo eles: a qualidade textual, a qualidade temática e a qualidade gráfica. A primeira, a qualidade textual, se materializa “nos aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação da narrativa, poética ou imagética, numa escolha

vocabular que não só respeite, mas também amplie o repertório linguístico da criança [...]” (Paiva, 2016, p. 32).

No que compete à qualidade temática, a pesquisadora destaca que é preciso pensar em obras que tragam temas que realmente interessam às crianças, de modo que sejam diversificados e abarquem os diferentes contextos sociais e culturais dos leitores, estando adequada ao nível dos seus conhecimentos prévios (Paiva, 2016). No caso dos livros publicados como adaptações ou releituras de *O Pequeno Príncipe*, as temáticas, por mais que sofram algum tipo de atualização, partem de narrativas já consolidadas, com temas que têm encantado diferentes gerações pelo mundo e, conseqüentemente, contribuído para a formação leitora desses sujeitos.

Por último, no caso da qualidade gráfica do livro infantil, ela “se traduz na excelência de um projeto gráfico capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro” (Paiva, 2016, p. 36). Esse processo é possível quando há uma articulação entre as diversas linguagens e recursos gráficos presentes no texto, desde a qualidade estética das ilustrações até a maneira como elas se articulam com o texto verbal. Quando pensamos nesse aspecto, percebemos transformações interessantes com relação ao texto verbal e visual, o que fica evidente nas obras de Limeira (2017) e França (2020), por exemplo. Ambos os livros apresentam propostas enriquecedoras do ponto de vista da qualidade do texto verbal e visual, de maneira a ressignificar determinados elementos da obra original, ampliando as possibilidades de leitura/interpretação.

Ter critérios para uma avaliação consciente e detalhada de obras literárias é importante, mas tratá-los como verdades absolutas pode, muitas vezes, impedir o encontro desejado e possível entre os leitores e os livros. Esse aspecto é crucial, pois professores, como mediadores de leitura, têm a responsabilidade de apresentar a diversidade de obras disponíveis, sejam elas clássicas ou produções recentes, “negociando com os leitores para tirá-los de sua *zona de conforto* e para que se abram a novas experiências” (Colomer *et al.*, 2024, p. 299, grifos dos autores),

experiências essas que também podem ser proporcionadas por releituras e adaptações.

Algumas palavras finais...

As múltiplas adaptações, releituras, versões e traduções de *O Pequeno Príncipe* evidenciam a relevância e a perenidade desta obra como um clássico literário. Seu impacto vai além do enredo original, possibilitando novas interpretações e abordagens que dialogam com diferentes contextos culturais e gerações de leitores. Como discutido ao longo deste estudo, o livro de Saint-Exupéry não é apenas uma história atemporal, mas também uma referência que conecta leitores de todo o mundo, oferecendo uma experiência literária que transcende o tempo e o espaço.

Reconhecemos a importância da leitura dos clássicos na formação de leitores, possibilitando um diálogo entre as experiências do leitor e a nossa identidade cultural, que se reflete nessas obras. As novas abordagens, quando realizadas com qualidade, oferecem diferentes caminhos para introduzir crianças e jovens aos grandes clássicos, sem, evidentemente, relegar a obra original em favor dessas novas produções.

Portanto, longe de esgotar sua relevância, *O Pequeno Príncipe* segue sendo reinventado e reinterpretado, mantendo seu lugar central no imaginário coletivo. Esse processo de adaptação e releitura não diminui seu valor, mas amplia seu alcance, permitindo que novas camadas de significado sejam exploradas e que mais leitores se identifiquem com a simplicidade e a profundidade de suas mensagens.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão! **Presença Pedagógica**, v. 5, n. 25., jan./fev. 1999.

BARBOSA NETO, Dom João Baptista. **O Pequeno Príncipe no Mosteiro**. Ilustrações Maria Cininha. São Paulo: Corvo Amigo, 2018.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2ed. 1.^a reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024. - (Série Conversa com o Professor; 1).

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad.: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COLOMER, Teresa; MANRESA, Mireia; PRIETO, Lucas Ramada; LÓPEZ, Lara Reyes. **Narrativas literárias na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Trad.: Judith Nuria Maida. 1ed. São Paulo: Global Editora, 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ed. 12.^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Ilustrações Juliana Barbosa Pereira. 1ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

LIMA, Stélio Torquato. **Cordel do Pequeno Príncipe**. Antoine de Saint-Exupéry; ilustrações Maércio Siqueira. 1ed. São Paulo: Editora de Cultura, 1969.

LIMEIRA, Josué. **O Pequeno Príncipe em Cordel**. Ilustrações Vladimir Barros. 2ed. Recife: Editora Cativar, 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações literárias baseadas em clássicos da literatura**. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8555@1>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

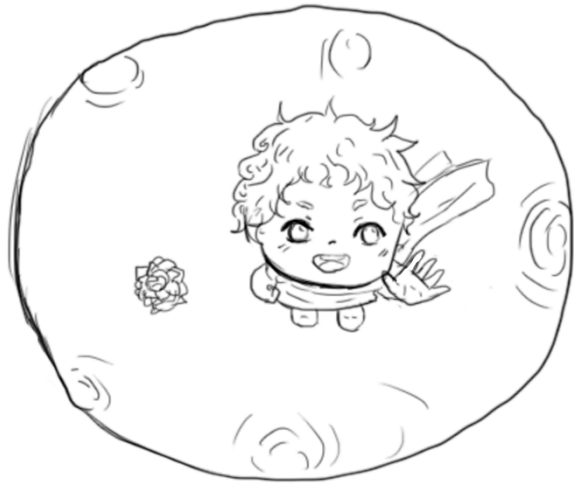
PAIVA, Aparecida. Livros infantis: critérios de seleção – as contribuições do PNBE. *In: Livros infantis: acervos, espaços e mediações / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016. - (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v. 8). Disponível em: <https://livrosabertos.fae.ufmg.br/index.php/produto/livros-infantis-acervos-espacos-e-media-coes-caderno-7/>. Acesso em: 03 jul. 2024.*

RANGEL, Valeska Bernardo. Releitura não é cópia: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 33–60, 2012. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2534>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução Dom Marcos Barbosa. 1ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

SOUZA, Gladstone Elias de. **Jesus e o Pequeno Príncipe: diálogos e releituras: teologia, literatura e psicanálise**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.

VILAS, Leila. **Turma da Mônica: o pequeno príncipe**. Antoine de Saint-Exupéry; tradução e adaptação Leila Villas; ilustrações José Márcio Nicolosi. Barueri, São Paulo: Girassol, 2015.



O Pequeno no Grande: reflexões do Pequeno Príncipe sobre a infância

Ana Beatriz Siqueira Gomes

O clássico livro de Saint-Exupéry “O Pequeno Príncipe” (2018) é uma inspiração para diversas releituras e escritas, pela delicadeza e profundidade da obra. Das ilustrações ao texto escrito, o livro é um manancial de reflexões sobre a vida humana. Nesse sentido, o aspecto que mais me chamou atenção na obra foi a estrutura do livro, a presença de aquarelas, feitas pelo autor, e de um projeto gráfico minucioso e carregado de significados. No livro, as ilustrações e os textos escritos se interconectam para possibilitar a compreensão e a imaginação por parte do leitor, seja criança seja adulto.

Sob essa perspectiva, adentrando as páginas e dedicando tempo à leitura, alguns elementos textuais foram pontos-chave e de reflexão, o primeiro grande elemento se refere à maneira como as crianças – o pequeno aviador¹ e o pequeno príncipe – são tratadas e abordadas na história, e o segundo elemento – ligado à vida para além do texto escrito – é a forma como a fase da infância tem um impacto imenso na vida adulta do sujeito.

Partindo disso, antes de me debruçar sobre esses dois grandes aspectos, é pertinente evidenciar que este capítulo está dividido em cinco seções, a primeira seção apresenta uma contextualização breve sobre a vida do autor, reconhecendo a presença de uma vasta bibliografia sobre a vida de Exupéry e sobre o livro *O Pequeno Príncipe*; a segunda seção disserta acerca dos aspectos ligados à infância, desde os princípios, a fim de entender como a valorização dessa etapa ocorreu e como o livro do Pequeno Príncipe relaciona-se com isso. A quarta e a quinta seção abordam como as infâncias

¹ Termo criado pela autora para se referir nesse texto ao Aviador, durante os momentos da sua infância.

(a do avião e a do Pequeno Príncipe) são apresentadas no livro, bem como os impactos dessas na vida adulta. A sexta e última seção é dedicada às minhas reflexões pessoais, a partir da leitura da obra de Exupéry, com o objetivo de destacar como a narrativa do príncipezinho impactou a minha vida de modo similar ao impacto na vida do avião.

O grande avião e a clássica história de *O Pequeno Príncipe*

Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry nasceu em 29 de junho de 1900, na França, e cresceu rodeado de privilégios da aristocracia. Ele se tornou reconhecido pela obra clássica “O Pequeno Príncipe”, contudo já tinha escrito outros livros anteriormente como *Correio do Sul* (1929), *Vôo Noturno* (1931), *Piloto de Guerra* (1942), nos quais se observa “uma paixão pelo humano e pela vida aberta ao infinito” (Freitas, 2015, p.15). *O Pequeno Príncipe* foi publicado no ano de 1943.

Saint-Exupéry foi chamado para servir à guerra, aos 21 anos, quando iniciou o seu contato direto com a aviação, bem como conheceu as diversas realidades e as dificuldades do mundo, que serviram como fontes de inspiração para os seus escritos. Um fato marcante, que pode ser associado à escrita do Pequeno Príncipe, foi a pane no avião de Antoine, em 1935, a qual fez o autor ficar dois dias perdido no deserto da Líbia. O desaparecimento e a sua morte, depois de uma vida repleta de experiências pessoais e de guerra, aconteceu junto ao seu avião, em 1944, em uma missão de reconhecimento na França.

Mesmo que *O Pequeno Príncipe* seja classificado como um livro da literatura infantil, a história exposta por Exupéry alcança leitores de todas as idades, ao narrar sobre temas como amor, amizade, solidão, dentre outros. O autor consegue, com maestria, apresentar uma narrativa “simples” e completa, isto é, sem palavras rebuscadas e capítulos densos, prendendo a atenção dos espectadores.

O livro começa contando momentos da infância de um piloto, o qual se dedicou a fazer desenhos, entretanto, não obteve retorno e apoio das “pessoas grandes”², uma vez que os adultos acreditam não ter importância desenhar, mas sim estudar disciplinas acadêmicas. Como consequência disso, o aviador desistiu da sua carreira de desenhista aos seis anos e trilhou rumos baseados nos desejos alheios.

Após contar a história da sua infância, o aviador narra um acontecimento marcante em sua vida adulta, quando ele se viu isolado no meio do Deserto do Saara, após sofrer uma pane em seu avião. Durante o período dedicado totalmente ao conserto da máquina, o aviador conhece o Pequeno Príncipe, um homenzinho extraordinário com cabelos dourados (Saint-Exupéry, 2018).

O menino veio à terra em um asteroide (B 612) e estava disposto não somente a conhecer novos lugares, mas também a sanar as suas dúvidas sobre tudo o que via e sentia, independente das obrigações e da desatenção do piloto: “O príncipezinho, que me fazia milhares de perguntas, parecia nunca escutar as minhas”. (Saint-Exupéry, 2018, p.13)

No decorrer da história de Exupéry, o Príncipezinho conta ao aviador as histórias de momentos que foram vividos antes da sua chegada à Terra. Ele narra sua vida em seu asteroide, que era habitado também por uma rosa, a qual era muito amada pelo Pequeno Príncipe. O sentimento dele pela rosa era difícil de compreender e de explicar, por isso, ele viaja para entender mais sobre si e sobre o que sentia.

Nessa viagem, o Pequeno Príncipe visitou diversos planetas, os quais eram habitados por diferentes pessoas que tinham traços de adultos. Ele encontra, por exemplo, um homem bêbado que bebia para esquecer a vergonha de beber e um geógrafo que nunca explorou os lugares que mapeava. Cada habitante dos planetas refletia características presentes na vida adulta, as quais são alvos

² Expressão usada para se referir àqueles que perderam traços característicos da infância, como a curiosidade e o amor ao comum.

de crítica, haja vista que tem como efeito a falta de valor aos detalhes da vida.

Quando o Pequeno Príncipe chega à Terra, ele encontra variadas situações e seres que o marcam, como a raposa, a qual fala sobre a amizade e a importância do “cativar”, que é criar laços com alguém, ao ponto de sentir que a pessoa é muito especial e nunca será substituída. A partir da conversa com a raposa, o Príncipezinho entende mais sobre o sentimento que tinha pela sua rosa e o porquê dela ser tão importante.

Outro encontro foi com a serpente, que simboliza a morte e promete ajudá-lo a "retornar" ao seu planeta quando ele quiser. A serpente tem um papel crucial no fim da história, pois é a partir dela que o Pequeno Príncipe acredita que pode voltar para casa e ficar com a sua rosa.

No final da obra, o Pequeno Príncipe deseja voltar ao seu asteroide, por crer que a sua missão na Terra foi cumprida, por isso, permite que a serpente o morda, ação que sugere a sua “morte”, como também o seu retorno para casa. O aviador, que conheceu, aprendeu e cativou-se pelo pequeno, encerra a sua história reflexivo sobre o encontro com o Príncipezinho e o quanto aprendeu com ele. Além disso, incentiva os leitores a manterem viva a memória do Príncipe, principalmente quando olharem o céu, para tentar encontrar o asteroide onde o menino vive.

A obra "O Pequeno Príncipe" não se resume à história de um menino explorando planetas diversos, mas é uma obra que nos convida constantemente a redescobrir a beleza na simplicidade, característica muito presente nas crianças, e a importância dos vínculos com o outro, que se torna especial a partir do “cativar”. Desse modo, a narrativa de Exupéry estimula o olhar humano, com o coração, além apenas dos olhos, pois isso permite que grandes valores, como o amor e a amizade, sejam mantidos vivos durante a vida adulta.

A infância dos pequenos ao longo da história

A infância é uma das fases mais importantes para a formação integral do indivíduo, a princípio, considero relevante destacar a importância que tal fase recebeu ao longo da história. De acordo com Philippe Ariès (1981), a fase da infância foi desconsiderada por muito tempo, desde os retratos às roupas, não havia especificidade nesta etapa, uma vez que os pequeninos eram considerados como adultos em miniatura.

Esses “mini adultos” quando sobreviviam às enfermidades da época, passavam um longo tempo sendo “ignorados” na sociedade, por não serem produtores e ativos, tal qual os adultos. Somente a partir do final do século XVII, com a união entre os sentimentos de paparicação voltados à criança (uma visão de pureza, cuidado e infantilidade) e os pensamentos moralistas (necessidade de ensinar e transmitir valores), que a infância passou a ser de fato concebida como uma fase, a qual precisava ser mais bem conhecida, para poder se ter uma intervenção (Ariès, 1981). Entretanto, conforme o passar do tempo, o conhecimento sobre a infância foi sendo estreitado, mas a segregação entre a criança e o adulto se perpetuou. De acordo com Charlot (1986, p. 111 *apud* Marinheiro, Oliveira, 2011, p. 20):

A criança é um ser socialmente rejeitado. É totalmente afastada dos círculos de produção e não é considerada por nossas sociedades senão como consumidora ou como filha de consumidor. Não desempenha senão um papel marginal nas relações sociais; é cuidadosamente afastada das reuniões de adultos e, quando, às vezes é tolerada, não se admite que se intrometa nos negócios de “gente grande”.

Nessa lógica, tal papel marginalizado atribuído aos sujeitos da tenra idade é percebido também na obra de Saint-Exupéry, uma vez que há a presença das “pessoas grandes” que não se importam e/ou não se esforçam para compreender os detalhes importantes para essa faixa etária, optando por atentar-se a questões que não são relevantes aos pequenos, como os números. Diante disso,

percebe-se que as diferentes percepções acerca das crianças ao longo do tempo colaboraram para que a infância fosse vista como uma fase singular e “irrelevante”.

O reflexo do pequeno no grande

A partir da leitura da obra de Saint-Exupéry, considerando os diversos aspectos cativantes e partindo de uma análise pessoal e específica do livro, a forma como a infância é apresentada chamou-me à atenção, enquanto futura pedagoga. O narrador aviador é delicado e perspicaz ao trazer parte da sua infância, antes de contar a sua história com o Pequeno Príncipe, uma vez que o breve trecho relatado, justifica a possível postura do aviador em relação ao príncipezinho, quando questionado ou solicitado.

O aviador, de início, destaca o seu empenho em desenhar uma arte que não foi compreendida por diversas ‘pessoas grandes’. A incompreensão foi a causa de um desânimo gradual no pequeno artista, que parou de desenhar aos 6 anos. Outro motivo, que desestimulou o pequeno aviador foi o descrédito à arte: “As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática” (Saint-Exupéry, 2018, p. 8). Seria às disciplinas formais mais importantes que desenhar?

Nesse viés, pode-se considerar que a infância deixa impactos por toda a vida, uma vez que, após os comentários dos adultos, o pequeno aviador enterrou o seu sonho. Dessa forma, é notória a necessidade de contatos e de vivências intencionais e significativas, as quais garantam um desenvolvimento integral, compreendendo não somente a importância do contato do ser humano com os seus pares para que haja a humanização, mas também a relevância de sensibilidade e de cuidado, desde a infância.

Sob essa perspectiva, observa-se que o cuidado e o ensino, desde a mais tenra idade, é de responsabilidade da escola, uma vez que essa instituição faz parte e influencia o desenvolvimento na

infância, nos aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Ao tomar consciência de tais aspectos, conectados ao escrito de Exupéry, o pequeno aviador não pôde desenvolver o seu talento no desenho nem se utilizar da arte para se expressar, uma vez que as pessoas grandes que o cercavam priorizavam os saberes formais, ignorando as suas afinidades e os seus gostos. A consequência do desprezo à arte foi vista não apenas a curto prazo, quando este desistiu de desenhar, mas também a longo prazo, quando, no contato com o pequeno príncipe, o aviador não se importava em compreendê-lo, enquanto uma criança curiosa.

De acordo com Abramovich (1995, p. 98), "querer saber mais sobre aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas, descobertas, sofrências, descobertas que outros enfrentam, para poder compreender melhor as suas próprias, faz parte das interrogações de qualquer ser humano em crescimento". Desse modo, as perguntas do pequeno príncipe, como "É verdade que os carneiros comem arbustos?", apesar de aparentemente banais para o aviador, pela sua experiência e saberes, tinha grande relevância para o príncipezinho.

Rubem Alves (2003, p. 27) discute sobre como o "perguntar" é importante para as crianças, pois as perguntas que fazemos revelam o ribeirão onde queremos beber. Nesse sentido, enquanto os adultos contentam-se, em sua maioria, com apenas um ribeirão, os pequenos têm sede de conhecimento, assim, querem beber de lagos, de chuva, de minas, dentre outros. *O Pequeno Príncipe*, com os inúmeros questionamentos, mostrava-se o seu anseio de beber de fontes diversas, a fim de conhecer mais sobre o universo e sobre si.

Ademais, cabe pontuar que, em outro momento, o pedido de um desenho (um carneiro) feito pelo pequeno príncipe, acompanhado dos diversos questionamentos, foi um motivo para que o aviador demonstrasse novamente em suas ações e seus pensamentos a falta de importância às dúvidas do príncipezinho, afinal, resolver o problema do avião era mais importante que aquela discussão: "Não respondi. Naquele instante eu pensava: 'Se

esse parafuso não afrouxar, vou fazê-lo soltar com uma martelada.’ O príncipezinho perturbou de novo meus pensamentos” (Saint-Exupéry, 2018, p. 26)

Sem perceber, o aviador estava refletindo em suas práticas o descaso que recebeu durante a sua própria infância, no que tange ao seu desenho, aspecto que o fez se isolar e não construir vínculos significativos com ninguém: “Vivi, portanto, só, sem alguém com quem pudesse realmente conversar” (Saint-Exupéry, 2018, p. 9). Ao decorrer de todas as “perturbações”, o aviador perdeu a paciência com o pequeno príncipe e demonstrou que as curiosidades dele não eram relevantes: “Ora! Eu não penso nada. Eu respondi qualquer coisa. Eu só me preocupo com coisas sérias” (Saint-Exupéry, 2018, p. 26).

A fala do aviador fez o pequeno príncipe se irritar, reconhecendo que aquele era igual às pessoas grandes, às quais não davam importância àquilo que, de fato, tinha valor. A reação do príncipezinho, que tinha tamanha calma, foi suficiente para constranger o aviador, bem como fazê-lo refletir sobre seus atos – “Sentia-se envergonhado” (Saint-Exupéry, 2018, p. 28)

Em síntese, o primeiro contato do Aviador com o Pequeno Príncipe foi marcado por muita curiosidade por parte do pequeno, enquanto o adulto dedicava toda a sua atenção a resolver o problema do motor do seu avião. A partir da reação explosiva do pequeno príncipe, por não ter seus questionamentos validados, a narrativa toma outro rumo, sendo o aviador instigado a refletir sobre suas ações e sobre o que realmente importa.

A criança que não foi ouvida e o adulto frustrado

O aviador, ao escrever a sua história com o príncipezinho, narra a mudança que o pequeno fez na sua vida, a partir do momento que parou para escutá-lo com cuidado. O Príncipezinho possibilitou momentos de desconforto que influenciaram a reflexão do aviador sobre suas ações, porque ao menosprezar os questionamentos do pequeno, e receber em troca uma reação

inesperada, o piloto revela que não sabia o que dizer, nem como atingir ou encontrar o Pequeno Príncipe, tal comportamento o deixou angustiado.

O encontro com o príncipezinho foi suficiente para que o piloto entendesse que não precisava reproduzir as atitudes das pessoas grandes, isto é, a frieza e a incompreensão ao simples. Além disso, o fez perceber que o amor à rosa e o cuidado com ela, por parte do Pequeno Príncipe, refletia o seu sentimento puro pelo pequeno.

Durante a sua infância, o pequeno aviador não foi ouvido e nem validado, com isso se isolou. Entretanto, foi apenas com o Pequeno Príncipe que todos os gostos e sonhos de criança foram considerados como algo de grande importância, desde quando o seu desenho foi compreendido. A rotina e as obrigações da vida adulta contribuíram para que o aviador não valorizasse os detalhes, que eram de extrema importância para o príncipezinho, foi somente com o contato com ele, que o piloto conseguiu ouvi-lo e entender que as suas frustrações eram fruto de uma vida sem valor ao simples e sem características da infância.

A pequena princesa: o retorno às memórias da infância, a partir do Pequeno Príncipe

Como autora deste texto, a leitura do Pequeno Príncipe me possibilitou lembrar da minha infância. Desse modo, considero pertinente destacar que quando criança, de modo específico, fui marcada por muitos momentos felizes, os quais, sem dúvida alguma, foram cruciais para a formação de quem eu sou hoje.

A princípio, é evidente que a aprendizagem se inicia desde o começo da vida, muito antes da entrada na escola, com isso, as principais memórias que carrego comigo, são aquelas que mais me transmitem a sensação de liberdade, fora dos muros escolares, já que aconteceram no sítio dos meus avós paternos, Luzia e José. Entre as árvores e os animais, a magia da imaginação construía casas e castelos fortes para a morada da princesa Bela, como era chamada pela família.

Outras memórias, ricas em aprendizado, aconteceram dentro do ambiente escolar, quando os professores nos permitiam experimentar e experienciar os espaços nos quais estávamos, bem como quando nos apresentavam saberes pouco explorados e de interesse coletivo.

Com a análise e as reflexões a partir da obra, concluo que as ações do Pequeno Príncipe refletem as minhas durante toda a minha infância, mas determinados aspectos do avião são características presentes e marcantes com a chegada da vida adulta e das responsabilidades.

A escrita deste capítulo me fez rememorar o quão importante foram os momentos da mais tenra idade, antes e durante a fase do ensino formal, para a construção de aspectos que constituem a minha identidade, pois sem o acolhimento, o suporte e, em casos específicos, o cuidado dos adultos, não seria possível colher os frutos.

Dessa maneira, considerando que a postura do avião, em meio à rotina frenética, reflete claramente um adulto que perdeu a conexão com tudo o que realmente importa, como também que não se sente capaz de sentir com o coração. A grande reflexão da obra gira em torno do valor que os detalhes do cotidiano e os vínculos construídos possuem.

Por fim, considero que Exupéry construiu uma narrativa minuciosa que convida o leitor a todo momento, por meio do Pequeno Príncipe, a não perder a essência e os valores da infância, como a curiosidade, o amor e a amizade, bem como a parar e a pensar sobre as suas ações, tal qual o Avião. Logo, a leitura é especial para as crianças, e — principalmente — para todos aqueles que se perderam da sua criança interior em meio à rotina da vida adulta.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ALVES, R. Curiosidade é uma coceira nas ideias. In: _____. **Conversas sobre educação**. Campinas: Verus, 2003, p. 19-24.

FREITAS, M. R. Uma abordagem filosófica da obra o Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Faculdade Católica de Pouso Alegre, v. VII, n. 17, p. 11-28, 2015.

MELO, T. de. **Plano Nacional pela Primeira Infância**. Rede Nacional da Primeira Infância, Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2020/10/PNPI.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.



Experiência e transitoriedade: um diálogo possível a partir da obra de Saint-Exupéry “O Pequeno Príncipe”

José Clêyson Barbosa de Santana
Luzinete Barbosa da Silva

Desde sua primeira publicação, em 1943, há quase um século, *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry, 2018) vem emocionando e encantando o público leitor. Trata-se de um livro que narra a história de um menino príncipe, constantemente envolvido em reflexões, que, em um dado momento, sente a necessidade de explorar novos horizontes. Ele parte em viagem por outros planetas, adquirindo as mais diversas e significativas experiências. Ao chegar ao planeta Terra, encontra um avião perdido no meio do deserto. O primeiro contato entre eles revela o desejo reprimido do avião de ser compreendido e acolhido, sobretudo, a partir de suas experiências, que denunciam processos de incompreensão durante a infância.

Essa obra de Antoine de Saint-Exupéry é constantemente lembrada, lida e relida. As releituras e adaptações são feitas com o objetivo de transmitir novas mensagens, adequando-se aos mais diversos públicos. Exemplos disso são *O Pequeno Príncipe Preto* e *O Pequeno Príncipe em Cordel* (obras apresentadas em capítulos posteriores). Além dessas, encontramos inúmeros textos sobre o referido livro em artigos acadêmicos, periódicos e outras versões, como histórias em quadrinhos e produções cinematográficas.

Dito isso, destacamos que, no livro, o personagem principal interage com representações de inúmeras facetas das pessoas adultas, com as quais entra em contato ao longo de sua jornada. Ao encontrar o avião, o príncipe começa a narrar suas inquietações, recontando suas experiências e reflexões. Dentre as facetas humanas

experienciadas pelo Pequeno Príncipe, destacam-se o egocentrismo da rosa, a sabedoria da raposa e a reflexão sobre si mesmo.

Analisando tais pontos, buscamos abordar a transitoriedade da vida como um elemento essencial da caminhada do Pequeno Príncipe. Percebemos que os momentos narrados, embora transitórios, são intensos e carregados de significado. Assim, mesmo aquilo que é considerado passageiro pode se tornar significativo e para além do tempo cronológico, tendo em vista os laços construídos coletivamente e a incorporação dessas experiências a nossa existência.

Dessa forma, podemos afirmar que os leitores de *O Pequeno Príncipe* são tocados pela narrativa das experiências do protagonista. Experiências que são construídas a partir de elementos que fazem parte de sua cultura, pois, de acordo com Benjamin (1997, p. 198), “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Diante desse discurso, podemos dizer que, para Benjamin, a experiência é formada no enraizamento cultural a partir da tradição oral. Assim,

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida (Benjamin, 1997, p. 221).

Com tais palavras, Benjamin nos leva a refletir que a experiência é fruto da tradição, tanto na esfera privada quanto na pública. Assim, as mensagens transmitidas na obra analisada neste capítulo destacam experiências importantes para a construção pessoal e identitária do príncipe menino, enquanto exímio

narrador, uma vez que compreendemos sua busca por experiências como um processo de colecionamento de memórias. Nesse contexto, ao falarmos sobre o transitório, referimo-nos aos momentos passageiros narrados no livro, os quais, apesar de breves, são de grande importância para o príncipezinho e merecem atenção e reflexão.

Essa discussão nos permite compreender que a noção de transitoriedade da vida está constantemente presente nas narrativas do pequeno príncipe. É justamente sua busca por autoconhecimento e pertencimento que nos leva a refletir sobre as experiências transitórias e significativas que permeiam os acontecimentos narrados pelo príncipe ao avião, ao passo que o avião as conta para o leitor. A partir do estudo de Nickel (2018), dois conceitos se distinguem na obra de Walter Benjamin, nos ajudando a compreender o pequeno príncipe como narrador e suas narrativas numa perspectiva formativa: as concepções de experiência e de vivência. A primeira refere-se ao conhecimento que resulta de uma experiência acumulada e que se desdobra em aprendizagens significativas; e a segunda, apresenta a noção de vivência como resultado das exigências da existência prática da vida, assimiladas rapidamente e com efeitos imediatos, mas não incorporados à vida. Por mais que o conceito de transitoriedade se configure como qualidade do que é transitório¹, portanto, passageiro/momentâneo, as experiências construídas nesses momentos pelo príncipezinho reverberam em aprendizagens que o marcaram, sobretudo no âmbito das relações interpessoais.

Diante disso, a cada leitura, surge uma nova reflexão sobre a história. Nesse contexto, os tópicos que se seguem apresentam uma reflexão mais específica sobre o protagonismo da “Rosa”, da “Raposa” e do “Pequeno Príncipe”. Esses personagens chamam a

¹ De acordo com o dicionário Priberam de Língua Portuguesa (versão on-line), transitório é um adjetivo que significa algo que dura pouco, é passageiro e breve. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/transit%C3%B3rio>. Acesso em: 08 dez. 2024.

atenção pelas atitudes que provocam reflexões sobre a transitoriedade da vida.

A Rosa: “À noite me colocarás sob uma redoma de vidro”

A enigmática rosa, que permeia as narrativas de *O Pequeno Príncipe*, representa a existência humana em toda a sua contradição e fragilidade. O protagonismo da rosa é essencial para compreendermos a importância da autovalorização, tanto dentro quanto fora do livro. Misteriosamente, “brotara um dia de um grão trazido não se sabe de onde, e o príncipezinho vigiara de perto o pequeno broto, tão diferente dos outros” (p. 23). Esse acontecimento afeta profundamente a compreensão do pequeno príncipe sobre a funcionalidade da vida, provocando mudanças em sua rotina e o inspirando a buscar novos horizontes. Desde o dia em que chegou ao planeta do menino príncipe, a rosa buscou prender sua atenção. Preparou-se minuciosamente para desabrochar e, depois de despertar, agia com indiferença e arrogância, com o objetivo de mostrar-se única e especial.

Assim, ao analisarmos a relação da rosa com o pequeno príncipe, encontramos uma transitoriedade singular, pois se trata de uma relação que, aparentemente, é passageira e que pode desaparecer a qualquer momento. Após conhecer alguém que realizava todos os seus caprichos, a ideia de desaparecer da vida do príncipe causava-lhe insegurança e medo. Esse medo é tão significativo que a rosa busca se valorizar a todo custo, chegando até a proferir mentiras e incorporar características humanas como vaidade, orgulho e arrogância.

Nesse contexto, acreditamos que essa sagacidade da rosa decorre do seu desejo de viver intensamente sua relação com o príncipezinho. Apesar de tudo, ela o ama e não deseja vê-lo triste. A rosa o deixa partir porque acredita que os instantes experienciados juntos já foram perpetuados. E percebemos que realmente foram, quando o pequeno príncipe, em seu diálogo com

o aviador, demonstra preocupação com o fato de o carneiro poder comer a sua rosa, ao passo que afirma:

Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando a contempla. Ele pensa: “Minha flor está lá, em algum lugar...” Mas se o carneiro come a flor, é para ele, bruscamente, como se todas as estrelas se apagassem! E isto não tem importância (Saint-Exupéry, 2018, p. 28).

O pequeno príncipe ama a rosa e se desespera com a possibilidade do seu possível desaparecimento. Inúmeros são os motivos que, diariamente, nos levam a entrar em desespero. No entanto, assim como o sentimento entre a rosa e o pequeno príncipe é recíproco, podemos criar laços verdadeiros com aqueles que sabem nos cativar. A partir da relação entre a rosa e o príncipe, o livro apresenta ao leitor a compreensão de que a vida é passageira e os momentos são únicos, por isso há a necessidade de reafirmação dos laços de parceria e afeto, de modo que a memória ganha um papel central, quando se trata das lembranças que dizem tanto sobre as experiências individuais e coletivas, funcionando como elo entre os sujeitos que as partilham.

A Raposa: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”

A arisca raposa exibe uma sabedoria que surpreende e fascina, tanto o príncipezinho quanto os leitores. Ela nos ensina a vivenciar as experiências da vida com calma e, por meio da arte de cativar no cotidiano, nos leva a refletir sobre as relações de amizade e companheirismo. Em outras palavras, podemos dizer que o protagonismo da raposa nos faz perceber o quanto é necessário valorizarmos a vida em sua plenitude, questão que faz o pequeno príncipe atribuir um significado mais profundo às suas experiências.

A raposa surge justamente quando o príncipe se encontra desiludido, triste e receoso em relação às suas crenças. Ela o

cumprimenta, mas ele não a vê. “– Eu estou aqui – disse a voz –, debaixo da macieira...” (p. 65). Ao vê-la, o príncipe imediatamente a convida para brincar, tentando amenizar sua tristeza. Entretanto, seu convite é recusado, pois, de acordo com a raposa, ele precisa cativá-la antes. Nesse momento, inicia-se um processo de reflexão em que a raposa ensina ao pequeno príncipe (e a nós, leitores) o valor de cativar o outro. Assim, ela tenta nos mostrar como é mais significativo apreciar a vida quando criamos laços. Ao cativar alguém, nos tornamos mais felizes e escapamos da monotonia de uma vida solitária.

Inicialmente, a raposa não é compreendida. Mesmo assim, ela continua a tecer um posicionamento sobre a transitoriedade da vida e seus ciclos, destacando que os momentos de uma vida monótona se tornam significativos, quando cativados. Esse processo não depende necessariamente do uso de palavras, mas das ações e do tipo de relações que estabelecemos uns com os outros. A raposa revela: “Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos” (p. 66). Com esse discurso, ela mostra ao príncipe que, antes de tudo, eles precisam se conhecer, pois ele só será especial e diferente ao revelar o seu interior e conquistá-la.

Assim, podemos dizer que a construção de uma relação verdadeira só é possível quando nos entregamos ao outro e mostramos nosso “eu” interior. Esse sentimento, construído vagorosamente, nos faz apreciar a vida, retomando a experiência como base. Nessa perspectiva, o ato de cativar, na obra analisada, é importante para a construção de uma amizade verdadeira. Entretanto, o momento vivido entre a raposa e o protagonista da história é transitório, tendo em vista que o caráter transitório dessa relação se pauta na ideia de separação iminente; a qualquer momento, a raposa pode seguir um caminho diferente daquele trilhado pelo príncipezinho. Apesar dessa constatação, a narrativa conforta o leitor ao possibilitar a compreensão de que, se um cativa o outro, estarão ligados entre si, como expressa o seguinte trecho: “A gente só conhece bem as coisas que cativou” (p. 67). Esse

"conhecer bem" é valorizar cada momento experienciado e compartilhar aquilo que os une.

Diante desse contexto, destacamos que a faceta representada pela raposa na obra é a de uma criatura sábia que, baseada em suas crenças, nos ensina que o mais importante e substancial para a existência humana é invisível aos olhos. Apenas com o coração podemos enxergar que somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos. Assim, a transitoriedade passa a ser entendida não como um problema, mas como uma característica normal da existência humana, sendo perenes as relações construídas e alicerçadas no respeito, afeto e no diálogo.

O Príncipe: “E quando estiveres consolado (a gente sempre se consola), tu ficarás contente por teres me conhecido. Tu serás sempre meu amigo”

O Pequeno Príncipe, personagem principal da referida história, dialoga com o transitório na medida em que entra em contato com as facetas humanas narradas por ele ao aviador. Ao narrar uma série de acontecimentos marcantes em sua vida, o príncipe deixa transparecer suas angústias, medos e decepções através das experiências que coleciona. O Pequeno Príncipe pode ser compreendido como a própria personificação do que é transitório, sobretudo, quando pensamos em sua relação com o aviador e no fato de estar no planeta Terra apenas de passagem.

Inicialmente, caracteriza-se como um indivíduo solitário que busca viver intensamente novas emoções, mudando a partir de cada experiência e das relações que vai construindo com os demais personagens. Ele sai de sua zona de conforto (seu pequeno planeta, o Asteroide B612) para desbravar novos ares. O fato de viver “só, sem alguém com quem pudesse realmente conversar” (p. 9) instiga seu desejo de partir e respirar novas relações. Foi uma aventura e tanto, uma aventura que nos leva ao seguinte questionamento: o Pequeno Príncipe de fato existiu ou foi apenas a criança interior do aviador, que veio à tona em meio ao deserto?

Esse questionamento serve como ponto fulcral para refletirmos sobre a identidade do Pequeno Príncipe: uma criança pura e ingênua que inicia um processo de busca/construção de sua identidade, como exímio admirador das coisas simples. Em dado momento, ele viaja mentalmente e, ao final, parece reencontrar-se em casa, como se nunca tivesse partido. É a partir dele e de suas memórias que conhecemos o seu mundo e, com isso, as recordações que lhe são significativas.

A partir desse traçado, revela sua inocência em relação às coisas do mundo, constituindo-se como aprendiz da vida. O príncipe admira cada novo ambiente e procura sentido para a sua realidade, valorizando mais o processo do que o resultado. Como exemplo, destacamos seu diálogo com o vendedor de pílulas especiais: “Se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, iria caminhando calmamente em direção a uma fonte...” (p. 74). Essa postura implica considerar que sua dedicação em desfrutar do que realmente importa é singular e corresponde à sua natureza questionadora, que rejeita o caminho mais fácil, que o privaria da experiência. O príncipe, como qualquer criança atenta e curiosa, compreende suas relações pelo que é mais acolhedor. Mesmo entre os adultos, reconhece como essencial defender suas escolhas. Vive numa jornada que denota a busca pelo sentimento de pertencimento e o cultivo de sua curiosidade, com objetivos que não se resumem ao valor monetário ou à crença de acumular. Por isso, ao longo da narrativa, captamos incontáveis relações de pertencimento, que se afirmam pela fugacidade da vida e pelas escolhas feitas por ele para preservar sua estadia em cada planeta.

Em síntese, o príncipezinho valoriza aquilo que é simples, mas que o toca profundamente, que é importante. Portanto, com o Pequeno Príncipe, aprendemos a apreciar as experiências infantis em sua completude, reconhecendo-as como um direito da criança na condição de sujeito de transformação, em suas mais diferentes formas de ser e estar no mundo.

Considerações Finais

As leituras e interpretações acerca da obra *O Pequeno Príncipe* continuarão a influenciar o mundo acadêmico e literário, uma vez que é um livro que aborda, entre tantas questões, as complexidades da existência humana, tanto em sua dimensão subjetiva quanto interpessoal.

Nesse sentido, sendo a vida uma sucessão de acontecimentos passageiros, direta ou indiretamente, enquadramos as situações como vivências ou experiências, o que vale a pena lembrar, refletir e aprender, mas também aquelas que são esquecidas ou classificadas como irrelevantes. Contudo, o passado, enquanto fonte de aprendizado, sempre que revisitado, pode se fazer presente na memória coletiva.

Em linhas gerais, o conceito de transitoriedade, atrelado ao de experiência, pode ser percebido no livro *O Pequeno Príncipe* como uma possibilidade para as aprendizagens duradouras e significativas. A experiência pode até ser constituída a partir de momentos, fatos ou ações passageiras, mas ganha durabilidade à medida que é consolidada na memória e se torna uma aprendizagem significativa. Na obra citada, essas experiências, construídas na transitoriedade da vida, tornam-se essenciais, pois guiam os passos do príncipezinho e contribuem para a valorização de suas experiências, auxiliando no aperfeiçoamento de sua sabedoria pessoal, alicerçada pelo conjunto de relações construídas ao longo de sua trajetória.

Referências

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Trad.: Dom Marcos Barbosa - 1ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia

e técnica, arte e política. 3ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.

NIKEL, Mateus Alencar. O conceito de experiência: Walter Benjamin e a prática docente. - **13a Reunião Científica Regional da ANPEd- Sudeste (2018)**. Disponível em: https://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/3/2779-TEXTO_COMPLETO.pdf. Acesso em: 08 dez. 2024.



O Pequeno Príncipe na Literatura de Cordel: poesia popular de um clássico universal

Givanilson dos Santos Sousa

Jackeline Pereira Mendes

Fabiana Ramos

Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar e apontar algumas características de três versões do clássico literário *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, adaptadas para o formato de Literatura de Cordel. Para tanto, foram selecionadas as seguintes obras: a adaptação de Josué Limeira, que narra a história, adequando-a ao contexto nordestino, especialmente o pernambucano; a adaptação de Stélio Torquato, que mantém fidelidade à narrativa original, ajustando apenas o estilo para o formato de cordel; e a adaptação de Moreira de Acopiara, destinada a crianças, que, além de ser uma narrativa mais curta, conta com um repertório imagético diversificado, auxiliando no processo de construção de sentidos pelos pequenos leitores.

A seleção dessas obras se deu em razão da relevância que elas adquiriram desde sua publicação. Nesse sentido, a produção de Josué Limeira foi finalista do Prêmio Jabuti em 2016, um importante e prestigiado prêmio da literatura brasileira que, desde 1959, homenageia autores, editores e ilustradores de destaque. A obra de Stélio Torquato foi escolhida devido à longa trajetória do autor na adaptação de clássicos da literatura brasileira para o cordel. Já o livro de Moreira foi selecionado por ser voltado para o público infantil e por apresentar uma novidade: o cordel todo ilustrado, de modo que texto visual e verbal atuam de maneira

complementar e ambos ganham destaque e são condição fundante para a construção do sentido do texto pelos pequenos leitores.

Dessa forma, este capítulo está organizado em três seções. A primeira voltada a discutir o processo histórico da Literatura de Cordel (LC), desde suas raízes na Idade Média até os dias atuais; a segunda é destinada à análise das obras selecionadas, enquanto a terceira é dirigida às considerações finais.

As origens do Cordel

Também conhecida como poesia popular em versos (Marinho; Pinheiro, 2012), a Literatura de Cordel (LC) pode ser definida como uma poesia materializada em folhetos, geralmente organizados em sextilhas, quadras, sétimas, oitavas ou décimas, produzidos, publicados e comercializados, na grande maioria dos casos, pelos próprios poetas. Trata-se de um gênero que circula, desde suas origens, predominantemente entre as camadas populares. Suas raízes remontam ao contexto ibérico, entre os séculos XI e XII, na Europa Medieval, com o surgimento do Trovadorismo.

Designado como a primeira escola literária portuguesa, o Trovadorismo foi um movimento artístico, poético e cultural que se espalhou pelo contexto europeu, alcançando seu apogeu em Portugal entre os séculos XII e XIII. Nessa época,

A poesia, como nunca, era empunhada por pequenos e grandes como se fosse uma espada; os combates se davam no ambiente trovadoresco do Paço e ali mesmo se resolviam, sob o olhar “sábio” profano, do popular ao aristocrático, do rural ao urbano (Barros, 2006, p. 22).

Nesse contexto poético, três importantes protagonistas se destacavam: a) os trovadores, responsáveis pela composição e, em alguns casos, entoação de poemas, que deram nome ao movimento; b) os jograis, que declamavam exclusivamente os poemas; e c) os menestrelis, que recitavam e tocavam instrumentos

simultaneamente, o que os colocava em uma posição hierárquica privilegiada em comparação aos jograis, devido à sua habilidade de dominar música e prosa simultaneamente.

Inicialmente, os textos declamados eram "gravados" na memória dos poetas. Somente a partir do Renascimento, com a difusão da imprensa, os poetas conseguiram registrar os textos orais na modalidade escrita, nos famosos cancioneiros. A partir de então, os textos publicados eram estendidos em cordas, originando a nomenclatura "cordel", que hoje designa o gênero.

Com base em Marinho e Pinheiro (2012, p. 19),

Os cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população: advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos e entre outros. Em muitos casos, os cordéis eram comprados por uma pessoa letrada e lidos para um público não letrado, situação que se reproduz aqui no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente.

A Literatura de Cordel chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XVII, durante o processo de colonização das Américas (Galvão, 2003). Já existia, nesse período, uma tradição de cantos e poemas orais que facilitou a aceitação e acolhimento do gênero. O primeiro folheto publicado e mapeado nacionalmente foi de autoria de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), em 1893. Inicialmente, os folhetos eram produzidos em tipografias de jornais, mas com o tempo passaram a ser feitos pelos próprios poetas (Marinho; Pinheiro, 2012). A comercialização ocorria nas famosas feiras populares. Neste momento histórico,

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam seus versos, ora cantam em toadas semelhantes às tocadas pelos repentistas. São os nordestinos pobres e semianalfabetos que entram no mundo da escrita, das tipografias, da transmissão escrita e não apenas oral (Marinho; Pinheiro, 2012, p.18).

Segundo Galvão (2003) e Pizzignacco (2022), durante a primeira metade do século XX, a Literatura de Cordel foi de

extrema importância para a alfabetização de alguns nordestinos que viviam em situação de analfabetismo. As feiras, além de serem um legado sociocultural significativo, constituíam ambientes potentes de letramento. O conceito de letramento refere-se ao processo pelo qual o indivíduo aprende a ler e escrever, envolvendo-se em atividades de leitura e produção de textos reais, inseridos em práticas sociais de leitura e escrita (Soares, 2020).

As feiras nordestinas, nesse sentido, tornavam-se um terreno fértil para o desejo de alfabetização, ao atrair pessoas que, ao circularem pelos espaços, se deparavam com eventos de letramento promovidos pela Literatura de Cordel. As declamações públicas e a circulação dos folhetos impressos, que narravam a vida cotidiana dessas pessoas, despertavam o desejo de aprender a ler e escrever, especialmente para que pudessem desfrutar autonomamente dos prazeres proporcionados por essa literatura, antes acessíveis apenas por meio de poetas ou leitores alfabetizados.

Além disso, é importante destacar que, por serem impressos em materiais de baixo custo, os folhetos de cordel eram uma forma acessível de literatura, facilmente adquirida pelas famílias mais pobres. Em alguns casos, era o único tipo de literatura presente, criando ambientes letrados dentro dos lares e permitindo o compartilhamento de narrativas entre as gerações.

Assim como o umbuzeiro, árvore nativa do bioma caatinga que armazena água em suas raízes para sobreviver aos longos períodos de seca, a Literatura de Cordel, enquanto produto cultural, alterna entre períodos de fartura e escassez, como apontam Marinho e Pinheiro (2012). O gênero viveu seu apogeu na primeira metade do século XX. Nos anos 60, durante a ditadura militar, o cordel enfrentou uma grande crise com o surgimento do rádio a pilha e, posteriormente, com a expansão das redes de televisão (Meneses, 2019). Nos anos 70, a Literatura de Cordel voltou a despertar interesse, especialmente entre universitários e estrangeiros (Galvão, 2003).

Um marco importante para a valorização desse gênero ocorreu em 7 de setembro de 1988, com a fundação da Academia Brasileira

de Literatura de Cordel (ABLCL), no Rio de Janeiro, que abriga mais de 13.000 cordéis disponíveis para exposição e venda, frutos de poetas e poetisas espalhados por todo o Brasil.

Em 2010, a ABLCL protocolou o pedido para que a Literatura de Cordel fosse reconhecida como Patrimônio Histórico-cultural e Imaterial Brasileiro, com 85 assinaturas (Meneses, 2010). No entanto, devido à falta de recursos, o processo ficou estagnado até 2013. Após a submissão de diversos dossiês, em 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) finalmente concedeu o título.

Com base em Santos (2018, p. 2), a Literatura de Cordel

[...] sobreviveu a era da globalização, do capital, da falta de investimento e de interesse das editoras, e continua atuante tanto nas versões escritas denominados comumente de livretos, quanto nas versões digitais que aparecem em sites e blogs e que podem ser acessados de suportes tecnológicos como tablets, leitores digitais, celulares etc.

Meneses (2019) destaca que muito preconceito e estigma ainda cercam essa literatura, fundamentados em três fatores principais: a) sua origem na cultura oral, o que a coloca em uma posição de "subliteratura"; b) o fato de as narrativas serem criadas, editadas e comercializadas pelos próprios autores, sem a intermediação de editoras; e c) os autores estarem à margem dos padrões literários dominantes, tanto em termos de linguagem, com o uso frequente de expressões regionais e marcas de oralidade, quanto em termos de circulação, já que os cordéis eram tradicionalmente produzidos e lidos pelas camadas populares. Segundo a autora, "Esse prejulgamento é alimentado pela falta de conhecimento sobre variantes linguísticas e sua importância na formação de uma língua" (Meneses, 2019, p. 6).

Nesse sentido, Neves (2018) defende o reconhecimento da Literatura de Cordel como um produto histórico, já que ela atravessou diversos contextos e fases, influenciando os estilos de escrita e ilustração presentes no gênero hoje. Na próxima seção, que analisará versões de *O Pequeno Príncipe* em Literatura de Cordel,

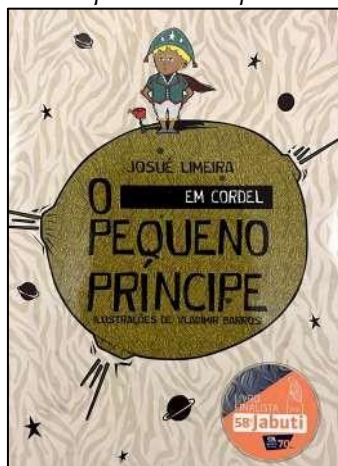
será possível observar todas essas influências, especialmente com o advento da era digital.

As obras

1. *O Pequeno Príncipe em cordel* – Josué Limeira

O Pequeno Príncipe em Cordel, escrito pelo pernambucano Josué Limeira, teve sua primeira publicação em 2015. Neste trabalho, a análise é realizada a partir de sua segunda edição, publicada em 2017 pela Editora Cativar. Organizada em formato de sextilha¹, a obra é uma narrativa longa, distribuída ao longo de 171 páginas, contendo poucos elementos ilustrativos, que aparecem, em sua maioria, na passagem de um capítulo para o outro. Como destacado na introdução, o livro foi finalista do prêmio literário Jabuti em 2016.

Fig.1: Capa do Livro *O Pequeno Príncipe em cordel* (Limeira, 2017).



Fonte: reprodução da capa

¹ A sextilha é um estilo de estrofe bastante utilizada na literatura de cordel, sendo formada por seis versos, cada um com sete sílabas poéticas. A distribuição das rimas se dá no seguinte formato: X A X A X A, nos quais, os versos 1, 3 e 5 não precisam rimar, enquanto os versos 2, 4 e 6 rimam entre si.

Na análise da obra, a produção de Limeira pode ser considerada uma adaptação expandida do clássico de Exupéry, considerando o acréscimo de elementos culturais da região de origem do autor, o Nordeste, e, especialmente, de seu estado, Pernambuco. Esse aspecto pode ser observado desde a capa do livro.

Na versão original, o protagonista é um garotinho de pele clara e cabelos dourados, que costuma ser representado com trajes formais. Já na versão de Limeira, o protagonista é apresentado com um tom de pele mais escuro, usando um chapéu de couro e uma espécie de capa nas costas, fazendo uma possível alusão ao gibão de couro, acessório utilizado pelos vaqueiros para se proteger dos espinhos das xerófitas enquanto caçam bois na caatinga.

Fig. 2 e Fig. 3: O “Príncipe” ilustrado nas obras de Saint-Exupéry (2018) e de Limeira (2017), respectivamente.



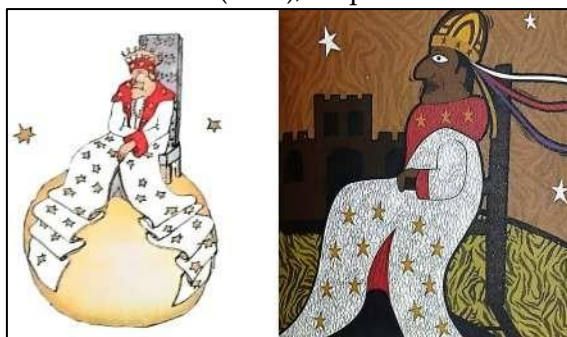
Fonte: Fig. 2: reprodução de uma imagem da capa de Saint-Exupéry, 2018. Fig. 3: reprodução de uma imagem da capa de Limeira, 2017.

Esse aspecto também se manifesta em outros momentos da história. Ao construir a figura do rei, personagem do primeiro planeta, Limeira opta por uma representação diferente da adotada por Exupéry. O rei criado pelo autor é um rei do Maracatu². Isso

² O maracatu é um estilo de manifestação cultural popular brasileira, que envolve música, dança e elementos que remetem à cultura africana, indígena e portuguesa, que tem suas raízes fincadas em solo pernambucano no final do século XVII

pode ser deduzido pela escolha de traços que remetem a essa manifestação popular marcada por traços da cultura negra. Nesse sentido, tem-se a figura do rei com o tom da pele mais escuro e o nariz caricaturado, além de uma coroa alegórica feita de fitas, com as cores predominantes do estado de Pernambuco, onde o Maracatu é intensamente vivenciado.

Fig. 4 e Fig. 5: O “Rei” ilustrado nas obras de Saint-Exupéry (2018) e de Limeira (2017), respectivamente.



Fonte: Fig. 4 - reprodução de Saint-Exupéry, 2018, p. 36. Fig. 5 – reprodução de Limeira, 2017, p. 71.

O mesmo ocorre na representação da “flor de três pétalas”, que Limeira chama de “flor do deserto”, fazendo referência, por meio da ilustração, à flor de mandacaru; um elemento marcante da cultura nordestina, popularizado nacionalmente pela canção “Xote das Meninas”, de Luiz Gonzaga. Conhecida entre os sertanejos por anunciar a chegada das chuvas, a flor de mandacaru mantém o simbolismo original da rosa na obra de Exupéry como elemento de efemeridade. Embora seja parte do ciclo de vida de uma xerófita que resiste às secas, a flor do mandacaru tem um curto período de duração, assim como a rosa.

durante o período da escravidão. Marcado por um cortejo que conta com um estandarte responsável por abrir o cortejo, e a dama dos passos que anuncia a chegada da corte constituída por um casal de Monarcas e brincantes. O Maracatu é uma das mais ricas manifestações culturais da cultura pernambucana.

Fig. 6 e Fig.7.: A “Flor” ilustrada na obra de Saint-Exupéry (2018) e de Limeira (2017), respectivamente.



Fonte: Fig. 6 - reprodução de Saint-Exupéry, 2018, p. 61. Fig. 7 – reprodução de Limeira, 2017, p. 113.

No que diz respeito aos aspectos ilustrativos da obra, as imagens apresentadas têm pouca semelhança com a xilogravura tradicional, o que pode se dever ao processo de produção digital das ilustrações. Diferentemente dos cordéis tradicionais, nos quais a xilogravura era feita manualmente em uma matriz de madeira — geralmente de umburana — e depois carimbada nas páginas do folheto, esse método digital não confere à obra o mesmo caráter de singularidade.

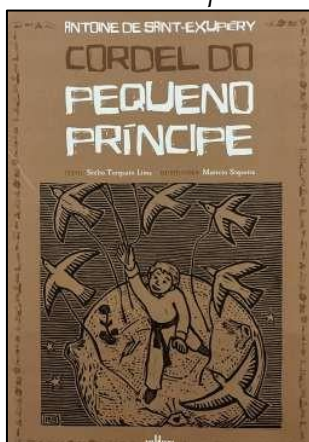
Em relação aos aspectos linguísticos, a versão de Limeira é a mais extensa entre as três obras analisadas, chegando a ser o triplo de páginas da versão de Stélio Torquato e o quádruplo da versão infantil de Moreira. Nas primeiras estrofes do livro (estrofes 1 e 3), percebe-se que o autor foge da métrica convencional da redondilha maior ao estruturar os versos. Pela razão de ser organizado em sextilhas, os versos deveriam ter sete sílabas poéticas, o que não ocorre nesses exemplos — o primeiro verso da primeira estrofe tem 11 sílabas, e o primeiro verso da terceira estrofe tem 13 sílabas. Isso acaba tornando os versos longos, comprometendo, de certa forma, a fluidez da leitura. Embora fuja da métrica, esse aspecto não compromete a construção de sentido, mas do ponto de vista métrico e estético, torna a estrutura do cordel desarmoniosa.

Por fim, um elemento importante da obra a ser destacado é a escolha do vocabulário adotado na construção do cordel. Ao longo da leitura, nota-se uma predileção pelo uso de expressões da oralidade, o que confere ao texto um caráter mais popular, assemelhando-se aos modos de produção dos folhetos mais tradicionais. Isso difere da versão de Torquato, analisada no próximo tópico desta seção, que alterna entre linguagem formal e coloquial.

2. Cordel do Pequeno Príncipe – Stélio Torquato Lima

Stélio Torquato Lima, autor da obra *Cordel do Pequeno Príncipe*, nasceu em 8 de outubro de 1966, na cidade de Fortaleza, e atualmente tem 58 anos. É Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Ceará (UFC) e coordenador do Grupo de Estudos de Literatura Popular (GELP) na mesma instituição. Com uma vasta produção de adaptações de clássicos da literatura para o gênero cordel, o autor é um nome consagrado, tendo recebido vários prêmios em reconhecimento pelos seus escritos.

Fig. 8: Capa do Livro *Cordel do Pequeno Príncipe* (Lima, 2016)



Fonte: reprodução da capa.

Quanto às ilustrações, a obra tem como ilustrador Maércio Lopes de Figueiredo Siqueira, cearense de 47 anos, formado em Letras pela Universidade Federal do Cariri e mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Maércio é membro da Academia de Cordelistas do Crato e produz xilogravuras desde 1999.

Sua versão, publicada em 2016 pela Editora Cultura, é uma obra de 52 páginas, organizada no formato de septilha³. A obra apresenta uma capa marrom com uma xilogravura do personagem principal em seu planeta. Um aspecto interessante dessa versão é que todas as representações imagéticas se assemelham bastante ao estilo tradicional da xilogravura, embora tenham sido produzidas no formato digital. Ao abrir a capa, o leitor encontra na orelha do livro um breve resumo da obra original. A folha de rosto, assim como as demais páginas, de tonalidade ligeiramente amarelada, apresenta uma xilogravura do príncipe, dessa vez olhando para o alto, criando um convite visual para que o leitor explore a obra.

De narrativa simples, a obra é uma adaptação literária da versão original de Saint-Exupéry para o gênero cordel. Com uma linguagem acessível e objetiva, essa adaptação mantém-se fiel ao texto original, sem a adição e mudanças de elementos na narrativa.

3. *O Pequeno Príncipe em cordel* – Moreira de Acopiara

Nascido em 1961, no interior do Ceará, Moreira de Acopiara, como prefere ser chamado, é poeta e dramaturgo, autor da versão *O Pequeno Príncipe em Cordel*. A versão analisada neste capítulo é a primeira edição, publicada em 2022 pela editora Ciranda na Escola, com 44 páginas. A obra conta com ilustrações de Laerte Silvino, que também é escritor de histórias infantis.

³ A septilha, é um estilo de métrica do cordel composta de sete versos em cada estrofe, tendo sete Sílabas Poéticas (Heptassílabos). A distribuição das rimas se dá no seguinte formato: X A X A B B A, nos quais, os versos 1 e 3 não precisam rimar. Os versos 2, 4 e 7 rimam entre si. E os versos 5 e 6 também rimam entre si.

Fig.9: Capa do livro *O Pequeno Príncipe em Cordel* (Acopiara, 2022).



Fonte: reprodução da capa

No que se refere às ilustrações, a obra apresenta excelente qualidade, com ilustrações animadas, semelhantes à versão de Limeira (2017). O livro conta com um projeto gráfico dinâmico, com desenhos diversificados em tons pastéis, tornando-o convidativo para crianças pela harmonia entre os textos verbal e visual. Pelo fato de se tratar de uma literatura voltada ao público infantil, “[...] a leitura desse livro exige do pequeno leitor não apenas a compreensão do texto escrito, mas também a construção de sentido para as ilustrações, o que supõe um permanente exercício de interação do leitor com as duas linguagens” (Vasconcelos; Ramos, 2021, p.174).

Quanto à caracterização dos personagens dos planetas, percebe-se que essa descrição é feita com base em uma interpretação contemporânea do autor, mais do que na intenção original de Saint-Exupéry. Um exemplo disso é a estrofe que retrata o personagem do bêbado, em que Moreira Acopiara o compara a uma pessoa dos dias atuais que, ao não obter êxito na vida, acaba se tornando vítima do sistema, podendo se tornar viciada. Ou seja, há, imbricada na formulação da estrofe, uma mensagem moral, que leva o leitor a refletir sobre os perigos e os males causados pelo

consumo excessivo de álcool. Uma estrofe como essa parece ser adequada para o trabalho com a estratégia de leitura inferencial, que permite ao leitor ler nas entrelinhas, articulando seus conhecimentos de mundo com as pistas fornecidas pelo texto, para compreender, por exemplo, que sistema é esse que gera pessoas frustradas (Giroto; Souza, 2010).

O rei bêbado representa
a pessoa muito fraca,
tola, que não se sustenta,
não cresce nem se destaca.
Ele possui resistência,
Mas, não tendo competência,
vira vítima do sistema
que produz gente frustrada,
bebe muito, não faz nada
pra resolver o problema
(Acopiara, 2022, p. 21)

Levando em consideração a estruturação da métrica das estrofes em décima⁴, quando lida por crianças de forma autônoma, o processo de construção de sentido dessa obra, mesmo contando com o auxílio dos recursos imagéticos, pode ser comprometido. Isso ocorre porque as estrofes longas podem dificultar a fluidez da leitura, o que pode gerar obstáculos no primeiro contato da criança com o livro. Ademais, é imprescindível destacar que, logo após a visita do príncipezinho ao sétimo planeta, a obra passa por uma espécie de enxugamento, no qual alguns aspectos considerados primordiais na versão original de Saint-Exupéry são omitidos, como a cativante amizade entre o Pequeno Príncipe e a raposa, e sua busca incessante por sua rosa.

⁴ A décima é um tipo de métrica do cordel onde a distribuição das rimas se dá no seguinte esquema: A B B A A C C D D C, sendo o primeiro verso rimando com o 4 e 5; o sexto com o 7 e 10 e o oitavo com o nono.

Algumas palavras finais...

São inegáveis as contribuições e o legado que a Literatura de Cordel deixou em nosso país, especialmente entre os nordestinos. Nesse sentido, é preciso compreender a Literatura de Cordel sob uma perspectiva socioantropológica, levando em consideração seu processo de construção ao longo da história da humanidade e o impacto que essa forma de literatura provocou nas sociedades por onde circulou.

Podemos concluir que a Literatura de Cordel é, antes de mais nada, uma literatura de resistência. Resistência às transformações que atravessou ao longo dos séculos, desde sua gênese até a contemporaneidade; resistência ao preconceito, por se tratar de uma literatura de origem e circulação nas esferas populares, que rompe e desafia as normas culturais e linguísticas padrão. A Literatura de Cordel resistiu, sobretudo, ao processo de modernização e à ascensão das tecnologias.

As obras analisadas neste capítulo refletem muito bem as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. As ponderações apresentadas até aqui, em nenhum momento, diminuem a relevância ou a qualidade dessas obras, mas apenas evidenciam as diversas transformações que essa literatura experimentou ao longo dos séculos. Ademais, trazer um clássico da literatura, como *O Pequeno Príncipe*, representa uma oportunidade de atualizar e dinamizar o discurso, tanto ao colaborar para que novos leitores conheçam a história do príncipezinho, que vem encantando gerações, quanto ao apresentar um discurso renovado através da linguagem do cordel.

Referências

ACOPIARA, Moreira de. **O pequeno príncipe em cordel**. 1ed. São Paulo: Ciranda na Escola, 2022.

BARROS, José D' Assunção. A antropofagia trovadoresca - O trovadorismo galego-português nos séculos XII e XVI e sua assimilação de influências externas e internas à península ibérica. **Revista de letras**, v.1/2, n. 28, p. (121-127), jan/dez, 2006.

FREITAS, Mauro Ricardo de. Uma abordagem filosófica da obra *O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry*. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Faculdade Católica de Pouso Alegre. V. VII, n. 17, 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao17/02172015RT.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos de Cordel: experiências de leitores/ouvintes (1930-1950). In: PAIVA, Aparecida *et al.* (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/FaE/UFMG, 2003.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, Renata Junqueira *et al.* (Orgs.). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

LIMA, Stélio Torquato. **Cordel do pequeno príncipe**. 1ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2016.

LIMEIRA, Josué. **O Pequeno Príncipe em Cordel**. Ilustrações Vladimir Barros. 2ed. Recife: Editora Cativar, 2017.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. 1ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/157058/152462>. Acesso em: 11 dez. 2024.

NEVES, Francisca Paiva das. **Literatura de cordel - origens e perspectivas educacionais**. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

PIZZIGNACCO, Milla Maués Pelúcio. Motes para ler o mundo: Os folhetos de cordel como mediadores de processos educativos com artes. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 42, n. 116, p.98-109, Jan.-Abr., 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Ilustrações Antoine de Saint-Exupéry; trad.: Dom Marcos Barbosa. 1ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

SANTOS, Ana Paula dos. **Literatura de cordel**: permanência e movência das cantigas aos suportes impressos e digitais. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

SOARES, Magda Becker. **Alfaetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

VASCONCELOS, Fabíola Cordeiro de; RAMOS, Fabiana. Da minha janela: Um olhar para o livro ilustrado infantil e sua leitura. **Revista Leia escola**, Campina Grande, v. 21, n.1, p.173-186, abr., 2021.



O Pequeno Príncipe Preto e sua preciosa Baobá: sementes potentes para práticas educativas antirracistas

Andreia Fernandes Oliveira
Heloise Beatriz Lucio Sousa
Emanuely Cristina de Souza Nascimento

Se você faz tudo sempre igual é seguro que nunca se perca,
mas é possível que nunca se ache. Sérgio Vaz, poeta

Sair do comum, do estável é tarefa por demais audaciosa, perigosa e instigante. Foi num processo de deslocamento que nasceu a obra *O Pequeno Príncipe*, do francês Antoine Saint-Exupéry, que a escreveu nos Estados Unidos e a publicou em 1943, primeiro em inglês, depois em francês. Essa obra conhecida e difundida ao longo do tempo, faz parte do repertório literário de muitas pessoas, provocando sensações, sentimentos e aguçando outros deslocamentos a partir da publicação de releituras desse clássico.

A obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, se soma a esse conjunto de releituras e permite, à luz da provocação da poesia na epígrafe deste texto, que a comunidade leitora se ache, se encontre, pois é uma releitura muito potente. O autor, ao fazer diferente, faz a diferença e nos apresenta valores como pertencimento, ancestralidade, combate ao racismo, representatividade positiva da população negra, entre outros aspectos.

Neste capítulo comprometemo-nos a analisar essa obra a partir de alguns conceitos importantes quando pensamos no imbricamento entre educação e relações étnico-raciais. Como o livro *O Pequeno Príncipe Preto* nos ajuda a refletir sobre a importância do desenvolvimento de uma educação com práticas antirracistas? A partir da análise de trechos desta obra, vamos identificando e trazendo considerações sobre conceitos

importantes, nomeados por estas autoras como sementes potentes. A saber: pertencimento, ancestralidade, negritude, diversidade, religiosidade. Em nossas reflexões, relacionamos tais sementes à importância do desenvolvimento de uma educação que se pautar por práticas antirracistas.

Em suas reflexões, Eliane Cavalleiro (2001) aponta que uma educação com práticas antirracistas tem como premissa erradicar preconceitos, combater discriminações e tratamentos afetuosos diferenciados entre as crianças negras e não negras. Ela lista oito características de uma educação antirracista que acreditamos ser pertinente aqui destacar. Vejamos:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar. Utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do eurocentrismo dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de "assuntos negros".
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados (Cavalleiro, 2001, p.158).

Ressaltamos que tais práticas não são responsabilidades apenas do corpo docente, mas de um conjunto de atores que se direcionam neste sentido. Nas reflexões sobre apropriações conceituais a respeito das práticas docentes, Lira e Villas Bôas (2024, p. 80), destacam que “as práticas são contextualizadas e estão ligadas a uma multiplicidade de variáveis pertencentes aos contextos dos atores em constante mudança”. Isto nos faz concluir o quão complexo é a implementação de práticas docentes

antirracistas, pois requer do projeto pedagógico, a ponderação das variáveis e destes atores em constante mudança. Isso significa considerar a identidade dos próprios agentes e, portanto, suas subjetividades, afetos e crenças sedimentadas a respeito das relações sociais e raciais. As transformações exigirão sempre um processo complexo e contínuo de formação.

As reflexões aqui partilhadas revelam o nosso compromisso enquanto educadoras de que, para além das dificuldades existentes, seguimos buscando práticas docentes que construam uma educação antirracista, inclusiva e emancipatória.

Se na história original, o menino branco, que habita um pequeno planeta, se preocupa em arrancar os baobás, na obra que inspira este capítulo, o Pequeno Príncipe Preto valoriza a Baobá. Ela cabe sim em seu minúsculo planeta e o ensina sobre a importância de uma existência que valoriza a natureza, a comunidade e a construção de um mundo mais digno e justo, em que as diferenças não sejam encaradas como desigualdades.

Em uma sociedade que intenciona arrancar ou negatizar referenciais positivos da cultura africana e afro-brasileira, esta história é mais um dos muitos recursos educativos para a construção de uma educação emancipatória. Precisamos nos valer de recursos educacionais, os mais diversos, que combatam preconceitos e práticas racistas dentro e fora do espaço da escola. Neste texto, nossa prioridade é considerar o espaço escolar, que se encontra imerso em muitas incoerências.

Se a sociedade brasileira é racista, o racismo está presente na escola. Silva (2013) nos mostra que, ao iniciar a discussão sobre a importância da igualdade étnico-racial, muitas pessoas reagem prontamente falando que todas as pessoas no espaço escolar são tratadas igualmente. No entanto, o autor questiona: será que esse tratamento é suficiente para promover a igualdade e combater a vulnerabilidade das pessoas negras no ambiente escolar? Será que é suficiente para combater o racismo produzido e infringido pela branquitude?

No seu texto, ele discorre sobre as incoerências no ambiente escolar. Sua pesquisa partiu da cidade de Porto Alegre, onde ele observou que as representações de pessoas negras nas salas de aula, em murais, livros e cartazes eram quase nulas, ou seja, não se tinha representação, muito menos a igualdade que algumas pessoas apregoavam. Geralmente os cartazes eram ilustrados com personagens infantis brancos, seguindo um padrão hegemônico de representação humana em nossa sociedade. A pluralidade na representatividade é fundamental. Além de um texto representativo, a obra em análise apresenta um compromisso iconográfico.

Nosso texto se organiza da seguinte maneira: primeiro trazemos considerações sobre a obra, em seguida reflexões conceituais a partir de excertos do livro e, por fim, o registro de experiência de uma das autoras negras do texto, a saber, a graduanda Heloíse Lúcio, com a leitura e reflexão da história em questão. Desejamos semear em você que nos lê, o encantamento pelo livro *O Pequeno Príncipe Preto* e lhe convidar a refletir sobre a importância de práticas antirracistas na educação.

O Pequeno Príncipe Preto: conhecendo a obra, o autor e a ilustradora.

O Pequeno Príncipe Preto de Rodrigo França foi publicado em 2020 e narra a história de um Pequeno Príncipe que habita em um minúsculo planeta na companhia de uma grandiosa árvore Baobá, a grande princesa. Este pequeno príncipe gosta de viajar para conhecer novos planetas e semear seus valores: as sementes de baobá e o Ubuntu. Suas viagens se dão por meio das grandes ventanias. Em busca de novas experiências, ele conhece pessoas espalhando além das suas sementes, o amor, o respeito e a empatia.

Diz Leonardo Boff (2002) que cada um lê a partir de onde os pés pisam. A releitura de França sobre a obra de Saint-Exupéry nos revela um pouco da realidade de onde os seus pés partem. Rodrigo França é um homem negro, nascido no Rio de Janeiro, que se

denomina um ativista pelos direitos sociais, civis e políticos da população negra. França, participou de um *reality show* em 2019, o Big Brother Brasil, uma edição considerada histórica por ter muitos participantes negros. Esta edição foi marcada por ataques racistas, tanto a ele quanto aos demais participantes, que sofreram dentro e fora do programa. Esse período foi marcado por muitas mensagens criminosas de pessoas racistas, principalmente para Rodrigo França por pertencer a uma religião de matriz africana.

O livro foi desenvolvido após a criação e produção de uma peça teatral infantil do mesmo autor, que se tornou um sucesso no Brasil. Rodrigo França ampliou a peça para um conto, enriquecendo as discussões sobre negritude, pertencimento, ancestralidade, religião e, sobretudo, o autoamor. A obra foi publicada no ano de 2020, com trinta e duas páginas. Na composição deste livro, há que se destacar as brilhantes ilustrações feitas pela artista Juliana Barbosa Pereira, ilustradora, animadora e design, que trabalhou com Rodrigo desde a peça que originou o livro.

O Pequeno Príncipe Preto de França, assim como *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry (2013) viajam para diferentes planetas, entre estes o planeta Terra, dialogando com diversos personagens. Diferentemente do Pequeno Príncipe da obra do francês, o Príncipe Preto está comprometido com a sementeira do Baobá e do UBUNTU, uma antiga filosofia africana, popularizada mundialmente por meio da criação de um *software* livre para computadores (Nogueira, 2012), comumente traduzida por “eu sou, porque nós somos”. Sobre este conceito Ubuntu, trataremos mais adiante.

O livro de França (2020) é uma obra de literatura infantil que contempla e compartilha uma rica e ampla experiência positiva sobre a negritude. O autor, a partir da literatura infantil, se preocupa em trazer à tona discussões de extrema relevância como a valorização da população negra, o valor da ancestralidade, dos saberes africanos. Neste sentido, se soma às iniciativas educativas

que colaboram com o enfrentamento e desconstrução ativa do pensamento supremacista branco (hooks¹, 2021).

Esta obra serve, junto a tantas outras iniciativas literárias, ao propósito premente de contribuir na desconstrução de estereótipos negativos consolidados a respeito das representações da negritude. Além disso, pode ajudar diretamente na construção de subjetividades negras e brancas resistentes e combativas às opressões racistas, algo almejado e proposto pela implementação da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afrobrasileira no currículo da educação pública e privada no Brasil, sancionada há mais de 20 anos.

Nesse exercício, *O Pequeno Príncipe Preto* se une a outras literaturas infantis que se apresentam como recursos fundamentais na construção de uma educação consubstanciada por práticas antirracistas que, segundo a professora Barbara Carine (2023, p. 89), podem ser compreendidas como práticas “voltadas para a denúncia do racismo no sentido maior da sua reversão/destruição”. Proposição urgente e necessária para esta sociedade brasileira, que por conta da sua herança escravagista, tem se fundamentado em relações sociais, políticas, econômicas, culturais, ambientais e religiosas atravessadas pelo perverso racismo.

Ao olhar para *O Pequeno Príncipe Preto*, que conceitos importantes para uma educação antirracista estão presentes nesse livro? Dentre as possibilidades que se apresentaram como respostas na leitura da obra, escolhemos refletir sobre: pertencimento, ancestralidade, negritude, diversidade, Ubuntu e religiosidade, sementes potentes presentes nesta linda história.

¹ Mantemos o nome da autora com letra minúscula em respeito à sua intencionalidade ao ser nomeada. bell hooks é o pseudônimo adotado por Glória Jean Watkins em homenagem a sua bisavó. A escrita em minúscula se dá a partir da sua intencionalidade de que a sua obra seja mais ressaltada do que ela mesma.

Sementes potentes: pertencimento, ancestralidade, negritude, diversidade, Ubuntu e religiosidade.

Na ideia de um Pequeno Príncipe semeador, encontramos a urgência da transformação do *status quo*. Isto demanda a consciência de que processos revolucionários e disruptivos não são necessariamente grandiosos, às vezes começam pequenos, mas não por isso impotentes (Calado, 2018). Sementes, ainda que pequenas, quando semeadas, frutificam, florescem. Que potentes sementes conceituais podem ser identificadas na obra? Aqui partilhamos algumas que achamos relevantes quando pensamos em caminhos para uma educação antirracista.

Pertencimento não é palavra só, pertencer é ter lugar, é estabelecer relações com um território que é e não só é espaço físico, mas também espaço relacional, constitutivo de afetos e identidade.

A potente escritora bell hooks (2022) reúne no livro *Pertencimento: por uma cultura do lugar*, reflexões importantes a partir das suas memórias a respeito da ideia de pertencimento. Em seus escritos, hooks nos ajuda a entender que a sensação de pertencimento, tão cara a uma construção saudável da identidade, pode ser distorcida à medida que nossa história e saberes são encobertos “pela informação tendenciosa recebida da cultura dominante” (p. 39). Ao prefaciá-lo a edição deste livro de hooks, Halina Leal (apud hooks, 2020, p. 11) destaca que é possível aprender com bell que:

O racismo e o sexismo estão na raiz de sentimentos de não pertencimento e do quanto a perspectiva ancestral, intimamente relacionada a conexões com a terra, com o meio ambiente e com estéticas opositoras, nos permite a identificação e, portanto, se constitui num caminho de cuidado e cura.

hooks (2022), ao se afastar das suas origens, da sua terra, do seu lugar primeiro de pertencimento, por conta do atravessamento da cultura dominante estadunidense, racista e sexista, foi descobrindo ainda mais a importância do seu

lugar de origem. Nessa crescente descoberta, teve a possibilidade de retornar ao Kentucky, lugar onde nasceu, para terminar ali a sua vida. Em suas considerações sobre pertencimento e como o racismo e o sexismo podem destruir nosso lugar de pertença, a autora rememora um escritor conterrâneo seu, Wendell Berry, que a ajudou a pensar sobre a importância de aprender a pertencer ao seu próprio lugar. O nosso pequeno príncipe preto não esqueceu e nem intentava se afastar de sua origem:

“Ah, já ia esquecendo: eu sou o príncipe deste planeta. A Baobá disse que sou o Pequeno Príncipe. Ela é a Grande princesa.” (França, 2020, p. 6).

“– E, enfim, cheguei em casa! Acho que viajo para sentir saudade daqui e voltar mais feliz. Valorizando cada canto, cada detalhe.” (França, 2020, p. 27).

Os excertos citados nos apresentam alguém consciente e apaixonado por seu lugar. O sentimento de pertencimento do personagem está preservado à medida que suas referências não estão apagadas. Infelizmente, isso não está presente em nosso contexto brasileiro, assim como não se faz presente no contexto estadunidense de hooks. Ambas as sociedades foram sequestradas e forjadas por processos coloniais que depreciaram e apagaram territórios, suas pertenças. Isto se deu por meio de escravizações múltiplas, cujos desdobramentos subjugam e conformam, até hoje, construtos afetivos e, portanto, intelectuais de pessoas e povos não dominantes.

Um pequeno príncipe que pode conhecer e ocupar novos territórios sem, contudo, desejar pertencer a eles porque não se envergonha de onde veio. Um pequeno príncipe que ama suas origens, sente saudade delas, deseja inclusive semear o que há no seu lugar de origem em outros territórios... Essa é uma expressão significativa de orgulho, de pertença. Esse deveria ser o sentimento de cada criança negra do nosso país.

No livro *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores*, a

professora Sandra Petit (2015) nos brinda com reflexões muito potentes a respeito do pertencimento, especialmente o pertencimento afro, categoria presente em seus escritos, que diz respeito a situar-se dentro da ancestralidade africana, saber que se faz parte de uma linhagem que, para além de biológica, é de parentesco cultural (p. 171). Nesta direção, o compromisso de uma educação antirracista está firmado também em dar visibilidade de forma valorizada ao nosso pertencimento cultural afro-indígena. Pois, é por meio da educação que nós desconstruímos os preconceitos — ação vital, mas não única, no combate às discriminações.

Pensar em uma educação antirracista é pensar sobre a importância da garantia de pertencimento, sobre a valorização de todos os lugares e territórios, é desvelar a hierarquia e as desigualdades territoriais, desconstruir preconceitos, é proporcionar o cultivo do orgulho do lugar — material e simbólico — de origem; o não apagamento das memórias; a afirmação, conhecimento e valorização da ancestralidade, o descortinar e o valorar de saberes populares desqualificados por currículos eurocentrados.

Ancestralidade

Existe uma coisa chamada ancestralidade, antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra...Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meustataravós...todos eram reis, rainhas.

Como pode existir o hoje, o agora, se você não conhece o seu passado, a sua origem, as suas características? É assim que a gente conhece a nossa ancestralidade. (França, 2020, p. 9).

No excerto acima, o autor apresenta explicitamente o tema da ancestralidade, que circunda toda a obra. Para Moraes (2019, p.1):

A ideia de ancestralidade traz em sua estrutura duas potências: algo que permite que ela sempre retorne e se repita ao longo do tempo, e a possibilidade de sempre se fazer presente [...]. Dito de outra maneira, a ancestralidade sempre aponta para um futuro, que nunca se presentifica, em

termos de finalização, e traz sempre, de modos diferentes, heranças do passado que se repetirão no futuro.

O professor Eduardo Oliveira (2005) em seus estudos e proposições sobre a Filosofia da Ancestralidade apresenta considerações muito significativas sobre esta categoria que embora tenha se originado no cenário religioso – neste caso, o de matriz africana – vai se expandindo e se resignificando para além, chegando, por exemplo, a colaborar com as reflexões sobre filosofia e educação.

Para Oliveira (2005, p.258), a ancestralidade é vista como categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Neste sentido promove e sustenta uma ética comunitária que protege, resiste e recria a vida na integralidade, no respeito e interdependência a quem nos antecede e na complementariedade com a natureza. Na continuidade de suas reflexões sobre este conceito, conclui: a ancestralidade converte-se no princípio máximo da educação. [...] Educar é conhecer a partir das referências culturais que estão no horizonte de minha história (ancestralidade) (idem, p. 260).

A ancestralidade não é um valor apenas para as culturas africanas, mas no caso da história do pequeno príncipe preto é desta ancestralidade que se trata. Ao evocar a ancestralidade em sua obra, França se compromete com o processo de fortalecimento e valorização da identidade negra para a comunidade leitora. Ele situa uma relação positiva com a ancestralidade africana e com imagens de África, valorizando a realeza ao invés de evocar os processos de escravização, sequestro e tráfico de africanas e africanos.

No discurso do pequeno príncipe preto evidencia-se a realeza: “todos eram reis e rainhas antes de mim” (França, 2020, p. 9). A afirmação dessa narrativa se ancora numa belíssima ilustração, que mostra homens negros, em diferentes faixas etárias, com características parecidas com as do pequeno príncipe preto.

Sobre a positivação das representações negras em livros didáticos, a professora Ana Célia da Silva (2011, pp. 137-138) considera:

A representação humanizada nos livros didáticos é muito importante para a criança negra na construção da sua autoestima e identidade étnico-racial [...]. Ver-se representado de forma positiva e aproximada do real desenvolve na criança um sentido de existência, de positividade de pertença às categorias de humano e cidadão, porque ela passa a ver-se como existente nessa representação, que para ela corresponde ao real. Ao reconhecer-se e ser visibilizada, a criança desenvolve o amor ao seu semelhante étnico. Também as crianças de outras raças/etnias, começam a ver a criança negra sem os estigmas inferiorizantes, passando a reconhecer suas diferenças sem hierarquias, respeitando-a e interagindo com ela no convívio escolar fora dele.

Nessa perspectiva, a afirmação da identidade negra por meio da ancestralidade surge como um aspecto muito importante, pois pessoas negras que têm contato com uma literatura negra-brasileira como a obra de França, fortalecem sua negritude e sentimento de pertencimento. Isto pode colaborar com a melhora da autoestima, tão massacrada pelo embranquecimento da sociedade. Pessoas negras aprendem a valorizar seus traços e a desconstruir os estereótipos negativos sobre traços negroides como a boca carnuda e o cabelo crespo. É disso que trataremos ao evidenciar a próxima semente: a negritude.

Negritude. Kabenguele Munanga, em seu livro *Negritude: usos e sentidos* (2009), nos brinda com uma fundamental reflexão sobre o conceito de negritude, nos elucidando sobre seu surgimento e constituição ao longo do tempo, em decorrência do trabalho de muitos intelectuais. Assinala Munanga que o conceito de negritude emerge de “um sentimento de frustração dos intelectuais negros por não terem encontrado no humanismo ocidental todas as dimensões de sua personalidade” (2009, p. 63).

Dentre as muitas significações construídas a respeito da negritude, ressaltamos aqui a ideia de um conceito e de um movimento ideológico comprometido com a valorização da identidade negra e com o combate ao racismo e, portanto, da

branquitude, processo que promoveu um ideário da superioridade da identidade branca.

A negritude e/ou identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objetos de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (Munanga, 2009, p. 20).

Neste sentido, o autor sinaliza a importância de um movimento de tomada de consciência, de um agir solidário entre as vítimas e de um movimento de luta que perpassa, entre tantas coisas, pela recuperação do valor da identidade negra, que, segundo o autor, começa pela valorização dos atributos físicos, antes de atingir outros como os “culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (idem, p.19). Tal valorização do corpo e dos atributos físicos está presente no texto do Pequeno Príncipe Preto. Diz ele, a respeito de si:

Eu sou negro! [...]. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços. Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho um nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém.” (França, 2020, p.10-11).

Todo projeto educacional antirracista precisa estar imbricado com a ideia da construção positiva da identidade negra, desde a creche. Desejamos que todas as crianças negras tenham essa consciência do pequeno príncipe negro. Neste sentido, são diversas as iniciativas que precisam acontecer, dentre elas destacamos: a organização espacial, privilegiando a circularidade; a diversidade

representada nos bonecos e bonecas em sala, nos cartazes, livros infantis, materiais didáticos diversos, e currículos estabelecidos; o estabelecimento de relações de afeto antidiscriminatórias; os processos formativos contínuos de educação antirracista e propagadora da diversidade, que devem ser constantemente oferecidos pela gestão escolar.

Viver em uma sociedade estruturada pelo racismo, como é o caso do Brasil, é se deparar com indicadores sociais, educacionais, econômicos, políticos, de segurança pública, de saúde mental, que demonstram a vulnerabilidade da população negra nesta estrutura social racializada, que interfere diretamente na autoestima e formação da identidade dos indivíduos negros desde a mais tenra idade. Em sua tese de doutorado, transformada no livro “do silêncio do lar ao silêncio escolar”, Eliane Cavalheiro (2003, p. 97-98) denunciava:

No que tange ao espaço escolar, as crianças estão tendo infinitas possibilidades de para a interiorização de comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias contra negros. Encontramos na escola educadoras que se dizem (e se sentem) compromissadas com o seu fazer profissional, mas mostram-se cegas para as suas ações, principalmente quando questionadas sobre as relações interpessoais estabelecidas no cotidiano da pré-escola. Paralelamente, nas famílias, encontramos adultos e jovens preparando seus novos membros para a vida social desconsiderando o caráter multiétnico da população, o pertencimento a um grupo específico e, mais ainda o racismo secular que impera na sociedade brasileira. O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola.

De 2003 até o presente, não negamos os avanços ocorridos nas políticas e práticas educacionais, mas não os romantizamos, pois ainda há muito que fazer. França (2020), em sua obra, nos convida a pensar sobre o espaço escolar e sobre a importância da relação entre educação e diversidade. É sobre isso que trataremos a seguir.

Diversidade. Em suas viagens pelo planeta terra, o Pequeno Príncipe se depara com uma instituição secular: a escola. Veja a sua descrição sobre ela:

“Tantas crianças! Algumas tinham umas bolsas pesadas e esquisitas nas costas.

‘Para onde vocês estão indo?’, perguntei.

‘Para a escola!’

Elas responderam!

Elas pouco corriam, brincavam somente com jogos eletrônicos. Os bonecos e as bonecas não se pareciam com a maioria das crianças. E a maioria das crianças se parecia comigo. Havia cor para menino e cor para menina. Ué, cor é cor. Dá para acreditar que as brincadeiras também eram separadas?!

Elas não se chamavam pelo nome, mas, sim, por apelidos que davam tristeza. As crianças não viviam livres, a escola tinha muros altos e grades.

‘Posso brincar com vocês?’

Alguns riram do meu sotaque e da forma como eu me vestia.

[...]

‘Você não parece normal’.

‘O que é normal?’

Quiseram tocar no meu cabelo, sem pedir licença.

‘Não toquem no meu cabelo!’” (França, 2020, p. 23).

No excerto destacado acima, podemos situar algumas problemáticas que ocorrem no espaço escolar: uma educação que mais alimenta a razão em detrimento da experiência corporal; a crescente hegemonia dos jogos eletrônicos, mudando a cultura do brincar; a pouca ou nenhuma diversidade dos bonecos e bonecas que dificulta a representatividade para crianças que não são brancas; a divisão sexual das brincadeiras que acaba por reforçar a perversa divisão sexual do trabalho; o *bullying*, essa violência escolar pautada por intimidações, sendo o uso de apelidos violentos, uma dessas intimidações; e o racismo. Este último explicitado por intimidações a respeito da diferença; da chacota feita com a roupa e o sotaque; e o toque violento no cabelo do personagem. No excerto, o tema da diversidade está em destaque e os conflitos e tensionamentos advindos dele também são evidenciados.

Nem sempre a cultura escolar e o espaço escolar são lugares seguros. A tensão existente entre as diferenças, transforma muitas delas em desigualdades. Essas transformações se dão por meio de processos explícitos ou sutis e sempre complexos presentes na

sociedade e, portanto, na escola como parte desta sociedade, que é racista, sexista, misógina, homofóbica e classista. Ao se hierarquizar as diversidades ou, como sinaliza Tomaz Tadeu Silva (2002), os marcadores sociais da diferença, as práticas discriminatórias desvelam os preconceitos incrustados.

A difusão das práticas discriminatórias no contexto escolar é uma realidade e se manifesta a partir de todos os sujeitos que compõem este espaço. Esta é uma das conclusões de uma pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar nas seguintes áreas temáticas: étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais (deficiência) e socioeconômica. Esta pesquisa foi realizada em 2009 pela FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, que analisou 501 escolas no território nacional e entrevistou 18.599 indivíduos ligados ao espaço escolar.

Se as práticas discriminatórias no espaço escolar acontecem em decorrência da dificuldade de lidar com a diversidade, qual o caminho para a superação dos preconceitos e discriminações? Seria a falaciosa homogeneidade? Para Candau (2011), não há educação que não esteja imersa em processos culturais, porque a relação entre cultura e educação é intrínseca. Neste sentido, a escola é um espaço de cruzamento de culturas fluido e complexo, atravessados por tensões e conflitos. Considerar a diversidade na escola como fator constituinte e como caminho educativo é fundamental para que as diferenças e identidades subalternizadas não sejam subjugadas por relações de poder que promovem desigualdades.

Se a diferença está imbricada na escola, uma prática pedagógica que entenda, promova e construa espaço privilegiado para diversidade é um caminho de superação das discriminações e, por conseguinte, da humanização do espaço e das culturas escolares.

As professoras Abramovicz, Consentino e Cruz ao trazer considerações sobre as diferentes concepções conceituais a respeito da diversidade e da diferença, alertam para o risco que esta categoria diversidade pode provocar no que diz respeito tanto ao apagamento das diferenças, quanto à construção de um diálogo,

que sob a égide da tolerância, acaba por manter as desigualdades. A respeito disso, advertem:

A diversidade, portanto, tem se caracterizado como uma política universalista de maneira a contemplar o todo, todas as formas culturais, todas as culturas, como se pudessem ser dialogadas, trocadas, a diversidade é, portanto, o campo esvaziado da diferença. Este campo da diversidade também de alguma maneira é esvaziado, não pela diferença, mas pela desigualdade. Há desigualdades irreconciliáveis, seja de poder, seja das classes sociais, mas isto é obscurecido (Abramovicz, Consentino e Cruz, 2011, p. 93-94).

Entendemos o risco que incorremos ao apontar a valorização da diversidade no combate às desigualdades e discriminações decorrentes delas, para isso vale destacar nossa filiação teórica a respeito da diversidade, a partir do que aponta a ex-ministra Nilma Lino Gomes (2007, p. 48):

A diversidade é muito mais do que o conjunto das diferenças. Ao entrarmos nesse campo, estamos lidando com a construção histórica, social e cultural das diferenças a qual está ligada às relações de poder, aos processos de colonização e dominação. Portanto, ao falarmos sobre a diversidade (biológica e cultural) não podemos desconsiderar a construção das identidades, o contexto das desigualdades e das lutas sociais. A diversidade indaga o currículo, a escola, as suas lógicas, a sua organização espacial e temporal.

Neste sentido, há que se ter cuidado ao acessar a diversidade como categoria para pensar uma educação que liberta e emancipa (Freire, 2005). Isto para não cairmos em discursos esvaziados de complexidade e problematização das relações de poder - estas sempre marcadas pelo racismo, machismo, capacitismo, homofobia, entre outros que acabam por transformar diferenças em desigualdades.

Nas suas considerações sobre educação antirracista, a professora Barbara Carine (2023, p. 127-128), ao considerar o tema da diversidade, afirma pautar uma diversidade de implosão, e não de inclusão. Já que esta segunda, ao incluir quem se diferencia, o

faz dentro de uma estrutura pré-estabelecida, que acaba por conformar ou confinar esse “diferente”. Ao tratar da diversidade da implosão, ela reivindica uma pedagogia da implosão que destrói/implode o edifício *brancocêntrico* ocidental e constrói, a várias mãos, a nova festa da diversidade.

Nas discussões sobre diversidade e o perigo do discurso da tolerância com a diferença, Abramovicz, Consentino e Cruz (2011) apontam uma pedagogia do intolerável que é “a afirmação absoluta da vida, resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida, resistência inabalável ao aniquilamento e a uma vida não fascista que se faz a toda hora e todo dia e por cada um”.

Uma educação antirracista que afirma a diversidade não homogeneíza, não desconsidera as relações de poder que geram desigualdade. Não submete, nem apaga as subjetividades. O Pequeno Príncipe Preto parece ter consciência disso ao refletir sobre a constatação da raposa: “*Não entendi uma coisa. Ela disse: “você é como cem mil garotos que já conheci”. Não sou, não. Cativando ou não as pessoas, nós somos únicos. Não dá para se comparar a nenhum outro ser*” (França, 2020, p. 21).

Ele sabe o valor de preservar a sua individualidade! Reconhece e isso e sua interdependência com a comunidade. Por isso, a sua intencionalidade de semear em suas viagens, as sementes da Baobá e do UBUNTU, próxima semente a ser considerada em nosso texto.

Ubuntu

“Aí eu gritei:
‘UBUNTU!’

Todos pararam para saber o que significava UBUNTU. Peguei um cesto cheio de balas e coloquei debaixo da árvore. Chamei as crianças e disse: ‘quando eu falar ‘já’, vocês devem sair correndo até o cesto. Quem chegar primeiro ganhará todas as balas’.

Falei ‘já’! Elas correram, se empurraram, algumas se machucaram e outras trapacearam. Mais uma vez eu gritei: ‘UBUNTU!’

‘Por que vocês não dão as mãos e vão juntas e juntos? Por que não fazem UBUNTU? Eu sou porque nós somos! UBUNTU significa ‘nós por nós!’ (França, 2020, pp. 24-25).

O grito do Pequeno Príncipe Preto talvez expresse a sua incapacidade de compreender a forma como a sociedade ocidental se organiza. A máxima popular “farinha pouca, meu pirão primeiro” conceitua este individualismo premente em nossa organização e caminha diametralmente oposta ao UBUNTU, essa filosofia cunhada em território africano que, segundo o filósofo sul africano Mogobe Ramose (2010), se sustenta na ideia de que a comunidade antecede a individualidade. Corroborava Low sobre este conceito:

O sentido de ubuntu está resumido no tradicional aforismo africano “umuntu ngumuntu ngabantu” (na versão zulu desse aforismo), que significa: “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”, ou “eu sou porque nós somos”. Ser humano significa ser por meio de outros. Qualquer outra forma de ser seria “des-umana” no duplo sentido da palavra, isto é, “não humano” e “desrespeitoso ou até cruel para com os outros”. Essa é, grosso modo, a forma como a ética ubuntu africana descreve e também prescreve o ser humano (Low, 2010, p. 5).

Renato Nogueira (2012) em seu ensaio sobre Ubuntu conclui que o sentimento de felicidade a partir dessa perspectiva, se realiza prioritariamente numa dimensão coletiva e não individual. A partir disso, é possível compreender a angústia e a perplexidade do Pequeno Príncipe Preto diante das crianças, que no tocante a autossatisfação, representada na busca individual das balas, se batiam, se machucavam e assim disseminavam a tristeza enquanto almejavam a felicidade. Ubuntu significa nós por nós, ensina o nosso pequeno personagem. A autonomia não se sobrepõe à comunidade, preserva-se e protege-se neste senso comunitário:

O verdadeiro ubuntu se opõe a tendências totalitárias levando a pluralidade a sério. Ao mesmo tempo em que constitui o “ser pessoa” por meio de outras pessoas, ele valoriza o fato de que “outras pessoas” sejam assim chamadas, justamente porque, em última análise, nunca podemos “ficar inteiramente na pele delas” ou “enxergar completamente o mundo através de seus olhos”.

Portanto, quando o “ubuntuísta” lê “solidariedade” e “consenso”, ele também lê “alteridade”, “autonomia” e “cooperação” (observe: não “cooptação”). (Low, 2010, p. 7).

Pensar a educação antirracista, a partir da dimensão do Ubuntu é refletir sobre construção de lugar seguro para que as pessoas vulneráveis reconstruam seu sentimento de pertença, não se sintam sozinhas em suas lutas, valorizem a sua autoestima, se apropriem de estratégias diversas de resistência e combate aos preconceitos e discriminações e se organizem para disputas de espaços e narrativas, historicamente negados. É refletir também sobre a construção de espaços pedagógicos libertadores, para que subjetividades hegemônicas e violadoras sejam confrontadas e inibidas em suas ações de violência. É refletir para propiciar que as pessoas se relacionem consigo mesmas e com as outras, diferentes delas, sob outra lógica e tenham a possibilidade de se transformar. Discorreremos a seguir sobre a última semente que elegemos para partilhar aqui: a religiosidade.

Religiosidade

No fundo quando quem a gente ama vai embora, vira encantado e mora dentro da gente, no coração.

Olorum kosi purê – Que esteja na paz

A minha história terminou assim: quando a Baobá se foi, olhei para baixo e vi uma muda no solo. Outra Baobá! (França, 2020, pp. 28-29).

Dentre as diversas discussões importantes e pontuais que o livro apresenta, Rodrigo França se preocupa em dialogar a respeito da religiosidade. Enquanto a obra de Saint-Exupéry (2013) apresenta o tema da morte sob uma perspectiva filosófica, no Pequeno Príncipe Preto, o autor se compromete com significações a partir da religiosidade, especificamente de matriz africana.

Falar sobre religiosidades não hegemônicas no nosso país, que é predominantemente cristão, é de fato muito desafiador. Ainda que o Brasil seja um país laico, como expresso em sua constituição,

os casos de intolerância religiosa e de racismo religioso, se avolumam.

Ao trazer o tema da religiosidade e, especificamente, relacionando-o às religiões de matrizes africanas, o autor colabora com a ampliação de conhecimento sobre essas religiões, que têm sido alvo de preconceitos e discriminações no nosso país. A intolerância religiosa e o racismo religioso, que tem atentado contra o direito constitucional da liberdade religiosa, têm entre outros alicerces, bases históricas, sendo fruto, dos mais de trezentos anos do processo de escravização, cujos traços remanescentes ainda estão presentes sociedade atual, que mantém o racismo estruturante em suas entranhas (Oliveira, 2017).

Silva e Araújo (2016, p.7) apontam que para o combate do racismo religioso em uma sociedade marcada pela perpetuação do ideário escravagista, é preciso:

Problematizar a construção das relações desiguais sociais baseadas na cor, assim também como do racismo é justamente mostrar como o preconceito na nossa sociedade contra a cultura afro-brasileira e conseqüentemente a visão negativa que se tem das religiões matriz africana é fruto da ação humana e que, portanto, é produto de um processo histórico.

Embora tenhamos utilizado um excerto que se encontra no final da história para ilustrar o tema da religiosidade, ela perpassa toda a obra, dando à comunidade leitora a possibilidade de ter um encontro com imaginários significativos presentes neste contexto religioso.

O Pequeno Príncipe Preto relata que quando vem um vento forte, ele se aproveita para voar e sair do seu pequeno planeta, para explorar outros. Há aqui uma alusão à Iansã, a orixá dos ventos, que manifesta seu poder através das tempestades. Vale destacar que não se identifica no texto nenhum intento proselitista ao tratar do tema da religiosidade, nem a diminuição de outras religiões em detrimento desta assinalada na história.

Esteves e Coqueiro (2020, p.239) em seu artigo sobre este livro, consideram sobre o tema da religiosidade:

De forma singela, o livro apresenta dois orixás como guerreiros, como podemos evidenciar no seguinte trecho: “você sabia que, para alguns, os raios são dois guerreiros lutando? Na verdade, são uma guerreira e um guerreiro: Iansã e Xangô. Assim, cada vez que suas espadas se tocam, faz um barulho de explosão [...]” (França, 2020, p. 12). Suscitar o enfrentamento contra o discurso eurocêntrico e cristão, que vê os orixás do candomblé como coisas repulsivas e malignas, e apresentá-los como guerreiros é uma outra estratégia de empoderamento negro, visto que todas as entidades são negras e não devem ser temidas, até porque não existem demônios no candomblé.

Uma educação antirracista precisa estar comprometida com o combate à intolerância religiosa, a denúncia do racismo religiosos, por meio do desvelamento do quanto o preconceito contra às religiões de matrizes africanas são reflexo do racismo que estrutura a nossa sociedade.

Uma educação antirracista não se furta ao compromisso de ampliar o debate sobre a diversidade étnica, de religiões, sobretudo no ambiente educacional. Pode-se haver questionamentos do seguinte tipo: mas o porquê dessa ampliação ser pela escola? Uma das possíveis respostas, seria pelo fato dela ser uma entidade pública, laica, em que se deve aprender não somente a ler e escrever, mas, a conviver em sociedade, se fazendo necessário também, aprendermos uns com os outros, umas com as outras a respeitar as diferenças.

Em suas conclusões sobre o livro, Esteves e Coqueiro (2020, p. 241) destacam: “a obra é vasta e fala muito, só se faz necessário escutar”. Nossas considerações partilhadas até aqui são fruto das nossas escutas a partir da leitura desta obra excepcional, que apesar de paródica da obra canonizada, em nada se apresenta inferior a ela. Ainda na esteira do quanto o encontro com esta releitura nos falou, resolvemos partilhar aqui o relato pessoal de uma das autoras deste capítulo.

Semeou-me: relato de experiência de uma das autoras

Eu, Heloise Lucio, sou uma mulher negra, que me reconheci como tal, quando compreendi que tinha outras meninas parecidas comigo e que poderia me espelhar nelas, para me sentir representada e sobretudo inserida em espaços sociais. Sendo sempre muito bom, quando encontro com uma outra pessoa negra, em espaços que têm muita dificuldade para chegarmos, como por exemplo, o ambiente acadêmico. Embora exista muita diversidade humana, seja na cor de pele, nos estilos, cabelos, entre outros, não se tem muita a presença de pessoas negras no espaço acadêmico. Fato recorrente, infelizmente, pelas diversas desigualdades presentes na sociedade brasileira que vulnerabilizam a população negra, composta de pessoas pretas e pardas.

Por meio disso, quando encontro com pessoas negras fico muito feliz por termos a oportunidade de vivenciar momentos únicos em uma graduação, independentemente de qualquer que seja. Momentos únicos, que sempre fazem sentido para mim. Um deles, por exemplo, foi poder discutir temáticas que nem sempre são propiciadas na graduação, mas no PET Pedagogia sim, como essa do livro do *O Pequeno Príncipe Preto*, que eu não conhecia. Com a leitura desta obra, por me sentir representada em diversos momentos, pude compreender a importância dele para crianças como fui um dia, mas também para os adultos, para que possamos refletir sobre temáticas tão importantes, como é o caso da ancestralidade.

Falar sobre tudo isso, é muito difícil, pois não consigo expressar a grandiosidade deste livro para mim. Ele me permitiu viver muitos sentimentos. Vivi também uma evolução nas minhas reflexões e nas minhas apresentações. Antes de colaborar na escrita do presente capítulo, passei pela apresentação do livro em conjunto com outra autora, a Emanuely Cristina, consegui deixar meu nervosismo de lado e me saí super bem. Nervosismo esse, que acredito advir da falta de confiança em mim mesma, justamente por não me sentir capaz muitas das vezes.

Dentro desta percepção, em discussões com alguns colegas, falávamos sobre o sentimento de se sentir pertencente a um local. No momento do diálogo, comentei com eles como foi difícil minha adaptação ao ambiente acadêmico, não me via como parte dele. Acredito que isto se deu, justamente por não se sentir representada. Vejo isso, depois de algum tempo dentro da academia. Como foi importante para mim entender que tenho sim meu lugar no espaço acadêmico e que preciso sempre transformá-lo, para sempre crescer cada vez mais, carregando comigo muitas lutas, dificuldades e superações, pois infelizmente não é fácil ser uma pessoa negra na sociedade brasileira, passamos por momentos muitos difíceis.

Portanto, quando foi proposto este capítulo do livro, me senti na responsabilidade de expressar tudo aquilo para mim, foi significativo e trouxe muitas reflexões. Finalizo com muita gratidão pela experiência, de falar abertamente sobre a negritude, de forma leve e bem didática, mostrando a todas as pessoas que leem os despertamentos que a obra me trouxe. Encerro assim, convidando todas as pessoas que se sentiram tocadas pela história, que possam ler e compreender a importância do livro, assim como possam refletir sobre o dever de nós seres humanos, respeitar uns aos outros, respeito às diversidades presentes em nosso país.

Seguir a semear: algumas considerações finais

*Que a pele escura
não seja escudo
para os covardes
que habitam na senzala
do silêncio.*

Porque nascer negro é consequência.

Ser, é consciência.

Sergio Vaz

Para alcançar uma educação verdadeiramente inclusiva e antirracista, é crucial que as instituições educacionais adotem medidas concretas para enfrentar o racismo e promover a

diversidade que combata às desigualdades em todos os aspectos do ambiente escolar (Macedo, 2014). Isso inclui a revisão dos currículos para garantir a representação de diferentes grupos étnico-raciais, a formação de todos os sujeitos que atuam no espaço escolar, no que diz respeito, a implementação de políticas que combatam ativamente qualquer forma de discriminação.

Silva *et al.* (2023) apontam que o contexto escolar, já traz muitos estereótipos negativos a respeito das pessoas negras e isso fortalece ainda mais a reprodução do racismo, além de ressaltar que por não ter uma representação positiva da negritude, sejam em materiais didáticos, cartazes, histórias literárias e no próprio imaginário das pessoas que trabalham no espaço escolar, muitos estudantes acabam passando a valorizar um estereótipo de que o branco é o que obrigatoriamente precisa ser valorizado e o preto desvalorizado. Nada disso foge a uma intencionalidade, mas é fruto do projeto da branquitude.

Sendo assim, é importante que esses estereótipos sejam combatidos de fato. Um caminho viável é pensar metodologias que se comprometam com práticas antirracistas e escolher recursos que respondam a isso, como é o caso de literaturas que promovam, de forma didática reflexões sobre preconceitos e discriminações. Neste contexto, é de extrema importância o cumprimento da Lei 10.639/03 que, mesmo após mais de vinte anos do seu sancionamento, ainda encontra, por parte da gestão, do corpo docente e das famílias de alunas e alunos, dificuldades para ser implementada.

Ao analisarmos a obra *O Pequeno Príncipe Preto* concluímos que ela contempla possibilidade de se desenvolver ricas discussões no que concerne às questões referentes à negritude, ao combate ao racismo e a construção benéfica da identidade de crianças negras e não negras. Na busca por migrar de uma consciência ingênua para uma consciência crítica como bem assinala Paulo Freire (2005), não podemos prescindir de discutir e ressignificar as relações raciais dentro e fora do espaço escolar.

Daqui do nosso chão, daqui da nossa terra, com sangue, suor e resistência, seguimos no compromisso de uma educação que

desvela covardes, queima senzalas e silenciamentos e semeia encontros que nos conscientizem e comprometam na construção de um mundo mais justo e humanizado para todas as pessoas.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; DA CRUZ, Ana Cristina Juvenal. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 1, n. 2, p. 85-85, 2011. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/38>. Acesso em: 08 out. 2024.

BRASIL/MEC/INEP. **Pesquisa sobre discriminação e preconceito no ambiente escolar – Principais resultados**. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf. Acesso em:

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **A força revolucionária dos gestos e iniciativas moleculares**. Consciencia.net. Publicado em 31 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://consciencia.net/a-forca-revolucionaria-dos-gestos-e-iniciativasmoleculares/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Somos todas iguais?: escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-60

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar – racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2ed., São Paulo: Contexto, 2003.

ESTEVES, Natacha dos Santos; COQUEIRO, Wilma dos Santos. A ex-cêntrica negritude do Pequeno Príncipe Preto (2020): considerações sobre a influência pós-moderna em narrativas descentralizadas. **Scripta**, v. 26, n. 56, p. 233-243, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2022v26n56p233-243>.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8740073> Acesso em: dez. 2024.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 17-47, 2007.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. Trad.: Renata Balbino. São Paulo-SP: Elefante, 2022.

LIRA, André Augusto Diniz; BÔAS, Lúcia Villas. **Identidade e práticas docentes: percursos e apropriações conceituais**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 2020.

LOUW, Dirk. Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha. Entrevista. Trad.: Luís Marcos Sander. **Ubuntu: eu sou porque somos-IHU online–Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 353, ano X, p. 5-7, 2010.

MACEDO, Aldenora Conceição de. **Gestão Escolar e Educação Antirracista. A implementação da Lei 10.639/2003 na perspectiva**

da educação como direito. Monografia do Curso de Especialização em Gestão Escolar, UnB, Brasília (DF), Julho de 2014. Disponível em: <https://bdm..UnB.br/bitstream/10483/9138/6/2014AldenoraConceiçãodeMaced9.pdf>. Acesso em: maio 2024.

MORAES, Marcelo José Derzi. A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica. **Revista África e Africanidades**, v. 32, n. 11, p. 1-11, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, 3 (6): 147-150, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358>. Acesso em: 25 out. 2024.

OLIVEIRA, Ariadne. **Religiões afro-brasileiras e o racismo: contribuição para a categorização do racismo religioso**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. 2005. 353 f. 2005. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/2003**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RAMOSE, Mogobe B. A importância vital do “Nós”. Entrevista. Trad.: Luís Marcos Sander. **Ubuntu: eu sou porque somos-IHU online** – Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Rio Grande do Sul, v. 353, ano X, p. 3-9, 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao353.pdf>. Acesso em: 09 out. 2024.

SAINT-ÉXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Trad.: Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

SILVA, A. C. da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Thais de Oliveira, ARAÚJO, Patrícia Cristina Aragão. **Religião não se discute: A intolerância contra as religiões de matriz africana na escola.** II Cintedi, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/23263>. Acesso em: 07 ago. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

VAZ, Sergio. **Colecionador de pedras.** São Paulo: Global, 2013.



O Pequeno Príncipe e a busca por sentido na contemporaneidade: a contribuição de Anselm Grün

Janaina Morais Gomes
Maria Izabel Araújo da Silva Santos
Milena da Silva Guilherme
André Augusto Diniz Lira

Neste capítulo, embarcaremos em uma jornada reflexiva, em que exploraremos a obra *O Pequeno Príncipe para Gente Pequena e Gente Grande*, de Anselm Grün (2020). A obra do renomado autor revisita *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry ([1943], 2019), oferecendo comentários que mesclam sua profundidade espiritual, sensibilidade filosófica e psicológica, perante conexões estabelecidas entre os acontecimentos da vida e as lições atemporais do clássico.

Nessa obra, Grün (2020) reflete sobre temas diversos como amor, amizade, morte, pureza e propósito de vida. O autor explora as lições do clássico, conectando-as com aspectos espirituais e psicológicos que dialogam tanto com o público infantil quanto com o adulto, oferecendo comentários que ressoam através das gerações. Além disso, busca provocar o encontro do leitor com a riqueza de sua alma, tocando em questões do coração com palavras que incentivam o reconhecimento da beleza que há em si.

Grün, monge beneditino da Abadia de Münsterschwarzach, na Alemanha, é conhecido mundialmente por sua vasta produção literária no campo da espiritualidade e do autoconhecimento. Além disso, é reconhecido também como guia espiritual, tendo publicado mais de 300 livros em 28 idiomas. Uma síntese de uma obra tão vasta como essa será sempre limitada, mas se faz necessário pinçar algumas de suas recorrências para que possamos entender melhor a perspectiva de Grün ao se debruçar sobre *O Pequeno Príncipe*. Este

capítulo abordará inicialmente alguns elementos conceituais fundantes da abordagem teórica de Anselm Grün, no diálogo com esse clássico, posteriormente discutirá mais especificamente sobre o amor e a amizade, a morte, o cristianismo na perspectiva desse autor, procurando refletir, nessa trajetória, o sentido e o valor da vida na contemporaneidade.

Anselm Grün e o Pequeno Príncipe: primeiras aproximações temáticas

Como afirmamos anteriormente, a obra de Anselm Grün ultrapassa três centenas de livros, tendo reconhecimento mundial, notadamente por articular a discussão da tradição bíblica e cristã à psicologia espiritual de Carl Jung, entrecruzando daí temas contemporâneos pelo viés amplo da espiritualidade, da busca pela integração do ser humano, do cuidado de si e do outro.

Se, por um lado, a discussão sobre a espiritualidade se encontra no quadro do cristianismo, por outro lado, dialoga e se alia às abordagens não cristãs e até não religiosas, além das práticas religiosas e dos dogmas. Uma revisão do conceito de espiritualidade não religiosa foi recentemente apresentada por Lira e Adam (2023). A espiritualidade, nos comentários de Grün (2020) sobre *O Pequeno Príncipe*, tem um sentido de cultivo da qualidade humana. Vieira e Senra nos ajudam a compreender essa perspectiva de: “espiritualidade como cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda” como uma “[...] uma concepção antropológica não-dual” (Vieira; Senra, 2020, p. 605). Vale salientar que a psicologia junguiana trabalha com opostos não dicotomizados, mas que se encontram em relações de complementaridade. Nessa perspectiva, Grün segue Jung, na interpretação da polaridade humana, na medida em que discute a busca pela totalidade, a necessidade de assumir e o integrar os seus opostos e a nossa *sombra* (Grün, 2021).

No livro *Espiritualidade a Partir de Si Mesmo*, Grün e Dufner (2004) apresentam uma abordagem que contrasta a *espiritualidade*

de cima, considerada aquela modelar, que está presente na vida dos grandes santos, e uma *espiritualidade de baixo*, aquela presente na vida de diária, nas dificuldades e nos sofrimentos que todos passam, que nos fazem procurar crescer em meio ao caos das tempestades. Nesse sentido, a espiritualidade se relaciona, portanto, a um caminho interior de buscas, de perplexidades e de desenvolvimentos tipicamente humanos.

Essa perspectiva de espiritualidade como cultivo da qualidade humana está em sintonia com a definição proposta por Dalai Lama, que a descreve como:

[...] aquelas qualidades do espírito humano – tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros [...] (Dalai Lama, 2000, p. 33).

A espiritualidade, nesse sentido, está profundamente ligada à interioridade e ao autoconhecimento, alinhando-se perfeitamente com as lições transmitidas por Saint-Exupéry em *O Pequeno Príncipe*. Leonardo Boff corrobora esse pensamento sobre espiritualidade ao afirmar que:

[...] não é uma parte do ser humano. É aquele momento pleno de nossa totalidade consciente, vivida e sentida dentro de outra totalidade maior que nos envolve e nos ultrapassa: o universo das coisas, das energias, das pessoas, das produções histórico-sociais e culturais. Pelo espírito, captamos o todo e a nós mesmos como parte e parcela desse todo. O espírito nos permite fazer uma experiência de não dualidade. (Boff, 2002, p. 56).

Boff sugere que a espiritualidade é uma forma de conexão com o todo que nos envolve e transcende. A ideia de interioridade não se limita apenas ao que é pessoal, mas se encontra dentro de uma rede maior de existência, uma unidade que envolve o ser e o mundo. Essa caminhada para si revela uma não dualidade entre o "eu" e o universo, permitindo que a espiritualidade seja vista como uma jornada interior que conecta o indivíduo com algo maior e transcendente.

Um outro conceito que Grün trabalha é o de *integração*, como um movimento necessário do desenvolvimento humano de superação da cisão, visando o eu se tornar uma pessoa inteira (Grün, 2014, 2021). Na sua perspectiva, para que esse processo ocorra é necessário tanto superar obstáculos [como os medos, os recalques, os perfeccionismos e as idolatrias que nos mantêm presos] quanto cuidar dos pensamentos e sentimentos nossos e dos outros (Grün, 2019).

O cuidar é justamente um dos temas principais e mais lembrados socialmente do livro *O Pequeno Príncipe*. Além disso, a obra de Grün revisita passagens significativas, destacando valores essenciais da vida e convidando o leitor a uma jornada interior em busca de autoconhecimento e respostas para as grandes questões da vida. Ao acompanhar o Pequeno Príncipe em sua jornada, o leitor é convidado a resgatar sua criança interior, como propõe Anselm Grün: "Assim, desejo que você, cara leitora e caro leitor, ao ler a história do pequeno príncipe, sinta tocada a criança dentro de si." (Grün, 2020, p. 3) Essa jornada interior, torna-se fundamental para encontrarmos nosso verdadeiro eu e vivermos uma vida mais plena e significativa. Para ele, a história do príncipe pode ser vista como uma metáfora da jornada espiritual do ser humano, tocando em questões do coração e incentivando o reconhecimento da beleza e pureza que existem dentro de cada um de nós.

Ao longo dos capítulos, como argumento para corroborar com o seu pensamento, Grün fundamenta-os na Bíblia, referenciando versículos mediante os acontecimentos e lições do Pequeno Príncipe, chegando ao ponto de comparar a sua figura com Jesus Cristo, utilizar o versículo bíblico que enfatiza para nos tornarmos como criança para enxergarmos o mundo com sua pureza, assim como o príncipezinho, o qual reflete a criança interior habitada em cada adulto e demonstra o olhar de uma criança.

Assim, ao retomar a sensibilidade da criança interior e nos tornarmos "gente pequena", conseguimos enxergar o mundo através das lentes da pureza e da simplicidade, conectando-nos com quem somos e com quem podemos nos tornar – algo que,

muitas vezes, perdemos ao crescer. Segundo Grün (2020), a literatura permite direcionar formas de vivenciar a vida com a profundidade de uma criança, conferindo leveza, questionando tudo e contemplando as belezas com o coração.

A figura do Pequeno Príncipe exerce um papel imprescindível no que consiste a simbologia da criança interior, que todos nós carregamos, e devemos manter viva para se reconectar consigo de forma autêntica. Ensinando com sua jornada, encontros, desencontros, dores e alegrias os valores importantes para a vida, os quais não podem ser vistos com os olhos, mas com o coração. Refletido como um exemplo para a vida, com seus questionamentos e preocupações sobre o mundo.

Com uma linguagem acessível e poética, Anselm Grün (2020) transforma *O Pequeno Príncipe* em uma ferramenta de autoconhecimento e crescimento espiritual, tornando-o uma leitura valiosa para todos que buscam compreender melhor a si mesmos e o sentido existencial da vida. Suas reflexões transcendem um ideal de vida, moldando uma compreensão de como o indivíduo pretende viver. Esse componente permeia toda a discussão do livro, começando com a ideia da "criança interior", constituída como um símbolo importante para a conexão consigo mesmo, e finalizando com uma reflexão sobre morte e eternidade. O autor enfatiza que a morte não é o fim, mas uma transição para algo maior, fazendo uma analogia com a ressurreição de Jesus Cristo.

Ainda no que concerne aos fundamentos da psicologia, Grün (2020) utiliza este campo para explicar comportamentos humanos relacionados ao amor e à paixão, compreendidos como projeções de nossos próprios anseios. A psicologia é usada para nos convidar a elaborar a perda ao perceber que a pessoa amada é diferente da imagem idealizada durante a paixão. Ele também explora o planeta do homem vaidoso, abordando pessoas que têm a necessidade de serem admiradas e aplaudidas, assim como muitas lideranças que se cercam de bajuladores para serem admiradas, fundamentado no psiquiatra Albert Görres.

As próximas seções propõem explorar as camadas adicionais de significado trazidas por Grün, oferecendo ao leitor uma compreensão mais profunda de temas evidenciados em *O Pequeno Príncipe*, que transcendem a vida humana e continuam a inspirar e tocar corações ao redor do mundo.

O amor e a amizade na visão espiritual de Anselm Grün

Anselm Grün (2020) explora profundamente os temas do amor e da amizade presentes na obra de Antoine de Saint-Exupéry, reinterpretando-os sob uma ótica espiritual e psicológica. O encontro do Pequeno Príncipe com o avião, perdido no deserto, serve como ponto de partida para essa reflexão. Enquanto o avião está preocupado com sua sobrevivência e com a reparação de seu avião, o Pequeno Príncipe, em contraste, está profundamente conectado com suas emoções e com as histórias de suas jornadas. Essa disparidade entre os dois protagonistas ilustra a diferença fundamental entre uma existência focada nas preocupações materiais e uma vida guiada pelos sentimentos de amor e amizade.

O amor do Pequeno Príncipe por sua rosa como uma metáfora para o amor humano. O Pequeno Príncipe demonstra um tipo de amor que é, ao mesmo tempo, inocente e profundo, carregado de um desejo genuíno de proteger e cuidar de sua flor única. Para ele, a rosa representa a singularidade do amor verdadeiro, um amor que transcende o superficial e penetra no âmago da existência. A rosa não é apenas uma flor qualquer. Ela é especial para o Pequeno Príncipe, porque ele a cuidou, a nutriu e desenvolveu um vínculo emocional com ela. A partir disso, Grün (2020) sugere que, na vida espiritual, somos chamados a cultivar esse tipo de amor, que é tanto uma escolha consciente quanto um compromisso emocional profundo.

A amizade que se desenvolve entre o avião e o Pequeno Príncipe também é um tema central na obra. A princípio, o avião está relutante em se envolver emocionalmente, focado em seus

problemas técnicos. No entanto, a presença do Pequeno Príncipe e sua abordagem descomplicada da vida forçam o aviador a reavaliar suas prioridades. Ele se vê obrigado a reconsiderar o que é realmente essencial: lógica fria ou a abertura para a vulnerabilidade e o cuidado. Grün argumenta que a amizade, assim como o amor, é um processo de abrir-se para o outro, permitindo-se ser tocado por outra alma e, por sua vez, tocar o outro de maneira significativa.

O amor e a amizade, como apresentados em *O Pequeno Príncipe*, têm um aspecto curativo. Ao compartilhar suas experiências e sua visão única do mundo, o Pequeno Príncipe ajuda o aviador a reconectar-se com sua própria "criança interior", aquela parte de si que ele havia negligenciado devido às responsabilidades da vida adulta. A amizade, então, torna-se um caminho para a cura emocional e espiritual, um meio de restaurar aquilo que foi perdido ao longo dos anos.

Além disso, a obra explora a ideia de que o amor verdadeiro exige vulnerabilidade. O Pequeno Príncipe fica profundamente triste ao perceber que, apesar de todo o seu cuidado, sua rosa pode ser devorada por um carneiro. Este medo reflete a fragilidade do amor: mesmo o amor mais puro e devotado pode ser ameaçado por forças externas. Para Grün, essa vulnerabilidade é o que torna o amor autêntico. É a disposição de arriscar-se, de abrir o coração, mesmo sabendo que a dor pode ser uma consequência inevitável.

O amor, que no original é expresso pela relação do Pequeno Príncipe com sua rosa, ganha uma dimensão mais ampla na visão de Grün, sendo tratado como uma força transformadora que guia o ser humano em sua jornada espiritual. O amor é abordado não apenas como um laço entre dois indivíduos, mas como uma conexão espiritual que transcende o tempo e o espaço. Como afirma Anselm Grün:

O amor é mais forte do que a morte. Ele não morrerá, mesmo quando a pessoa morrer. A pessoa está perto de Deus ou, como Saint-Exupéry exprime em sua linguagem figurada, em seu próprio planeta. O vínculo entre o amigo falecido e a pessoa que ama, contudo, permanecerá. As muitas estrelas

despertaram em nós o anseio por esse amor, que no mundo rude onde vivemos não poderá ser destruído, não será dissipado por nenhuma picada fatal de uma serpente. (2020, p. 59)

Por fim, Grün conecta os temas de amor e amizade com a espiritualidade cristã, sugerindo que o amor verdadeiro é um reflexo do amor divino. Na visão de Grün, o amor de Deus é um manto protetor que envolve aqueles que amamos, oferecendo-lhes um espaço de segurança e nutrição espiritual. Assim, os comentários do monge sobre *O Pequeno Príncipe* não apenas nos ensinam sobre a beleza do amor e da amizade, mas também sobre a importância de confiar na proteção espiritual e na presença de Deus em nossas vidas.

A Morte na Perspectiva de Anselm Grün

Anselm Grün (2020), em seu comentário, aborda a ideia da morte de uma forma que vai além do fim da vida física. Para este autor, a morte é um elemento essencial na jornada do príncipe e serve como um ponto crucial de reflexão sobre o sentido da vida e os valores que realmente importam. O encontro do pequeno príncipe com a serpente no deserto é o momento em que ele é confrontado com a própria mortalidade. A serpente representa tanto a sabedoria quanto a inevitabilidade da morte. Ela sugere ao príncipe que ele poderá retornar à sua flor — uma metáfora para voltar ao seu estado original, ao seu verdadeiro lar —, mas somente através da morte.

A serpente é interpretada não como um símbolo de tentação ou maldade, mas como uma mensageira da verdade profunda da vida: que a morte é uma passagem para um estado mais elevado de existência, uma forma de retorno à essência. Para o pequeno príncipe, aceitar a ajuda da serpente é aceitar o fato de que a vida, com todas as suas buscas e descobertas, leva inevitavelmente à morte, mas não de uma forma trágica ou final. Em vez disso, é um

retorno ao lugar onde o amor verdadeiro reside, onde ele pode estar novamente com sua amada rosa.

Nesse sentido, perante a morte, todas as vaidades e preocupações materiais se mostram passageiras e irrelevantes, como o próprio texto sugere: "Diante da morte, todas as coisas que o pequeno príncipe viu no vaidoso e no homem de negócios são passageiras e inúteis."(Grün, 2020, p. 30) A morte, então, se torna um elemento transformador, uma transição que nos permite transcender as preocupações mundanas que distraem o aviador — representado pela preocupação em consertar seu avião — e que distanciam os adultos de suas verdades essenciais.

Segundo Grün (2020), a sabedoria do príncipezinho nos convida a refletir sobre o que é realmente importante em nossas vidas. O encontro com a morte nos obriga a repensar nossas prioridades, a questionar nossas metas, e a examinar os vínculos que criamos com os outros e com o mundo ao nosso redor. O conceito de morte é explorado para referir-se à dimensão espiritual da existência humana. Para ele, a morte não é o fim, mas um retorno ao amor, um ato de confiança em algo maior do que nós mesmos.

O cristianismo em O Pequeno Príncipe para Gente Pequena e para Gente Grande

Em seus comentários sobre a obra clássica, Anselm Grün (2020) faz referência, algumas vezes, à semelhança entre o Pequeno Príncipe e Jesus de Nazaré, sendo no cristianismo é conhecido por ser o Messias, o Filho de Deus, que veio à Terra para cumprir seu propósito de salvar o mundo por meio de seus ensinamentos e sacrifício de amor. Segundo a perspectiva do autor, essa semelhança é perceptível na forma de falar, pensar e agir do Pequeno Príncipe, apresentando, na maioria das vezes, um questionamento sobre o que já está estabelecido no mundo, seguido de um ensinamento, como um missionário, assim como Jesus Cristo agiu em sua passagem pela Terra.

O autor consegue identificar, relacionar e dissertar sobre alguns símbolos do cristianismo, entre eles: o amor como sinônimo de cuidar, o deserto como momento de tribulação, a água que purifica e dá novas lentes para ver o mundo, a serpente do Éden, que com sua astúcia nas perguntas e respostas consegue iludir as pessoas, e a ressurreição como vitória do amor.

Os comentários de Anselm Grün (2020) exalam sua opinião, reflexão e espiritualidade, evidenciando principalmente seu modo de enxergar e viver no mundo. Para o referido autor, o modo de agir e pensar do Pequeno Príncipe é plausível, pois o considera uma maneira sábia de compreender o mundo. Tal perspectiva enfatiza o cultivo do amor no coração, pois ele seria o caminho para nos relacionarmos melhor com as pessoas ao nosso redor e com a sociedade como um todo.

A obra de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*, apresenta uma relação afetiva do Príncipe com uma rosa que existe em seu pequeno planeta. No seu primeiro contato com o aviador, ele pede para que lhe desenhe um carneirinho, para que possa levá-lo ao seu planeta como nova companhia. No entanto, seu coração se aflige ao saber que o carneirinho come tudo que vê pela frente, como o aviador lhe relatou. Ele se preocupa com a possibilidade de sua amada rosa estar em perigo. Vendo a aflição do Príncipe, o aviador desenha uma focinheira e um cercado.

Grün (2020) compara essa situação ao amor de Deus pela humanidade, que rompe todas as barreiras e nos torna únicos para Ele, sendo assim, insubstituíveis. Esse amor, que é paciente, bondoso e nos protege, pensando até nos mínimos detalhes, é comparado ao cuidado do Pequeno Príncipe com sua rosa, ao refletir sobre o perigo que o carneirinho poderia representar, mesmo desejando muito tê-lo.

Outro ponto que evidencia, para o autor, uma ligação entre o Pequeno Príncipe e Jesus Cristo é o capítulo em que o Príncipe encontra um poço no meio do deserto, já cansado e com sede. Assim, é levantado questões que induzem o leitor a refletir sobre a água que realmente sacia nossa sede, representando,

figurativamente, um momento difícil, um problema que foge do nosso controle e por vezes afeta nosso físico, Ele ressalta:

O Pequeno Príncipe assume o papel de Jesus. Jesus refere à mulher a água viva, que jorra no interior dela e que jamais se esgotará, por ser divina. Com suas palavras, o Pequeno Príncipe recorda ao autor essa fonte interior, a água que, em sua infância, lhe saciava a sede de amor (Grün, 2020, p. 50).

"Tenho sede dessa água aí... disse o Pequeno Príncipe: dê-me de beber". A partir dessa frase, Grün (2020) relembra a cena de Jesus no encontro com a Samaritana no poço. Esta narrativa, no Evangelho de João (4:7), se dá em um contexto onde Jesus, sendo judeu, não deveria ter contato com um samaritano. No entanto, contrariando as normas da época, Ele pede água à mulher, dizendo: "dê-me de beber". Jesus refere-se à água como água viva, que nos purifica e nos faz contemplar a verdade, que é única.

O Pequeno Príncipe, após beber da água, reflete novamente sobre como as pessoas na Terra podem dizer que amam várias pessoas simultaneamente, enquanto escondem seus verdadeiros sentimentos. Ele se recorda também do momento em que passou pelo jardim de rosas, o que o fez duvidar da palavra de sua amada, que afirmava ser única.

A partir desse momento, ele passa a olhar para essa relação com outra perspectiva: usando a lente do amor. Ele então questiona: o que tornava sua rosa única? Qual o sentido que ela trazia para sua existência? O que fazia seu coração bater mais forte? Ele chega à conclusão de que a amava, e por isso desejava cuidar, proteger e viver ao seu lado.

O amor é visto como uma decisão e, portanto, deve ser cultivado. Como destaca Grün (2020): "O amor deve ser aprendido". (p. 15) Entende-se, portanto, que o ser humano não nasce sabendo amar, mas aprende e desenvolve esse sentimento na interação com os outros. Nossas relações despertam sentimentos que vão criando e estabelecendo laços, ou desgastando e rompendo-os.

Na obra de Saint-Exupéry, há também uma relação enigmática do Pequeno Príncipe com a serpente. Ora parece que há uma amizade, ora parece que ele está sendo enganado por ela. Nesse sentido, Grün vê uma relação entre o Pequeno Príncipe e os santos do cristianismo, como São Francisco, que era amigo de um lobo e não via perigo nele.

Essa comparação é mediada pela interpretação do Pequeno Príncipe como alguém ingênuo e puro, enquanto a serpente é vista como sábia e prudente.

A pequena serpente recorda a serpente que, no paraíso, induziu Adão e Eva a comerem da árvore do conhecimento. Mas aqui ela não é a tentadora, e sim a serpente sábia e prudente. Diz Jesus: “sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mateus 10.16). (Grün, 2020, p.30)

Com sua astúcia a serpente seduz e faz o pequeno se perder em seus pensamentos, leva-o a levantar e duvidar das suas hipóteses, fazendo com que pela primeira vez em sua viagem ele aceite em não ter respostas para tudo. As falas da serpente, adentra no interior do coração do príncipe, que inquieto reflete sobre as passagens nos planetas anteriores e sua vida no pequeno planeta que habitava com sua amada rosa. A sabedoria da serpente certamente foi essencial para fazer com que o príncipe se enxergasse no mundo, conhecesse mais de si e dos que estavam em sua volta, sua fala enigmática, obscura e prudente foi luz nessa situação de encontro do príncipe consigo mesmo.

Além desta perspectiva, a serpente também simboliza a morte do pequeno príncipe, que pode ser interpretada de diferentes formas, a literatura permite isso pois é polissêmica. Nesse sentido, há diferentes possibilidades de significado, há pessoas que enxergam a morte na obra de Saint-Exupéry no sentido biológico ou seja do corpo físico, a outras que acreditam numa perspectiva de morte simbólica, que consistiria na mudança de pensamento, a evolução pessoal do pequeno príncipe que volta para o seu planeta com uma nova perspectiva de mundo. Grün discorre sobre esse sentido de morte que a serpente representa, enfatizando que

Ela é a serpente da morte. Ela nos recorda nossa própria morte. Pensar na própria morte nos torna sábios. Mostra-nos os critérios de nossa vida. Diante da morte, todas as coisas que o pequeno príncipe viu no vaidoso e no homem de negócios são passageiros e inúteis. Antes, trata-se de viver a própria vida de modo consciente e encontrar nela um sentido. (Grün, 2020, p. 30)

Viver a própria vida, consiste em se desprender dos julgamentos e impressões alheias, se preocupar com o seu fazer, sua experiência e anseios. Durante toda a narrativa, por vezes ele se entristece com as percepções de mundo que as outras pessoas tinham, chegando a se inquietar com as colocações; ademais tais pensamentos foram norteadores e ajudaram na formação pessoal consciente do pequeno príncipe.

Nessa perspectiva de análise da morte do pequeno príncipe, Grün reflete também sobre o desaparecimento do corpo físico dele, para o autor essa situação pode ser comparada à ressurreição de Jesus Cristo. “Ele está certo de que o pequeno príncipe voltou ao seu planeta. Pois não encontrou seu corpo ao raiar do dia. Para mim é novamente uma referência à ressurreição de Jesus. Também seu túmulo estava vazio” (Grün, 2020, p. 58). O amor é a ideia base de toda narrativa, assim, ele é entendido como sentimento maior que supera a barreira presente entre a vida e a morte. A ressurreição no cristianismo e a vitória do bem contra o mal, é o triunfo do amor, o amor de Deus pela humanidade.

O príncipe sentia saudade do seu planeta, sobretudo sentia a falta de sua rosa, aí há o triunfo do amor, por mais que existisse um vínculo, uma amizade verdadeira entre ele e o aviador, ela não supria a necessidade de estar e se sentir completo. O luto é vivido pelo aviador, na certeza de que seu amigo está em um lugar em que se sente feliz, no seu pequeno planeta, que só é pequeno na sua matéria física e para nós, pois o que ele abriga é grande, e ocupa todo o ser do pequeno príncipe, ele lhe é suficiente e lhe completa.

Duas pessoas podem olhar para a mesma coisa e ter visões diferentes, pois a verdade é que não estamos olhando pela mesma lente, essa lente carregada de significados e subjetividade. Todos nós temos uma bagagem cultural que serve se conhecimento prévio

para observarmos e agirmos sobre o mundo, a nossa ação é previamente refletida. Entretanto, há algo que pode ser comum a todos: o amor. Incorporando o amor em nossa vivência, podemos estabelecer relações mais sólidas e saudáveis, aprendendo a cuidar de nós mesmos e dos outros, especialmente daqueles que amamos.

Considerações Finais

Para os adultos, *O Pequeno Príncipe para Gente Pequena e Grande* é um convite à reflexão sobre a própria vida, uma busca pela interioridade. Ao acompanhar a jornada do Pequeno Príncipe, podemos resgatar nossa criança interior e questionar nossas prioridades. Como sugere Grün (2020), nossa criança interior é a origem da nossa criatividade e da nossa capacidade de maravilhamento. Ao conectar-se com essa parte de si, o adulto pode encontrar novas perspectivas e renovar sua energia vital.

Grün desafia os leitores adultos a olharem para além das responsabilidades e preocupações diárias e a questionarem o que realmente importa em suas vidas. O Pequeno Príncipe nos lembra que "o essencial é invisível aos olhos", que o amor, a amizade e a simplicidade são os verdadeiros tesouros da vida. Para os adultos, essa reflexão pode ser uma poderosa ferramenta de autoavaliação, levando-os a reconsiderar suas prioridades e a buscar uma vida mais plena e significativa, baseada nos valores que realmente importam para o espírito.

Ao revisitar *O Pequeno Príncipe* com a orientação de Anselm Grün (2020), tanto crianças quanto adultos encontram, cada um em seu nível, uma mensagem poderosa e transformadora. As crianças aprendem sobre amor e amizade, enquanto os adultos são convidados a uma profunda introspecção sobre o sentido de suas vidas e as escolhas que fazem. O encontro com a pureza e a sabedoria do Pequeno Príncipe oferece a todos a oportunidade de crescer e de viver de maneira mais consciente e amorosa.

Ao longo deste capítulo, fomos convidados a revisitar a profundidade das lições de Saint-Exupéry, aplicando-as a um

público contemporâneo que busca reconectar-se com as verdades essenciais da vida. O autor destaca como a morte, o amor, a amizade e a descoberta do que é essencial são elementos centrais, não apenas na obra original, mas também em seus comentários sobre a obra, que funciona como uma ponte entre gerações, reforçando a continuidade desses valores atemporais.

O Pequeno Príncipe para Gente Pequena e Grande não é apenas um texto comentado; é um diálogo contínuo entre a literatura e a espiritualidade, em que é oferecido ao leitor a chance de redescobrir as verdades mais simples e, ao mesmo tempo, mais profundas que Saint-Exupéry originalmente nos apresentou. Essa obra contribui para que o legado de *O Pequeno Príncipe* perdure, mantendo viva as reflexões sobre o que realmente importa na vida, o amor, o cuidado com o outro, e a redescoberta da criança interior dentro de cada um de nós.

O autor, ao conectar as aprendizagens de *O Pequeno Príncipe* à espiritualidade, cria um espaço onde leitores de todas as idades podem não apenas revisitar essas ideias, mas também aplicá-las em suas vidas diárias, promovendo uma visão mais amorosa e compassiva do mundo. Assim, a obra se torna um farol para aqueles que buscam um sentido maior nas complexidades da vida moderna, assegurando que o diálogo entre as gerações sobre os temas do amor e da espiritualidade continue vivo e vibrante.

Em suma, as reflexões de Grün (2020) oferecem uma perspectiva valiosa, a qual, não só aprofunda nossa compreensão do clássico de Saint-Exupéry, mas também nos convida a uma introspecção mais profunda sobre nossas próprias vidas e valores. A riqueza de suas reflexões nos lembra da importância de viver com autenticidade, cultivar o amor e a amizade com sinceridade e encarar a morte com uma perspectiva que reconhece a continuidade e a transcendência. Este trabalho, ao explorar essas dimensões, nos proporciona uma oportunidade de reavaliar nossas próprias jornadas espirituais e existenciais, enriquecendo nosso entendimento do que significa verdadeiramente viver e amar.

Referências

- BOFF, Leonardo. **Crise: oportunidade de crescimento**. Campinas: Verus, 2002.
- DALAI LAMA, **Santidade: uma ética para o novo milênio**. Trad.: Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- GRÜN, Anselm. **O Pequeno Príncipe para Gente Pequena e para Gente Grande**. São Paulo: Paulus, 2020.
- GRÜN, Anselm. **O Ser Fragmentado: da cisão à integração**. Aparecida: Ideias & Letras, 2021.
- GRÜN, Anselm. **Ser uma pessoa inteira**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GRÜN, Anselm. **Cuidar de si e do outro**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GRÜN, Anselm.; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a Partir de Si Mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LIRA, A. A. D.; ADAM, J. C. A emergência do conceito de “espiritualidade não religiosa”: contribuições de obras de referência terminológica. **Rever: revista de estudos da religião**, São Paulo, v. 23, p. 367-379, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/inex.php/rever/article/view/62573>. Acesso em: out. 2024.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 48ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- VIEIRA, José Álvaro Campos; SENRA, Flávio. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana. **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 47, n. 149, p. 605-633, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/4614> Acesso em: out. 2024.



Viajando e refletindo com o Pequeno Príncipe na Chapada Diamantina

Antonelly Pereira Vieira
Pamela Melo Silva Cruz
André Augusto Diniz Lira

O livro *O Pequeno Príncipe Visita a Chapada Diamantina* da autora francesa Christiane Couve de Murville é uma releitura do clássico *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry. Lançado em 2021, pela editora Tocalivros, a obra possui 72 páginas e tem como cenário a região da Chapada Diamantina. Dedicado ao público infanto-juvenil e repleto de referências ao clássico tanto na narrativa quanto nas ilustrações feitas pela autora, que se assemelham bastante aos traços de *O Pequeno Príncipe*.

A autora é Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, com especialização em hipnose clínica avançada. É hipnoterapeuta, cursou a Escola Panamericana de Arte e fez o curso de escultura no Museu Brasileira da Escultura (MAB). Ela também possui outros livros como *A caverna cristalina*; *A vida como ela é*; a série *Até quando?* e *Esculturas da Chris* que mostra uma coletânea de fotos de escultura dela. *O Pequeno Príncipe visita a Chapada Diamantina* também conta com outro livro da autora *Colorindo com o Pequeno Príncipe a Chapada Diamantina*, que foi lançado em tamanho maior, com pouco texto e muitas ilustrações, para que as crianças possam se divertir colorindo.

As ilustrações foram realizadas pela própria autora e retratam desenhos fiéis à narrativa, que se relacionam com o texto, com o local em que acontece o relato e nos trazem muitas reflexões e imaginações. Ao decorrer da leitura, Murville representa, através do desenho, cada local em que um garimpeiro e o pequeno príncipe visitam. Ao pesquisar sobre a Chapada Diamantina, podemos ver

que são realmente desenhos dos pontos turísticos deste local, como a ilustração da Gruta da Lapa Doce e a Igreja de São Sebastião, entre outras que representam bem esses pontos turísticos. Dessa forma, pessoas que ainda não visitaram a Chapada, podem entrar num mundo de imaginação e viajar durante a leitura. Portanto, são ilustrações que tanto complementam a mensagem que está no texto quanto apresentam outros detalhes que também são importantes.

Nessa nova história, o Pequeno Príncipe descobre as belezas e os encantos da Chapada Diamantina, suas serras e planaltos, situada no estado da Bahia, no Brasil. Nessa viagem, encontra um garimpeiro e com ele visita lugares incríveis. O tempo em que os dois passam juntos é de grande importância para esse homem, que também aprende muitas lições com esse sábio menino.

Conhecendo a Chapada Diamantina

Para que possamos compreender melhor a narrativa, é necessário entendermos o cenário onde o enredo se desenvolve, neste caso a Chapada Diamantina. O livro de Murville desperta no leitor a curiosidade de conhecer essa região, descobrir onde se localiza, o que acontece por lá e o porquê é uma área tão visitada por turistas. Murville apresenta a Chapada Diamantina como um lugar de muitas belezas. As suas ilustrações e as descrições dos lugares nos permitem fazer realmente uma viagem e ter essa sensação de estar no local através da nossa imaginação. Além disso, no final do livro, apresenta-se uma pequena explicação sobre a Chapada Diamantina e é disponibilizado um mapa (desenho), que nos faz compreender melhor como é a geografia do local e suas belezas naturais. Segundo Giudice e Souza (2010, p. 71):

A Chapada Diamantina localiza-se na parte central do estado da Bahia, abrange trinta e três municípios. Apresenta características singulares no que se refere a aspectos naturais. Trata-se de um santuário ecológico dos mais surpreendentes, de vida selvagem dificilmente encontrada em qualquer outra região brasileira, e por isso de grande importância para o geoturismo.

A partir desta afirmação conseguimos compreender um pouco do motivo de tamanho interesse da visita dos turistas nesta área, visto que é um local com aspectos naturais que chamam a atenção, que é difícil encontrar em outras regiões do Brasil, o que faz o local ser visto como único. De acordo com Giudice e Souza (2010, p. 71): “Nessa região estão situadas as maiores elevações da Bahia [...] o que se transforma em mais um atrativo já que a escalada delas [...] é um dos roteiros mais procurados”.

O turismo é uma atividade frequente, tendo em vista os diversos atrativos que o local oferece, sendo a Chapada Diamantina “Um dos mais belos e variados patrimônios geológicos do mundo” (Giudice; Souza, 2010, p. 74). Ademais, no centro-oeste da Bahia, onde a Chapada Diamantina se localiza, o garimpo manual de diamantes é a atividade econômica fundante da região, que inclusive, recebe este nome em referência à presença das jazidas de diamantes em seu subsolo. (Guanaes, 2001). Além dos turistas que visitam o local, a área é habitada por algumas pessoas que são importantes para a localidade, como os garimpeiros, sujeitos que se dedicam à extração manual de minerais como ouro, diamantes, esmeraldas e outros recursos naturais que são valiosos.

Uma curiosidade é que casos de desaparecimento são bastantes comuns na região, o local tem uma grande atração turística devido aos seus atrativos naturais, como grutas, cachoeiras, quedas d’água e montanhas, porém, possui múltiplas entradas que não dispõem de monitoramento de acesso. Esse fato tem contribuído para a ocorrência de muitos desaparecimentos. Um dos casos emblemáticos registrados e de bastante repercussão no local foi o de um espanhol desaparecido em 2015. Segundo algumas informações, ele teria caído de uma cachoeira durante um passeio e esse acidente teria reduzido sua capacidade de se movimentar. O desaparecimento foi amplamente divulgado pela família, mas infelizmente, ele foi encontrado sem vida (Lima; Barreto; Spinola, 2021).

Estas informações são importantes para que possamos compreender melhor algumas falas e posicionamentos das

personagens e a narrativa criada pela autora. Por essa razão é importante o conhecimento prévio do local e por quais pessoas ele é habitado e frequentado. Isso nos ajuda a ter um entendimento mais amplo e uma leitura mais proveitosa.

Viajando com o pequeno príncipe e o garimpeiro

O livro trata sobre um relato de uma visita mágica do Pequeno Príncipe à Chapada Diamantina. Ele se encontra nesse lugar à procura de uma rosa. Nessa viagem, acaba encontrando um garimpeiro, que também está, de longa data, à procura de algo: de preciosos diamantes para mudar a sua vida. Com esse encontro inesperado, os dois passam por momentos inesquecíveis, momentos que transformaram a vida do garimpeiro.

A trama se inicia especificamente na Vila de Pedra de Iguatu, onde um clarão inesperado toma conta do lugar e as pessoas que viram esse fenômeno começam a se questionar: o que poderia ser? um carro? uma fogueira? um disco voador? E o garimpeiro que está nesse local, acredita que seja um diamante, pois dizem por lá que as luzes que sobem da terra ou descem do céu indicariam seu local. Todos ficam intrigados com a situação, até porque “Na chapada Diamantina, às vezes acontecem alguns fenômenos estranhos, sobrenaturais para alguns ou místicos, difíceis de explicar” (Murville, 2021, p. 9).

O garimpeiro prestou bastante atenção em onde essa luz pousou e logo que teve oportunidade foi à procura dos diamantes. Ele estava empolgado com a ideia de conseguir uma fortuna com esse achado. Porém, durante a busca não achou o que desejava, apenas um menininho. De início, acreditou que fosse um turista, já que o local é bastante frequentado. Por estar sozinho, o garimpeiro se preocupou que estivesse perdido pela localidade, mas, descartou a possibilidade do menino ser um simples turista, depois de alguns diálogos.

Após algumas conversas com o menino, o garimpeiro começou a notar que talvez aquela não fosse uma criança qualquer.

Ele se certifica disso quando os dois começam a se teletransportar para diversos ambientes de forma inusitada. Nessas “viagens”, eles conhecem lugares como cachoeiras, poços, dentre vários pontos turísticos do local. Durante a viagem, o garimpeiro se mostra preocupado em voltar para casa e à princípio não se mostra tão interessado no passeio, já o menino que lhe acompanhava estava na busca de uma rosa do deserto, apesar de ter dito que já possuía uma rosa no planeta dele e mostra empolgação durante todo o percurso. A preocupação do garimpeiro em voltar para a sua casa tinha um motivo, seus amigos poderiam achar que ele estivesse desaparecido, algo que acontecia com frequência naquele local, como já discutimos.

Na releitura de Murville, ainda que haja inúmeras diferenças em relação ao clássico de Saint-Exupéry, há algumas semelhanças que também precisam ser destacadas. Sobre as diferenças, podemos destacar os diferentes cenários: um no deserto, outro na Chapada Diamantina; o encontro entre o Pequeno Príncipe e o avião e, no outro livro, com um garimpeiro; as visitas aos lugares, em que um está relacionado aos diferentes planetas e seus habitantes e outro acontece em diferentes rios e cachoeiras; os dois se diferenciam na visitas, no clássico se visita seis planetas e a terra e, no livro de Murville, apenas a Chapada Diamantina, mas, de forma rápida, em cada um dos locais visitados. Já as semelhanças que podemos destacar são que, nos dois livros, há encontros humanos, aqueles que mobilizam a nossa existencialidade, ao longo de um trajeto de descobertas, assim como há uma série de elementos, na narrativa, que criam linhas de continuidade e descontinuidade com o clássico como a(s) rosa(s), a(s) serpente(s), as viagens, as descobertas de sentidos mais importantes para o viver.

Nesse livro de Murville, ambientado na Chapada Diamantina, um ar de mistério é despertado para o narrador-personagem: como o garimpeiro e o Pequeno Príncipe estavam sendo teletransportados para tantos locais de forma tão rápida e inusitada? O acesso para estes locais era feito através de um poço com águas cristalinas ou de um cristal de rocha perfeitamente

translúcido. Com isso conseguimos entender um pouco como eles iam mudando de um local para outro por meio das cachoeiras e poços que havia no local.

A história vai criando uma certa magia quando de forma natural e espontânea o garimpeiro se sente animado junto ao Pequeno Príncipe ao visitar os locais em que iam chegando. Por um momento, esquece que seu foco inicial era encontrar diamantes e conseguir uma fortuna. Passa a sentir a importância das riquezas naturais que aquele ambiente proporciona aos visitantes, mas que nunca tinha desfrutado. A presença do Pequeno Príncipe também começou a trazer novos sentidos a ele, pois: “Tudo o encantava, sempre estava feliz e satisfeito com o que a vida lhe oferecia a cada instante” (Murville, 2021, p. 36). A necessidade de voltar à Igatu, naqueles momentos, começava a se tornar pequena, pois havia sido tomado pela vontade maior de mostrar as belezas da região ao Pequeno Príncipe.

Após uma longa viagem pelos diversos locais maravilhosos em que eles haviam visitado, o garimpeiro começou a sentir saudades de Igatu. Não desejava voltar apenas pela preocupação de ter passado muito tempo longe, mas seu pensamento e coração estavam verdadeiramente em Igatu. Neste momento da narrativa, o Pequeno Príncipe, finalmente, acha o que estava à procura durante toda a viagem: a rosa do deserto. Ela era linda, maravilhosa, mas apesar de todas as qualidades, o seu pensamento e seu coração também não estavam ali; estavam em sua rosa, em seu planeta distante de toda aquela (nova) realidade.

Magicamente, novamente, os dois tinham sido teletransportados e, desta vez, de volta à Igatu. Surge uma dúvida: como era determinado o local para onde iam? Essa pergunta o próprio Pequeno Príncipe respondeu: “O pensamento e o coração determinam para onde vamos. Eles é que definem o portal que se materializará.” (Murville, 2021, p. 58).

O homem se apeçou tanto ao Pequeno Príncipe que estava com medo da despedida, mas foi justamente isso que aconteceu: ele desapareceu. O garimpeiro procurou desesperadamente, porém se

deu conta que o Pequeno tinha ido embora e percebeu uma coisa muito importante que, muitas das vezes, as luzes que aparecem naquele local não são diamantes, mas sim, anjos que vêm nos visitar. O Pequeno Príncipe, foi embora, mas deixou lições que são extremamente importantes para nossa vida e transformou a vida do garimpeiro.

Dessa forma, o livro traz uma narrativa cheia de aprendizados e reflexões que nos emocionam. Como a imensidão do universo comparado ao nosso tamanho; a apreciação das coisas simples que estão ao nosso redor e como nossos pensamentos, intenções e emoções podem afetar a nossa vida.

Refletindo com Murville

O livro de Murville, apesar de curto, comparado ao clássico conta com um enredo interessante e curioso, assim como a história da própria Chapada Diamantina como destaca a autora, ser cheias de mistérios, as viagens feitas pelo príncipe e o garimpeiro também apresentam este ar de mistério e curiosidade. A passagem pelos locais apresentados são bem curtas e a narrativa não apresenta muitos detalhes. Apesar dessas rápidas passagens, típicas de um turista, o que mais se valoriza são as vivências e as lições daí emanadas.

Em uma dessas, destaca-se: “Como somos pequenos — observou o Pequeno Príncipe, impressionado com aquele salão enorme da entrada principal que nos lembrava o quanto somos insignificantes diante da imensidão do universo. E, às vezes, as pessoas se acham tão importantes” (Murville, 2021, p. 46). E realmente, se formos pensar na imensidão desse mundo, na imensidão dos lugares que existem, percebemos o quão somos diminutos diante de tudo isso. Contudo, nessa relação, é que podemos nos tornar grandes, pois somos levados para além de si mesmos.

Ao decorrer da viagem, o garimpeiro que, antes estava preocupado em retornar para sua casa, estava gostando da viagem e ainda mais da companhia do Pequeno Príncipe. Ele passou a não pensar apenas nele mesmo e começou a aproveitar a viagem e

aquela rica experiência. Essa parte da história nos mostra outro aprendizado, pois mesmo o garimpeiro morando naquele local, não aproveitava as belezas que ali existiam, estava muito preocupado em achar diamantes, mudar de vida, ficando rico. No entanto, percebeu que as coisas simples que estavam ao seu redor também importavam e que deveriam ser apreciadas. Em muitos momentos, preocupamo-nos com tantas coisas exteriores, esquecemos de aproveitar as coisas belas que estão tão perto da gente e acabamos perdendo momentos que poderiam ser incríveis. “A presença do Pequeno Príncipe ao meu lado me incentivava a gostar das coisas simples, a apreciar a vida e as maravilhas da natureza”. (Murville, 2021, p. 52)

Assim como no livro de Exupéry (2015), o pequeno príncipe se apresenta como um ser bondoso e muito sábio, que através de seus ensinamentos despertou um olhar sensível para o garimpeiro. Isso é citado pelo próprio personagem (o garimpeiro) quando ele diz:

Tinha aprendido tantas coisas com ele, que era sempre gentil e buscava me ajudar. Comecei a também não pensar somente em mim. E eu voltava a refletir sobre a água e os portais. A água também tem estrutura cristalina, quando pura e limpinha. Mas é sensível e armazena informações. Podemos impregná-la com nosso pensamento, nossas intenções e emoções. (Murville, 2021, p. 60)

Dessa forma, é possível perceber ao decorrer da leitura a mudança do garimpeiro ao conviver com o pequeno. Ele se torna mais empático com as pessoas e com o meio ambiente. A ideia de diamante também é, de certa forma, desconstruída ao decorrer do texto, o garimpeiro começa a compreender os diamantes e as riquezas não apenas através de um bem material, mas sim, a partir das experiências vividas e das pessoas que se importam para ele. Em certo trecho do livro, ele ressalta isso ao citar que o pequeno príncipezinho “era mais precioso do que qualquer diamante.” (Murville, 2021, p. 62). Isso porque o menino mostrou a ele uma nova ideia de riqueza e preciosidade, fazendo-o refletir não apenas sobre o meio ao seu redor, mas também sobre si mesmo. “A presença do Pequeno Príncipe ao meu lado me incentivava a gostar

das coisas simples, a apreciar a vida e as maravilhas da natureza” (Murville, 2021, p. 52), diz o garimpeiro.

O sentimento de pertencimento que a autora tenta passar, ao fim do livro, também é perceptível, ao revelar o segredo de como e para onde os personagens estavam se teletransportando. Mostra como o sentimento do garimpeiro e do pequeno príncipe eram de topofilia — elo entre o afeto, a pessoa, o lugar e o ambiente físico (Tuan, 1980) — pelo lugar em que eles habitavam. O garimpeiro que antes não apreciava tanto o lugar onde morava, começou a ter seus sentimentos transformados, depois do contato que teve com o Pequeno Príncipe e com os lugares que visitou; passou a enxergar as belezas naturais que, por tanto tempo, esteve tão perto, mas que não valorizava. Dessa forma, desenvolve-se esse sentimento de pertencimento ao longo da narrativa.

Considerações finais

Destacamos, por fim, dois aprendizados para que possamos refletir. Primeiro, a reflexão sobre apreciar as coisas simples que estão ao nosso redor; vivemos em um mundo de tantos acontecimentos, de tanta correria, que, em muitos momentos, acabamos nos importando mais com coisas superficiais que estão longe do que com as coisas simples que estão tão perto de nós. O garimpeiro é um grande exemplo disso. Ele tinha a oportunidade de viver em um lugar incrível, de belezas extraordinárias, todavia não valorizava, não aproveitava, pois passava a maior parte do seu tempo buscando apenas uma coisa: as riquezas provenientes dos diamantes. Devemos aprender a valorizar as coisas simples, prestar atenção aos detalhes que estão ao nosso redor e a apreciar as pequenas coisas, pois as melhores coisas da vida são encontradas na simplicidade e não vale a pena perder para poder valorizar.

A segunda reflexão é como nossos pensamentos, intenções e emoções podem afetar a nossa vida. Como iremos continuar nosso trajeto, depende bastante da reflexão sobre esses elementos em conjunto. Se escolhemos ter apenas pensamentos negativos,

conseqüentemente, a nossa vida será rodeada de coisas negativas, uma vida contaminada; mas se decidirmos pensar em coisas boas e ter boas intenções, a nossa forma de viver também mudará. Claro que todos nós passamos por momentos difíceis em nossa vida. Na linha dos filósofos existenciais, o que muda é como vamos enfrentá-los, quais serão nossos pensamentos, intenções e emoções naquele momento.

Por fim, podemos destacar que refletimos, ao longo da feitura dessa análise, sobre as nossas próprias buscas incessantes. Às vezes, por algo que nem nós mesmos temos plena ciência do que nos mobiliza. Daí, a importância de seguir verdadeiramente nossos sentimentos, sempre acompanhados de uma reflexão autobiográfica, que vislumbre nosso trajeto e nosso futuro. Disso decorre a importância da atividade docente, pois as crianças, os jovens e também os adultos nem sempre se dão conta de que essas caminhadas sem rumo e sem sentido são prejudiciais a si mesmos e aos demais que compartilham o viver.

Referências

CABRAL, Marcelo. "O Pequeno Príncipe visita a Chapada Diamantina": um passeio mágico e original pelas belezas da Bahia. **Blog iChapada Diamantina**. Bahia, 01 maio de 2023. Disponível em: <https://blog.ichapadadiamantina.com.br/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

EL PAÍS. **Restos mortais de Hugo Ferrara, espanhol desaparecido em 2015, são encontrados no Brasil**. Rio de Janeiro/ Madri, 12 maio de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/internacional/1494571731_355887.html. Acesso em: 09 set. 2024.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Coleção como usar na sala de aula).

GIUDICE, Dante Severo; SOUZA, Rosemeri Melo e. Geologia e Geoturismo na Chapada Diamantina. **Gestión Turística**, n. 14,

Julio-diciembre. 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8121841.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2024.

GUANAES, Senilde Alcântara. **Nas Trilhas dos Garimpeiros de Serra: Garimpo e turismo em Áreas Naturais na Chapada Diamantina-BA**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Campinas - SP, 2001.

LIMA, Brenda Laudano; BARRETO, Sylvia Dalcom Bastos; SPINOLA, Carolina de Andrade. Parque Nacional da Chapada Diamantina: uma investigação do suporte à saúde nos municípios de seu entorno. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, v. 11, n. 2, p. 5-22, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/12682>. Acesso em: 07 dez. 2024.

MURVILLE, Christiane Couve de. **O Pequeno Príncipe visita a Chapada Diamantina**. 1ed. São Paulo: Ed. da Autora, 2021. (As viagens do pequeno príncipe).

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Lafonte, 2015.

TUAN, Yi- Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina - PR: Eduel, 1980.

Organizadores

André Augusto Diniz Lira - Professor Titular da UFCG. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG, atuando na linha Práticas Educativas e Diversidade. Pesquisador Associado ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação (CIERS-Ed) da Fundação Carlos Chagas (FCC). Realizou estágio pós-doutoral em Educação na FCC e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. Realiza estágio Pós-doutoral na Escola Superior de Teologia (EST/RS). Doutor, Mestre e Especialista em Educação pela UFRN. Licenciado em Psicologia e Formação de Psicólogo pela UEPB. Bacharel em Letras na Universidade Estácio de Sá. Bacharel em Teologia na Faculdade Teológica Sul Americana. Tutor do PET Pedagogia da UFCG. Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade, Cultura e Educação (GPSCE). Tem interesse na orientação e no desenvolvimento de pesquisas em: Identidades sociais e profissionais na educação. Teoria das Representações Sociais e Educação. Pesquisas (auto)biográficas na educação. Pesquisas bibliográficas em conceitos educacionais. Ensino superior. E-mail: andreaugustoufcg@gmail.com

Fabiana Ramos - Professora Associada da UFCG, atuando no Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG, na linha Práticas Educativas e Diversidade, e no Curso de Pedagogia da UFCG, ministrando componentes curriculares relacionados à linguagem e à literatura infantil. Possui Doutorado em Linguística (2015), Mestrado em Letras (1999) e Licenciatura Plena em Letras (1995) pela Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora Administrativa da Unidade Acadêmica de Educação da UFCG. Atua principalmente nos seguintes temas de pesquisa: formação do

professor, construção identitária docente, letramento, formação de leitores e literatura infantil. E-mail: fabiramos.ufcg@gmail.com

Jackeline Pereira Mendes - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Campina Grande, na linha de Práticas Educativas e Diversidade. Bolsista CAPES - Demanda Social - Cota PRPG. Possui graduação em Pedagogia pela UFCG. Participou como bolsista do Grupo PET Pedagogia da UFCG de 2019 até 2023. Interessa-se pelas seguintes temáticas: Formação de Leitores e Literatura Infantil, Formação de Professores para Formar Leitores, Crianças e Infâncias. E-mail: mendesjackeline.ufcg@gmail.com

Autoras, autores e ilustradora

Ana Beatriz Siqueira Gomes - Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG. Bolsista do PET-Pedagogia/UFCG. Foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFCG. Áreas de interesse: Letramento, Educação Inclusiva, Literatura Infantil. E-mail: beatrizsqra@gmail.com.

Andreia Fernandes Oliveira - Realiza estágio pós-doutoral no PPGEd da UFCG, sendo bolsista Fapesq (2024-2025). Possui Doutorado (2019) e Mestrado em Educação (2019) pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduação em Teologia (2006) na UniBennett e Fonoaudiologia (1996) no Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação - IBMR. Áreas de interesse: Educação das Relações Étnico-raciais, Gênero e educação, educação em prisões. E-mail: andreiasankofa@gmail.com

Antonelly Pereira Vieira - Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG. Bolsista do PET - Pedagogia UFCG. Foi bolsista do Programa de Monitoria da UFCG, na disciplina de Fundamentos Econômicos da Educação. Áreas de interesse: Literatura Infantil e formação de leitores; Brinquedos e brincadeiras; Educação infantil. E-mail: antonellypereira15@gmail.com

Emanuely Cristina de Souza Nascimento - Graduada em Pedagogia pela UFCG. Pós-graduanda em História, Política e Gestão da Educação Básica pela UFCG. Mestranda em Educação na UFCG. Foi bolsista do PET Pedagogia da UFCG. E-mail: emanuelysouza58@gmail.com

Givanilson dos Santos Sousa - Bolsista do PET-Pedagogia. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Infâncias, Educação

Infantil e Contextos Plurais - GRÃO. Foi bolsista de Iniciação Científica pela FAPESQ. Áreas de interesse: Educação Infantil, literatura e Educação Inclusiva. E-mail: givanilsonsousa2@gmail.com

Heloise Beatriz Lucio Sousa - Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG. Bolsista do PET - Pedagogia UFCG. Áreas de interesse: Educação Antirracista, Literatura Infantil, Educação Infantil. E-mail: heloiselucio92@gmail.com

Janaina Morais Gomes - Graduanda do Curso de Pedagogia pela UFCG. Bolsista do PET-Pedagogia/UFCG. Foi bolsista do Programa de Monitoria da UFCG, na disciplina Fundamentos Filosóficos da Educação. Áreas de interesse: Educação Infantil, Literatura Infantil, Letramento, Psicologia Educacional, Psicologia do desenvolvimento humano, Crianças e Infâncias. E-mail: janainaa1299@gmail.com

José Clêyson Barbosa de Santana - Graduando do Curso de Pedagogia pela UFCG. Bolsista do PET-Pedagogia/UFCG. Áreas de interesse: Educação do olhar, Cultura popular e Gamificação. E-mail: cleysonclehh@gmail.com

Luzinete Barbosa da Silva - Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Professora efetiva na rede municipal de ensino em Umbuzeiro - PB. É organizadora dos livros "Umbuzeiro - Estudos, Histórias e Memórias" e "O Casal que Transformou Umbuzeiro - a contribuição de Nivaldo Araújo e Lucy Duarte para o desenvolvimento local" e autora do livro "Coco de Roda - Relatos e Registros da Vivência do Coco em Umbuzeiro. Áreas de interesse: História, Cultura e Educação. PB". E-mail: silva1986lu@gmail.com

Maria Izabel Araújo da Silva Santos - Bolsista do PET- Pedagogia UFCG. Áreas de interesse: Políticas Educacionais, Educação

Infantil, Brinquedos e Brincadeiras. E-mail: mariaizabelaraujo977@gmail.com

Milena da Silva Guilherme - Graduanda do curso de Pedagogia pela UFCG. Bolsista do PET- Pedagogia UFCG. Áreas de interesse: Arte, Educação Inclusiva, Educação Infantil, Corporeidade na Educação. E-mail: milena.guilherme@estudante.ufcg.edu.br

Pamela Melo Silva Cruz - Graduada em Pedagogia pela UFCG. Foi bolsista do PET Pedagogia da UFCG. E-mail: pamelamelo306@gmail.com

Emanuelle Custodio Sousa de Carvalho (Ilustradora) - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Campina Grande, na linha de História Políticas e Gestão Educacionais. Bolsista CAPES, pelo Observatório de Pesquisa da Educação básica: impactos da pandemia sobre o direito à educação e a reconfiguração do trabalho docente. Possui graduação em Pedagogia pela UFCG. Foi voluntária do Programa de Monitoria da UFCG, na disciplina de introdução à sociologia. Participou como bolsista do Grupo PET Pedagogia da UFCG de 2020 até 2023. Áreas de interesse: tecnologias digitais no trabalho docente, avaliações externas, política curricular e educação na pandemia/pós pandemia de COVID-19. E-mail: emanuellearvalhos3@gmail.com

O **Pequeno Príncipe** é uma obra-ímpar que une a perícia de uma mesma mão e de um mesmo gênio. O desenhista-aviador é um exímio narrador, criando mundos pequenos e grandes, os seres que ali habitam, as relações travadas entre esses, permitindo reflexões sobre si mesmo, sobre a sociedade em que vivemos e sobre o futuro que queremos. Diante da variedade de obras que se conectam com esse clássico, este livro se propõe a revisitá-lo; assim como suas releituras, adaptações e comentários.

